

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**GUILHERME DUARTE FIGUEIREDO DE SOUZA**

**TRAJETÓRIAS DE CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA: SISTEMAS  
AGROFLORESTAIS, COOPERAÇÃO, RECIPROCIDADE E RESISTÊNCIA EM  
VACARIA, RS**

**PORTO ALEGRE**

**2021**

**GUILHERME DUARTE FIGUEIREDO DE SOUZA**

**TRAJETÓRIAS DE CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA: SISTEMAS  
AGROFLORESTAIS, COOPERAÇÃO E RECIPROCIDADE E RESISTÊNCIA EM  
VACARIA, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Viviane Camejo Pereira.

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio.

**PORTO ALEGRE**

**2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Souza, Guilherme Duarte Figueiredo de  
Trajetórias de construção da agroecologia :  
sistemas agroflorestais, cooperação, reciprocidade e  
resistência em Vacaria, RS / Guilherme Duarte  
Figueiredo de Souza. -- 2021.  
168 f.  
Orientadora: Viviane Camejo Pereira.

Coorientador: Fábio Kessler Dal Soglio.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Sistemas agroflorestais. 2. Cooperação. 3.  
Reciprocidade. 4. Agroecologia. 5. Vacaria. I.  
Pereira, Viviane Camejo, orient. II. Dal Soglio,  
Fábio Kessler, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**GUILHERME DUARTE FIGUEIREDO DE SOUZA**

**TRAJETÓRIAS DE CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA: SISTEMAS  
AGROFLORESTAIS, COOPERAÇÃO, RECIPROCIDADE E RESISTÊNCIA EM  
VACARIA, RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 30 de setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Viviane Camejo Pereira - Orientadora  
UFPR

---

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio - Coorientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto  
UFRGS

---

Prof. Dra. Gabriela Coelho de Souza  
UFRGS

---

Prof. Dr. Walter Steenbock  
ICMBIO

À todos os agricultores e agricultoras que, inconformados com a brutalidade e a violência encontrados no capitalismo agrícola, plantam resistência em formato de floresta.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, pelo apoio em praticamente todo e qualquer projeto nos quais me envolvi até hoje. Levo vocês no coração sempre. Agradeço também à minha irmã Mariana pela habilidade inigualável de trazer alegria ao mundo e me acompanhar desde os primeiros passos. Ao meu cunhado Bruno com um abraço forte.

Agradeço aos irmãos que não são de sangue mas são de vida, porque mesmo à distância sempre me apoiaram e estiveram presentes nessa trajetória, a todos os King Size e ao jaboti que nunca tivemos, um abraço com amor.

Aos amigos de Porto Alegre, que me receberam e me apresentaram um novo universo, longe de casa, me acolheram e muito me ensinaram, em especial meu irmão querido Davi, Pati e claro, Vitor.

À toda a equipe do PGDR, exímios em seus trabalhos, pessoas fantásticas a quem devo muito. Macarena, Ana Paula, Dani e demais, obrigado pela dedicação.

Ao corpo docente do PGDR com quem tive contato, professor José Carlos dos Anjos por compartilhar um pouco de sua genialidade conosco, professora Lorena por me aturar em sala de aula e todos os demais. Privilégio imenso aprender com vocês.

Agradeço especialmente as professoras Rumi e Gabriela, que desde 2017 buscaram incansavelmente formas de me fazer evoluir, de me fazer crescer e são exemplos de excelência profissional inquestionável. Devo muito a vocês.

Aos colegas do PGDR que, sem dúvida alguma, contribuíram de forma ímpar para meus aprendizados, pessoas de um potencial imenso com as quais tive o prazer de caminhar. Um abraço com muito carinho em especial ao Pepo, Tiago, Mohmed, Pedro, Dal Sasso, Helena e ao Andrey, que tem o maior coração que o mundo já viu.

Agradeço imensamente aos meus orientadores, professor Fábio, sempre disposto a me ajudar e professora Viviane Camejo. Não consigo imaginar ninguém que poderia ter me orientado tão bem como você, obrigado por toda a dedicação, pela paciência, por acreditar e não desistir de mim, por compartilhar sua sabedoria, pelo cuidado por esta pesquisa e pelas contribuições ao longo do texto. Muito obrigado, de coração.

Subindo a serra e cruzando o rio das Antas, agradeço imensamente ao meu amigo, colega e, certamente mestre, Alvir Longhi por quem tenho imensa admiração, com quem aprendo diariamente e por me ajudar a sempre ser melhor na luta pela Agroecologia. Não há palavras que expressem minha gratidão, Xirú.

Agradeço ainda a toda a equipe do CETAP, meus amigos e colegas que se esforçam por construir uma agricultura de resistência. A todos e todas, muito obrigado por cada segundo juntos.

Ao meu irmão da lida. Que lida! Danilo Nunes, uma das pessoas mais surpreendentes que já conheci na vida, meu professor de cultura gaúcha, tradutor do dialeto campeiro, caçador de cogumelo e futuro vegetariano.

Agradeço ainda à EcoCampos, Associação de agricultores que me recebeu e acolheu, se tornou minha família e me possibilitou o exercício científico. A todos os membros, muito obrigado!

Agradeço ao seu Idarci, pela amizade, pelas histórias incríveis, pelas risadas, pelas horas no sítio, pelas sementes trocadas, pelas conversas e desabafos num momento peculiar da história e pelo amor que tem pela vida e pelos animais.

Agradeço ao seu Fernando, por compartilhar sua calma, sabedoria, paciência e conhecimentos infinitos sobre a vida, o ser humano e o planeta. Homem a frente de seu tempo, agradeço também a recomendação da leitura de Kropotkin. Extremamente útil e frutífera para este trabalho.

Agradeço ao Tio Paulo, à Carina, Solene e Evaristo por trazer tanto amor ao mundo, pela positividade, pelas refeições maravilhosas, pelo exercício da resistência, pela doação de tempo, esforço e energia na luta pela Agroecologia. Ao Evaristo em especial, agradeço por existir e ser um dos seres humanos mais incríveis que já conheci.

Ao pessoal do Tear, agradeço imensamente ao Juceli e dona Gilvana, que sempre me trataram com muito carinho e me adotaram quando a saudade da família apertava. Muito obrigado!

Agradeço ao Pablo, nunca conheci ninguém capaz de trazer ao mundo tanta energia, amor e alegria como você. Cada segundo na tua companhia faz a vida melhor, cada aventura me deu a certeza de que estejamos onde for, sempre seremos irmãos, foi assim em outras vidas, será assim no futuro, eu te amo.

Agradeço por fim à minha família nuclear, ao Zuko e Kaya Doce, por encontrar em vocês um poço de amor completamente infinito, lealdade, proteção e

acolhida, quando por vezes, me senti solitário e triste, vocês nunca deixaram o meu lado. Agradeço a Kyoshi por ter entrado em minha vida trazendo tanta alegria.

À Ana Beatriz por sua parceria, seu amor, comprometimento, lealdade, por cada segundo ao teu lado, pois estou convencido de que são estes os que fazem a luta por um mundo melhor valer a pena. Obrigado por sua existência, obrigado por estar sempre comigo nos momentos mais difíceis e também nos mais belos. Sem você essa caminhada teria sido mais longa, difícil e solitária. Amo você hoje e sempre.

## RESUMO

A presente pesquisa busca compreender as contribuições das relações sociais entre agricultores do município de Vacaria, Rio Grande do Sul, para a construção da Agroecologia na região. Tem como foco de análise, quatro casos de agricultores membros de uma Associação que identificam nos Sistemas Agroflorestais (SAF's) uma estratégia de resistência ao paradigma agrícola hegemônico no município, alicerçado no modelo proposto pela Revolução Verde. Para empreender tal esforço, parte-se das contribuições da Perspectiva Orientada ao Ator (POA) e da Teoria da Reciprocidade. Buscou-se compreender a centralidade da noção de agência proposta pela primeira, e as contribuições do surgimento de um valor humano, produto de relações recíprocas, como elemento de construção de significado e atribuição de sentido aos projetos de vida dos atores sociais envolvidos. Identificaram-se os principais espaços de fortalecimento da prática agroflorestal e da Agroecologia no qual os atores estão inseridos, levando em conta também a importância de outros atores no processo de promover e catalisar a organização social dos agricultores em seu processo de transição agroecológica. A reconstrução das quatro trajetórias de vida dos interlocutores, o entendimento dos espaços que frequentam e a compreensão do surgimento de valores éticos oriundos das relações de reciprocidade, permitem afirmar se tratar de um caso no qual os atores exercem suas capacidades de perceber o mundo ao seu redor e agir sobre ele. Dessa forma, articulam estratégias de resistência que os permitam, coletivamente, avançar em direção a seus projetos de vida. Conclui-se que, ao cooperar, os atores dão origem a uma forma de organização social que se propõe a superar as dificuldades estruturais observadas no município. Como produto de tal processo, atingem não apenas vantagens materiais como acesso a equipamentos, certificação, assistência técnica e insumos, mas também constroem uma identidade coletiva pautada em elementos subjetivos como amizade, confiança e afeto, contribuindo para o fortalecimento da dimensão social da Agroecologia. Os Sistemas Agroflorestais, por fim, reificam a resistência à Revolução Verde e aparecem enquanto alternativa técnica e produtiva para uma outra forma de se praticar a agricultura no município e região e que, com suas características próprias, detém o potencial de ampliar a rede de atores em cooperação e, conseqüentemente, fortalecer a construção social da Agroecologia.

**Palavras-chave:** Sistemas agroflorestais. Cooperação. Reciprocidade. Agroecologia. Vacaria.

## RESUMEN

La presente investigación busca comprender las contribuciones de las relaciones sociales entre agricultores de la municipalidad de Vacaria, Rio Grande do Sul, para la construcción de la Agroecología en la región. Tiene como enfoque de análisis cuatro agricultores parte de una Asociación que identifican, en los Sistemas Agroforestales (SAF's) una estrategia de resistencia al paradigma agrícola hegemónico en la región, sostenido en el modelo propuesto por la Revolución Verde. Para lograr tal esfuerzo, se parte de las contribuciones de la Perspectiva Orientada al Actor (POA) y de la Teoría de la Reciprocidad. Se buscó comprender la centralidad de la noción de la agencia propuesta por la primera y las contribuciones del surgimiento de un valor humano, producto de las relaciones recíprocas como elemento de construcción de significado y atribución de sentido a los proyectos de vida de los actores sociales involucrados en el proceso. Se identificaron los principales espacios de fortalecimiento de la práctica agroforestal y de la Agroecología en los que los agricultores se insertan, considerando también la importancia de otros actores en el proceso de promover y catalizar la organización social de los agricultores en su proceso de transición agroecológica. La reconstrucción de las cuatro trayectorias de vida de los interlocutores, el entendimiento de los espacios que frecuentan y la comprensión del surgimiento de valores éticos productos de las relaciones de reciprocidad, permiten averiguar que se trata de un caso en el que los actores ejercen su capacidad de percibir el mundo a su alrededor y actuar sobre ello. De esa manera, articulan estrategias de resistencia que los permiten, colectivamente, avanzar en dirección a sus proyectos de vida. Se concluye que, mientras cooperan, los actores dan origen a una forma de organización social que se propone a superar las dificultades estructurales observadas en la región. Como producto de ese proceso, logran, no solamente beneficios materiales, como el acceso a equipos, certificación, asistencia técnica e insumos, pero también construyen una identidad colectiva basada en elementos subjetivos como amistad, confianza y afecto, contribuyendo para el fortalecimiento de la dimensión social de la Agroecología. Los Sistemas Agroforestales, finalmente, cosifican la resistencia a la Revolución Verde y surgen como alternativa técnica y productiva para una otra forma de practicar la agricultura en la región y que, con sus características propias, tiene el potencial de aumentar la red de actores en cooperación y, consecuentemente, fortalecer la construcción social de la Agroecología.

**Palabras-clave:** Sistemas agroforestales. Cooperación. Reciprocidad. Agroecología. Vacaria.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do município de Vacaria na Mesorregião Nordeste do Rio Grande do Sul .....	24
Figura 2 - Variações da Floresta Ombrófila Mista .....	25
Figura 3 - Vegetação típica dos Campos de Cima da Serra, área de poteiros com Araucárias e Butiás .....	26
Figura 4 - Área de campo nativo, lavoura e floresta na região dos Campos de Cima da Serra.....	26
Figura 5 - Mosaicos campo-floresta na região de São Francisco de Paula, RS... 27	
Figura 6 - Brasão do município de Vacaria, RS .....	27
Figura 7 - Trabalhadores aguardam a chegada do governador do RS, Eduardo Leite para a abertura oficial da safra da maçã .....	30
Figura 8 - Monumento à maçã na entrada principal de Vacaria .....	31
Quadro 1 - SAF's e suas contribuições para otimização de princípios agroecológico .....	54
Quadro 2 - Reuniões e atividades da pesquisa .....	63
Quadro 3 - Objetivos específicos, referenciais, método e ferramentas mobilizadas .....	69
Figura 9 - Silo para armazenamento de grãos .....	92
Figura 10 - Localização das propriedades estudadas em Vacaria e região .....	114
Gráfico 1 - Estruturas de organização da Rede Ecovida de Agroecologia .....	123
Figura 11 - Reciprocidade em sistema de compartilhamento e a construção de uma unidade em interação em torno da EcoCampos, Vacaria, RS .....	140

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAEs	Associação de Agricultores Ecologistas
Aproccima	Associação dos Produtores Rurais dos Campos de Cima da Serra
CAE - Ipê	Centro de Agricultura Ecológica de Ipê
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas Populares
CIC	Câmara da Indústria e Comércio
CITE	Clube de Integração e Troca de Experiências
CODETER	Colegiado de Desenvolvimento Territorial
CSFN	Cadeira Solidária das Frutas Nativas
CTAF	Câmara Temática das Agroflorestas
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICRAF	Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal
IFRS	Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul
MDA	Ministério de Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG	Organização Não-Governamental
PANC's	Plantas Alimentícias Não-convencionais
PGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PIB	Produto Interno Bruto
POA	Perspectiva Orientada ao Ator
PRONAT	Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais
Rede Ecovida	Rede de Agroecologia Ecovida
SAF's	Sistemas Agroflorestais
SDT	Secretaria de Desenvolvimento Territorial

SEMA	Secretaria Estadual do Meio ambiente
SISAGUA	Controle do Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano
SPG	Sistema Participativo de Garantia
SPD	Sistema de Plantio Direto
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1	CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO.....	16
1.2	VACARIA, RS: CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS .....	23
<b>2</b>	<b>PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	36
2.1	PERCEBER O MUNDO E AGIR: PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR ... .....	38
2.2	RESISTÊNCIA .....	41
2.3	COOPERAÇÃO E A TEORIA DA RECIPROCIDADE .....	44
2.4	AGROECOLOGIA E SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM VACARIA, RS	47
<b>2.4.1</b>	<b>Agroecologia: uma breve reflexão conceitual</b> .....	47
<b>2.4.2</b>	<b>Sistemas Agroflorestais</b> .....	55
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	59
3.1	O PESQUISADOR E O PROCESSO ETNOGRÁFICO .....	59
3.2	FERRAMENTAS UTILIZADAS .....	68
<b>4</b>	<b>ENCONTRO COM OS ATORES: ENTRADA À CAMPO</b> .....	73
4.1	CONHECENDO E SEGUINDO OS ATORES: QUATRO TRAJETÓRIAS DE VIDA .....	78
<b>4.1.1</b>	<b>Caso 1</b> .....	79
<b>4.1.2</b>	<b>Caso 2</b> .....	85
<b>4.1.3</b>	<b>Caso 3</b> .....	93
<b>4.1.4</b>	<b>Caso 4</b> .....	100
4.2	TRAJETÓRIAS, AGÊNCIAS E RESISTÊNCIAS .....	107
<b>5</b>	<b>ARENAS DE CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA E DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS</b> .....	112
5.1	ECOCAMPOS .....	113
5.2	O FUNDO DAS AGROFLORESTAS .....	120
5.3	O NÚCLEO SERRA DA REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA E O CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO .....	122
5.4	CÂMARA TEMÁTICA DAS AGROFLORESTAS .....	127
5.5	CADEIA SOLIDÁRIA DAS FRUTAS NATIVAS .....	131

<b>6</b>	<b>COOPERAÇÃO E RECIPROCIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO E O FORTALECIMENTO DA AGROECOLOGIA NA ECOCAMPOS .....</b>	<b>135</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>146</b>
<b>7.1</b>	<b>ÚLTIMAS REFLEXÕES.....</b>	<b>153</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>157</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES.....</b>	<b>165</b>
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>167</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o processo de agricultores que, por meio da Agroecologia e da prática comum em torno dos sistemas agroflorestais, têm se organizado em uma Associação na busca pela superação do modelo social, técnico e produtivo hegemônico da agricultura em Vacaria, RS. Essa problemática tem sido objeto de minhas reflexões desde que, pela primeira vez, me deparei com os efeitos devastadores do regime sociotécnico da modernização da agricultura. Tais efeitos, principalmente no que tange à preservação e ao aumento das formas de vida no planeta, me trouxeram perplexidade e, na medida em que observava também suas consequências sociais e políticas, senti a necessidade por compreender melhor tais sistemas e buscar formas de superá-lo. Embora a interação humana com a agricultura tenha sido historicamente traçada por intervenções, por vezes radicais nos ecossistemas, o conjunto de processos que tem início neste novo reordenamento da produção agrícola contemporâneo se dá de forma inédita.

Ter realizado uma graduação em Relações Internacionais é algo que contribui significativamente em minha trajetória como pesquisador. Essa disciplina, que ainda é bastante recente e igualmente incompreendida, tem como principal característica a interdisciplinaridade e o esforço por se empreender uma visão sistêmica que procure dar conta dos múltiplos elementos em interação que conformam as diversas sociedades humanas.

Após a conclusão do curso, em intercâmbio no México, tive a possibilidade de conhecer as comunidades camponesas deste país e, posteriormente, residir na Guatemala e na Colômbia, onde, em ambos lugares, desenvolvia trabalhos em meio a comunidades indígenas e camponesas. Ao ser inserido nessas realidades, em especial na Guatemala, me deparei com a presença de empresas multinacionais, sobretudo no fornecimento de sementes para as comunidades. Esse choque de mundos distintos me fez querer compreender, afinal, o que estariam fazendo as mega corporações multinacionais, inseridas em pequenos vilarejo camponeses? A busca por respostas reordenou o eixo de minhas preocupações e a insatisfação por uma resposta única e a busca por uma visão panorâmica e pela complementaridade das diversas áreas do conhecimento me levariam, então, aos estudos sobre Desenvolvimento Rural.

Em um primeiro momento acreditei que era necessário encontrar uma solução para o quadro catastrófico que assola parte do mundo rural, sobretudo camponeses e povos e comunidades tradicionais que exercitam distintas formas de resistência a tal cenário. Após longo período de reflexão, me dei conta de que, além de não ser possível construir *um* modelo, uma série de estratégias já estão em progresso, seja nos principais centros de produção agrícola em larga escala, seja nos rincões mais isolados do mundo como nos países considerados como “subdesenvolvidos” ou, como prefere o eufemismo, “em desenvolvimento”.

A curiosidade de compreender modelos técnicos produtivos que dessem conta de suprir as demanda globais por alimento e recursos e, ao mesmo tempo, trabalhar na preservação de todas as formas de vida, levou-me a buscar por iniciativas que representassem a agência dos atores neste processo. Não tardou muito deparei-me com a agricultura orgânica que, apesar de interessante, gerava certa suspeita quanto à sua viabilidade, uma vez que, em grande medida, acaba por propor uma certa substituição de insumos, sem alterar profundamente as estruturas produtivas mais amplas. Pouco tempo depois tive a oportunidade de participar de mutirões do que me era apresentado como “Sistema Agroflorestal”. O assunto despertou-me o interesse e passei a adentrar em um mundo de vasta complexidade que transformaria permanente e intermitentemente minha vida. Ao conhecer a base dos princípios, fui ter com alguns de seus principais expoentes no Brasil, de onde absorvi o que chamo de “utopia agroflorestal” um modelo que, tal como o nome sugere, não serve para ser uma resposta e sim, um caminho a ser buscado, sempre.

Talvez minha compreensão sobre os Sistemas Agroflorestais tenha me influenciado a acreditar que a sustentabilidade na agricultura poderia ser alcançada se atingíssemos a excelência técnica desse tipo de prática. A partir do contato com o Projeto Panexus, um projeto de pesquisa no qual fui inserido, e no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) vi a realidade tomar uma outra dimensão de complexidade. Fui apresentado ao trabalho do Centro de Tecnologias de Alternativas Populares (CETAP), organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua na promoção da agricultura com base nos princípios da agroecologia através da extensão rural e apoio a grupos e comunidades de agricultores, bem como em interfaces com o público urbano criada em 1986. A entidade, que teve sua formação fortemente vinculada aos movimentos sociais, atualmente tem sua atuação em 26 municípios onde, dentre a vasta diversidade de

temas trabalhados, encontra-se os SAF's. Foi um dos técnicos da instituição quem categoricamente me propôs uma questão simples e que, no entanto, ainda encontro insegurança em responder. Afinal, o que são Sistemas Agroflorestais? Tomando esse caminho, conheci os Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul e fui apresentado aos agricultores que, em Vacaria e entornos desenvolviam essa prática.

Em um conjunto de experiências, visitas às propriedades, cursos e encontros casuais, me chamou a atenção o fato de que, pelo menos quatro deles mantêm uma relação muito próxima de cooperação, parceria e amizade. Comecei a compreender que, para além dos aspectos institucionais pelos quais estão ligados, existia o compartilhamento de alguns princípios e visões em comum, sobretudo no que diz respeito à forma como se pratica a agricultura na atualidade e às estratégias para superá-la. Tomei conhecimento de que estes agricultores conformam uma associação, a EcoCampos que se encontra situada estrategicamente em posição bastante especial, sobretudo no que diz respeito à assessoria técnica, acesso à equipamentos, mas, principalmente por estar inserida em uma ampla rede de atores que trabalham para garantir outras perspectivas de agricultura, ecologia e sociedade no Rio Grande do Sul. Assim, deixei que minha (pouca) experiência neste território me guiasse e me mostrasse caminhos onde acredito que o esforço da pesquisa científica seja necessário. Portanto, posso sintetizar meu tema genérico apresentado nas primeiras linhas desta seção e colocá-lo como “as relações de cooperação e reciprocidade para o fortalecimento dos Sistemas Agroflorestais (SAF's) e da Agroecologia no município de Vacaria, RS.

## 1.1 CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO

A modernização da agricultura, impulsionada sobretudo a partir da Revolução Verde ocorrida na segunda metade do século XX, trouxe impactos inegáveis sobre a produção agrícola mundial (PEREIRA, 2012; ALTIERI, 2012; MACHADO; MACHADO FILHO, 2014; MOONEY, 1947). No entanto, tem se destacado por ser uma das principais atividades responsáveis pela degradação ambiental de maneira sistêmica (ALTIERI, 2012; SHIVA, 2006). No Brasil, país historicamente marcado e influenciado pelas elites agrárias, concentração de poder e alarmantes índices de concentração econômica e fundiária, soma-se ao quadro um conjunto de graves

problemas sociais. A comoditização<sup>1</sup> da agricultura contribui para uma financeirização do setor, e vice versa, que se torna muitas vezes, responsável pelo endividamento de agricultores e sua eventual falência. Além disso, notam-se movimentos de substitucionismo e apropriação dos processos agrícolas por parte da indústria que buscam, respectivamente, “alcançar a produção industrial de alimentos e [...] a eliminação de elementos discretos da produção agrícola, sua transformação em atividades industriais e sua reincorporação na agricultura” (GOODMAN; SORJ; WILKINSON, 2008, p. 1).

A presente pesquisa se propõe a lançar um olhar sobre a agência<sup>2</sup> dos agricultores que se reflete nas construções estratégicas de atores sociais que visualizam na prática de Sistemas Agroflorestais uma possível forma de resistência a tais processos de degradação ambiental e do tecido social. Parte fundamental dessa estratégia parece repousar na cooperação e reciprocidade entre pares que compartilham projetos de vida.

De maneira geral, a principal concepção amplamente difundida de que a transformação da agricultura para uma escala industrial iria alimentar o mundo tem sido questionada por pesquisadores de distintas áreas, desde as abordagens técnicas e produtivas que desafiam o modelo hegemônico (ALTIERI, 1995; EHLERS, 1996; GLIESSMAN, 2002), até perspectivas centradas em uma abordagem sociológica (PLOEG, 2008; SABOURIN, 2011; SEVILLA GUZMÁN, 2006) além de diversas outras.

Na medida em que se adentra o século XXI nota-se um movimento de intensificação dos pacotes tecnológicos promovidos pela modernização da agricultura como resposta aos problemas e incompetências de sua própria lógica estruturante. Os Organismos Geneticamente Modificados, o investimento em nanotecnologias e promoção de cultivares altamente produtivas e igualmente dependente de insumos e agrotóxicos diversos, caracterizam o novo momento da agricultura. No entanto, não são somente teóricos, técnicos e pesquisadores que manifestam a percepção de que uma outra agricultura se tornou não somente desejável como vital no sentido mais literal da palavra. Basta lembrar que no Brasil, 1 a cada 4 municípios têm seu fornecimento de água contaminado por agrotóxicos

---

<sup>1</sup> Processo através do qual há um aumento gradativo da dependência das relações de produção de *commodities* na produção agrícola (FRIEDMANN, 1980).

<sup>2</sup> A ideia de agência é abordada com maior profundidade no capítulo 2 desta pesquisa.

(ARANHA; ROCHA, 2019). Disso decorre também o exponencial aumento de doenças graves tais como câncer e autismo, sobretudo na população rural (MARQUES, 2015). Essa realidade não se restringe à interpretação da academia, mas é capturada também por agricultores que buscam construir estratégias alternativas para a superação de tal modelo técnico e produtivo.

O município de Vacaria, localizado no nordeste do Rio Grande do Sul tem se destacado como pólo dessa forma massiva de produção agrícola. No total, em 2017 contabilizou-se aproximadamente 73 mil hectares cultivados com grãos (soja, milho, aveia, trigo e cevada), além de mais de 7 mil hectares de maçã dos 149.102 (valor total) hectares de estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2017). A produção desta última é marca registrada da cidade e um elemento central no imaginário coletivo no que diz respeito a possibilidades de desenvolvimento buscadas pelo poder público bem como por iniciativas privadas.

Essa presença da maçã na promoção de Vacaria dentro e fora do Rio Grande do Sul se dá de diversas formas, no entanto, o discurso em torno da geração de empregos parece incontestável. São frequentes as narrativas de que existe em Vacaria um antes e um depois da maçã e, mais recentemente, um antes e um depois da produção de grãos, sobretudo *commodities*. No entanto, esse modelo de produção agrícola que se instala, cresce e consolida no município, sobretudo a partir da década de 70, traz uma série de contradições inerentes a seu modo de reprodução. Se por um lado o setor da maçã promove-se como um dos principais geradores de empregos da cidade, por outro contesta-se as condições dos trabalhadores e trabalhadoras rurais que movimentam o setor, com especial ênfase aos trabalhadores sazonais, mobilizados das mais distintas partes do Brasil (e as vezes do mundo) que chegam ao município para a época da colheita. São frequentes as denúncias por contaminação de agrotóxicos, abuso de empregadores e precárias condições laborais manifestas na forma de acidentes de trabalho, baixa qualidade alimentar e salários que não condizem com a penosidade e a insalubridade da atividade.

Em uma outra frente, ocorre o embate de grandes produtores frente a um conflito de interesses que se converte em verdadeiro entrave entre alguns dos atores mais proeminentes do agronegócio da região (FEDRIZZI, 2020; MUJICA, 2001). Sojicultores e produtores de maçã recentemente tem experienciado um impasse no que diz respeito a manejo de determinados insumos e os resultados de

suas produções, onde perdas importantes no setor da maçã e da uva têm sido registradas a partir da contaminação por agrotóxicos oriundos dos cultivos de soja, nomeadamente o 2,4-D<sup>3</sup>. O quadro mobiliza importantes disputas políticas ao mesmo tempo em que traz à luz e denuncia, mesmo dentre os principais representantes do paradigma da Revolução Verde, sua insuficiência, precariedade e violência contra as formas de vida.

No entanto, a observação de Norman Long (2007) traz certo desconforto à visão que tende a homogeneizar e simplificar a realidade social. Segundo este autor, nos mais distintos cenários, os atores que experienciam a vida e a prática social da agricultura são dotados da capacidade de compreender e de agir sobre sua realidade a despeito das formas de coerção estruturais às quais são submetidos.

Nessa direção, tem-se que os atores sociais são capazes de agir de formas distintas mesmo sobre uma estrutura de influência muito similar, pois podem, dentre outros motivos, não se sentir representados ou notar que tais projetos de desenvolvimento ou formas de se praticar a agricultura não condizem com seus projetos de vida (LONG; LIU, 2009). É o que a presente pesquisa procura compreender através da reconstrução da trajetória de quatro agricultores que buscam, nos Sistemas Agroflorestais, e na cooperação, estratégias de resistência ao paradigma dominante. Dessa forma, contribuem para a construção de uma heterogeneidade da agricultura como fortalecimento das possibilidades de busca por seus projetos pessoais e para o crescimento de um novo paradigma na agricultura, a Agroecologia. O foco pretende se dar sobre as relações de cooperação e reciprocidade edificadas através dos Sistemas Agroflorestais como parte dessa estratégia, analisando a importância desses esforços na construção da Agroecologia em Vacaria.

Os SAF's distinguem-se das demais formas de manejo por permitir e contar com uma ampla variedade de cultivos possibilitando uma série de usos distintos. Consorciando espécies arbóreas, frutíferas, herbáceas e outras, esse sistema é capaz de produzir uma série de alimentos que, com diversificado e rico valor nutritivo, são fundamentais na garantia do direito humano a uma alimentação rica, saudável e equilibrada. Ao mesmo tempo, essa variedade permite às famílias

---

<sup>3</sup> O 2,4-D é um herbicida utilizado na agricultura convencional para o controle de plantas espontâneas. Ele elimina todo tipo de espécies vegetais que não é geneticamente modificado para resistir à sua aplicação e, quando atinge outras áreas por meio da deriva do vento, água ou outros agentes, pode afetar cultivos próximos.

agricultoras maior resiliência frente às oscilações de mercado ou às intempéries, uma vez que sempre há a possibilidade de apostar em um cultivo distinto caso se observe qualquer tipo de problema com um ou outro produto. No que diz respeito às questões ambientais, os Sistemas Agroflorestais contribuem de maneira ímpar para a conservação da agrobiodiversidade pelo uso, abrindo a possibilidade para o protagonismo de espécies nativas e ou ameaçadas. Ao mesmo tempo, fortalece as dinâmicas do agroecossistema local, preservando a flora e fauna, servindo de abrigo para polinizadores e outras espécies que são sabidamente essenciais para a manutenção de um conjunto de serviços ecossistêmicos que retroalimentam o sistema. Ao inspirar-se nas formações vegetais nativas da região de sua implementação, os SAF's reproduzem o habitat natural de animais, vegetais e insetos que serão favorecidos e constituirão relações intraespecíficas e interespecíficas em um processo que tende ao equilíbrio e à autorregulação, precisamente como aquele observado nas situações clímax das florestas originárias (STEENBOCK; VEZZANI, 2013).

Por ter como princípio fundamental a dinamização de processos naturais baseados no ecossistema local, fomentar o manejo de sistemas agroflorestais significa recuperar as dinâmicas ambientais da região. Pesquisas têm apontado para importantes contribuições desses sistemas, sobretudo no que diz respeito à recuperação e proteção do solo, manutenção da estabilidade microclimática e, sobretudo pela preservação da água, concentrando-a e não raramente recuperando nascentes e olhos d'água (MICCOLIS *et al.*, 2016).

Contudo, apesar das amplas possibilidades oferecidas através de uma agricultura realizada em Sistemas Agroflorestais, a realidade de Vacaria apresenta-se como um grande desafio aos agricultores que buscam se introduzir e ou consolidar na prática. Esses desafios fazem com que a transformação dos sistemas produtivos seja complexa, permeada por distintos elementos e particular para cada agricultor. Sobretudo em um contexto onde existe um conjunto de elementos e um aparato logístico amplamente favorável para os monocultivos em larga escala da agricultura convencional.

Assim, através da participação em reuniões de arenas que se dedicam à construção da Agroecologia, como a Cadeia Solidária das Frutas Nativas (CSFN), a Ecocampos e a Câmara Temática das Agroflorestas (CTAF), além de reuniões do CETAP, há a constatação de que existem sérias debilidades na cadeia produtiva dos

principais produtos agroflorestais da região. Debilidades das mais variadas ordens, sejam elas prática, técnica e produtiva ou organizacional, logística, e mesmo de acesso a mercados estáveis e que possibilitem um mínimo de segurança de renda aos produtores.

É notável, portanto, que existam agricultores que, mesmo diante de um conjunto de adversidades manifestem o interesse em manter e por vezes ampliar suas áreas de Sistemas Agroflorestais. Essa motivação e persistência parecem produto de uma reflexão crítica sobre os ditames da agricultura convencional e, portanto, a manifestação da capacidade de agência potencializada no encontro desses agricultores, diante de uma realidade que seria certamente caracterizada como adversa.

Dentro desse contexto, surgem dos atores perspectivas antagônicas ao modelo hegemônico da agricultura que dão origem a um conjunto de ações por parte de agricultores, técnicos e pesquisadores que procuram uma outra forma de se relacionar com a natureza e de produzir alimentos. Os Sistemas Agroflorestais têm sido fomentados na região e têm se consolidado como processo de resistência de agricultores ao avanço da agricultura convencional e de suas mazelas. Os atores envolvidos com a temática dos Sistemas Agroflorestais em Vacaria se encontram em espaços como os acima mencionados (EcoCampos, Câmara Temática das Agroflorestas, Rede de Agroecologia Ecovida e outros), como forma de fortalecer a prática agroflorestal e ampliar seu espectro de possibilidades de comercialização de produtos agroecológicos. Além disso, buscam expandir as redes logísticas para escoamento das produções, compartilhar conhecimento e construir estratégias coletivas de acesso a recursos e equipamentos.

Esse processo, no entanto, também permite criar oportunidades para a interação e o contato interpessoal entre os agricultores e demais atores envolvidos no tema. Tais interações, são capazes de dar origem a elementos subjetivos que são produtos da prática agroflorestal, mas também do se fazer Agroecologia, como a construção de um sentimento de pertencimento a um coletivo que partilha de projetos e visões de mundo em comum. Tal esforço se dá como forma de fortalecimento de um conjunto de ideais para a organização de estratégias de enfrentamento, resistência e empoderamento através da amizade, solidariedade e companheirismo.

Nessa perspectiva, observa-se um grupo de atores que conformam redes de cooperação e reciprocidade como forma de fortalecer os Sistemas Agroflorestais. Através da compra coletiva de equipamentos, organização para o beneficiamento e comercialização dos produtos dos SAF's, realização de pesquisas, de mutirões de manejo, lutam pela promoção de uma agricultura de base ecológica.

Assim, considerando o contexto onde os agricultores estão inseridos, seus projetos de vida e o desejo por transformar seus sistemas produtivos, mas também a realidade social à sua volta, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: *Qual a contribuição das relações sociais entre os atores envolvidos na prática agroflorestal para a manutenção deste sistema de produção e de que forma a agência destes atores contribui para a construção da Agroecologia na região?*

A partir desse questionamento, o objetivo geral proposto para a presente pesquisa é compreender como os processos de cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia. Para buscar respondê-los, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos:

- a) compreender as motivações dos agricultores para a implementação e manutenção de sistemas agroflorestais em suas propriedades;
- b) identificar e analisar os espaços de fortalecimento da prática agroflorestal nos quais esses agricultores estão inseridos, identificando os principais atores que conformam tais espaços;
- c) analisar os processos de cooperação e reciprocidade estabelecidos nesses espaços, buscando compreender como de fato eles se configuram como estratégia de construção e fortalecimento da Agroecologia.

Para empreender esse esforço a presente pesquisa está dividida em 7 capítulos. Inicialmente apresenta-se um panorama do desenvolvimento da agricultura no município de Vacaria somado à descrição da paisagem oferecendo uma contextualização de elementos sociais, históricos e geográficos que influenciam na prática social da agricultura no município. Na sequência, aborda-se o conjunto de contribuições teóricas que permitem olhar e analisar criticamente a realidade observada na pesquisa de campo.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia adotada durante a pesquisa colocando inquietações do pesquisador no exercício da investigação, sobretudo desde uma abordagem etnográfica. O capítulo 4 apresenta o processo de introdução

ao campo da pesquisa propriamente dita, onde se aborda o encontro com os atores e as aproximações iniciais. O foco se dá sobre a descrição e análise das quatro trajetórias de vida dos interlocutores da pesquisa e responde ao primeiro objetivo específico desta.

O quinto capítulo tem o intuito de apresentar as arenas de construção da agroecologia identificadas como proposto no segundo objetivo específico da investigação, analisa suas origens, modo de funcionamento bem como o posicionamento dos agricultores dentro desses espaços. O capítulo 6, por sua vez, é dedicado a uma análise dos processos e relações sociais de cooperação e reciprocidade encontrados a partir da convivência com os atores, onde se busca compreender a relação entre esses elementos e a prática da Agroecologia conforme proposto no terceiro objetivo específico. Por fim, o capítulo 7 traz as considerações finais do caminhar da pesquisa e algumas reflexões finais sobre o trabalho, levando em conta a trajetória do pesquisador e as escolhas teóricas adotadas.

## 1.2 VACARIA, RS: CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS

*“Vacarianos vim cantar a tua terra  
Subi a serra emponchado em alegria  
Ver os teus campos, visitar a catedral  
Pisar o pago magistral de Vacaria”  
(Wilson Paim, 1992)*

A presente seção tem como objetivo contextualizar o debate sobre a agricultura em Vacaria no sentido de possibilitar a visualização de um modelo técnico e produtivo hegemônico no município a partir de alguns dados gerais sobre a geografia da região. Também se busca reconstruir de maneira breve a trajetória histórica e a evolução do setor agropecuário do município como forma de estabelecer um pano de fundo para as futuras discussões que são o cerne desta pesquisa.

O município de Vacaria, localizado no nordeste do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), possui em sua trajetória forte influência das atividades relacionadas à agricultura e à pecuária, não apenas do ponto de vista econômico, mas também no que diz respeito à construção de um imaginário e de símbolos que atualmente constituem a identidade com a qual se identifica.

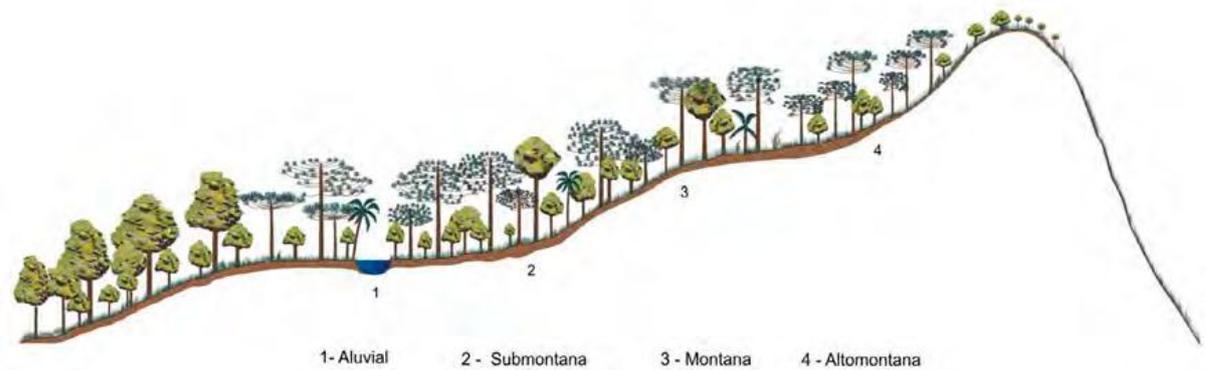
Figura 1 - Localização do município de Vacaria na Mesorregião Nordeste do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado pelo autor de Confederação Brasileira de Orientação (2018).

A paisagem é marcada por um ecossistema formado por mosaicos entre áreas de campos e retalhos de floresta, nomeadamente a mata atlântica do tipo Floresta Ombrófila Mista, onde o termo ombrófila faz menção à abundância de chuvas na região. Esse tipo de formação vegetal é comumente subdividido em 4 grupos, Floresta Ombrófila Mista Aluvial, Submontana, Montana e Alto-Montana variando de acordo com a altimetria de cada formação (IBGE, 2012). O município de Vacaria pode ser identificado em região do tipo Floresta Ombrófila Mista do tipo Montana onde as médias altimétricas ficam em torno dos 800 metros sobre o nível do mar (IBGE, 2012). Tal formação é de particular interesse no que diz respeito às espécies que se destacam nesse tipo de paisagem, sendo originalmente abundante a presença de indivíduos de Araucária (*Araucaria angustifolia*) associada à erva mate (*Ilex paraguariensis*) e a outras espécies como a Caneleira (*Ochotea pulchella*) (IBGE, 2012). A figura 2 ilustra a Floresta Ombrófila Mista em suas variações.

Figura 2 - Variações da Floresta Ombrófila Mista



Fonte: IBGE (2012, p. 83).

Além das formações florestais, contudo, a paisagem é marcada pelo contraste com campos de altitude que podem, segundo Pillar *et al.* (2009) ser classificados como campos limpos - onde se nota a presença de gramíneas das famílias Poaceae e Ciperacea - e campo sujo com destaque para a presença da família Asteracea (PILLAR *et al.*, 2009). De todos modos a grande diversidade de espécies herbáceas chama a atenção e sua preservação está, atualmente, relacionada com o exercício da pecuária na paisagem.

Outro elemento a ser destacado sobre tal região é a manutenção dessa formação de mosaicos campo-floresta em um contexto climático que é hoje distinto do que teria originado a paisagem campestre. O atual nível de umidade da região favorece, na verdade, o desenvolvimento pleno de florestas sendo, portanto, a permanência dos campos atribuída à ação antrópica através da pecuária e da prática de queimadas (PILLAR *et al.*, 2009). Esses elementos fazem com que exista uma relação direta entre esse tipo de atividade produtiva e a manutenção das espécies vegetais locais, sobretudo as gramíneas.

O clima do município é de tipo temperado úmido Cfb na escala Koppen Geiger, com chuvas bem distribuídas ao longo do ano - variando entre 101mm e 174mm em sua média mensal e estações bem definidas (CARDOSO *et al.*, 2012). É um dos municípios mais frios do Brasil, característica que influencia profundamente o desenvolvimento das atividades agropecuárias na região (CARDOSO *et al.*, 2012). As figuras 3, 4 e 5 ilustram um pouco da paisagem.

Figura 3 - Vegetação típica dos Campos de Cima da Serra, área de poteiros com Araucárias e Butiás



Fonte: Alvir Longhi (2017).

Figura 4 - Área de campo nativo, lavoura e floresta na região dos Campos de Cima da Serra



Fonte: Guilherme Souza (2020).

Figura 5 - Mosaicos campo-floresta na região de São Francisco de Paula, RS



Fonte: Tiago Fedrizzi (2020).

A história que tece o pano de fundo do presente estudo e é narrada a seguir, pode ser ilustrada em seus elementos de destaque na Figura 6, que destaca o brasão do município.

Figura 6 - Brasão do município de Vacaria, RS



Fonte: Prefeitura de Vacaria (2020).

O município de Vacaria foi fundado em 1850, inicialmente, sob o nome de Baquería de los piñales no contexto de expansão das missões jesuíticas no Rio Grande do Sul sob a forte influência da presença espanhola. O termo diz respeito a

um local onde os jesuítas reuniam as vastas tropas de gado em áreas de campo protegidas pela densa presença de um pinheiro nativo, a araucária. Anteriormente, predominava na região a presença de indígenas Kaingang que se dedicavam majoritariamente às atividades de caça e ao extrativismo (MUJICA, 2001).

A pecuária, no contexto dos deslocamentos das tropas, sobretudo no trecho entre o Rio Grande do Sul e o estado de São Paulo, marca o primeiro ciclo econômico da região após o período colonial, no final do século XIX. Já em torno da década de 1940, a atividade madeireira ganha força na região explorando significativamente a araucária. Estima-se que entre 1940 e 1960, Vacaria chegou a ter centenas de serrarias, convertendo-se em uma das principais regiões exportadoras de madeira, tanto para o mercado nacional quanto internacional (MUJICA, 2001).

Terminado esse processo pela redução massiva da disponibilidade da araucária na região, a pecuária continua presente enquanto importante atividade econômica até meados da década de 70 quando surgem os primeiros cultivos de grãos no município, com destaque para o trigo enquanto cultivo de inverno e a soja no verão. Esse processo se dá, ainda que de maneira discreta em comparação a outras regiões do Brasil, no contexto da modernização da agricultura com o surgimento gradual de novas máquinas e implementos agrícolas. Na medida em que avançavam, faziam retroceder as áreas dedicadas à criação de gado. Nessa década, o município passou a receber a implementação de seus primeiros pomares de maçã, atividade que contou com importantes investimentos, inclusive estrangeiros (MUJICA, 2001).

As décadas seguintes são marcadas pelo fortalecimento das tendências anteriormente mencionadas, a otimização de técnicas de plantio mais eficientes para o cultivo de grãos, como o Sistema de Plantio Direto, é um dos fatores que favorece a agricultura e, na década de 80, uma crise na pecuária da região marca, definitivamente, a predominância daquela atividade. Quanto à pomicultura, Vacaria vê seus pomares aumentarem significativamente, sendo um dos maiores municípios produtores de maçã do Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, Vacaria possuía um total de 95 estabelecimentos rurais

produtores de maçã em uma área de cultivo de 7.576 hectares<sup>4</sup> com uma produção para aquele ano de 279.327 toneladas (IBGE, 2017).

Nos últimos anos tem se observado um aumento no cultivo de grãos. Tanto das áreas plantadas quanto da produtividade do setor. O destaque se dá para os cultivos de soja, trigo e milho, sendo a primeira a principal cultura do município com uma área total de plantio de 33.600 hectares e um valor de produção estimado ao redor de 26 milhões de reais (IBGE, 2017).

No que diz respeito ao panorama do desenvolvimento de município, Vacaria apresenta um IDH considerado elevado (0,721), um grau de escolarização alto (97,1%) e um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de aproximadamente 32 mil reais (IBGE, 2017). O principal setor produtivo é o setor de serviços, representando, aproximadamente, 52% do PIB do município. A atividade agropecuária fica em segundo lugar, correspondendo a, aproximadamente, 23% do PIB total (IBGE, 2017).

Para além da importância econômica da produção do agronegócio em Vacaria em termos de toneladas de produtos, existe um forte apelo, principalmente por parte dos produtores de maçã, em caracterizar tal cadeia produtiva como principal geradora de empregos do município (Figura 7). De fato, é bastante comum conhecer pessoas que, em algum momento já se envolveram com a pomicultura. No entanto, Vacaria possui a particularidade de ser um importante polo de concentração de trabalhadores sazonais da maçã recebendo anualmente centenas de pessoas de variadas regiões do Brasil e também de outros países, sobretudo para a época da colheita da fruta.

---

<sup>4</sup> As áreas contabilizadas são os estabelecimentos onde se encontra um mínimo de 50 pés de maçã (IBGE, 2017).

Figura 7 - Trabalhadores aguardam a chegada do governador do RS, Eduardo Leite para a abertura oficial da safra da maçã



Fonte: Guilherme Souza (2019).

O que mais chama a atenção dentro do contexto brevemente apresentado, contudo, são alguns elementos de ordem mais subjetiva. Eles dizem respeito à construção da identidade de Vacaria, reificada em diversos espaços da cidade como em estátuas (Figura 7), no logotipo da prefeitura e no brasão do município, na promoção da cidade em um vídeo (VACARIA, 2012) promovido pela Câmara da Indústria e Comércio (CIC), em canções, poemas e etc.

Fiigura 8 - Monumento à maçã na entrada principal de Vacaria



Fonte: Guilherme Souza (2020).

A forma como tal narrativa é construída ofusca contestações ao modelo de desenvolvimento almejado pelos promotores de tal discurso. Como consequência desse quadro tem-se, por vezes, a construção de um paradoxo quando se dialoga com os cidadãos. Por um lado, o agronegócio, em especial a maçã, é visto como principal promotor do desenvolvimento econômico do município, por outro, os trabalhadores que enfrentam diariamente o serviço nos pomares manifestam grande insatisfação para com as condições laborais às quais são submetidos. São recorrentes os casos como acidentes de trabalho e contaminação pelo uso de agrotóxicos (FEDRIZZI, 2020). Ao mesmo tempo, muitos desses trabalhadores e trabalhadoras são profundamente gratos pela oportunidade de poder trabalhar nos pomares, uma vez que as possibilidades de emprego na cidade e na região são limitadas.

Embora o cenário descrito possa oferecer uma ideia de homogeneidade no universo da agricultura em Vacaria, algumas considerações são importantes para uma melhor compreensão do conjunto de elementos que se fazem presente e, por vezes disputam, a narrativa sobre desenvolvimento rural no município. Nesse sentido, cabe destacar brevemente o processo histórico de desmembramento da região conhecida como “grande Vacaria” em um conjunto de municípios menores ocorridos a partir do final do século XX. Assim se dá o surgimento dos municípios de Campestre da Serra, Monte Alegre dos Campos, Muitos Capões e Ipê (MUJICA, 2001).

Esse processo de divisão é importante sobretudo quando se considera o caso de Ipê. Atualmente o município é considerado a “capital da Agroecologia” do Brasil onde se nota um grande número de propriedades certificadas para a produção orgânica bem como um volume substancial de produtos que chegam às feiras do estado mas também a diversas outras regiões do Brasil (DADOS DA PESQUISA, 2020). O fato de que Ipê, ao emancipar-se de Vacaria, assume protagonismo nessa perspectiva de produção e interpretação da agricultura está ligado a um conjunto de fatores. Dentre eles, merece destaque a iniciativa intitulada “Projeto Vacaria” que consistiu na criação de um centro de desenvolvimento e promoção de tecnologias agrícolas ecológicas que por sua vez viria a ser o Centro de Agricultura Ecológica de Ipê (CAE - Ipê) e, finalmente, na atualidade, ser conhecido como Centro Ecológico, entidade de assessoria técnica a famílias agricultoras ecologistas na região:

[...] o objetivo inicial do Projeto Vacaria foi demonstrar a viabilidade técnica e econômica da Agricultura Ecológica. Após três anos de experimentação e prática, em uma propriedade rural de 70 hectares, então localizada no município de Vacaria, os técnicos então vinculados ao projeto buscam uma maior inserção na comunidade, visando a disseminação da proposta junto a agricultores familiares da região. As parcerias desde então estabelecidas frutificaram na forma de inúmeras Associações de Agricultores Ecologistas (AAEs), que se caracterizam pela prática da agricultura ecológica, por estarem organizados em pequenos grupos, pela industrialização artesanal de seus produtos e por buscarem canais alternativos para a comercialização de sua produção (CENTRO ECOLÓGICO, 2020).

Dessa forma, é possível observar que, embora atualmente a narrativa de contestação da agricultura industrial no município de Vacaria esteja ligada a grupos mais específicos (como no caso dos interlocutores desta pesquisa), ao longo do processo histórico a região foi berço de um importante movimento de proposição de superação dessa agricultura. Movimento esse muito bem sucedido no que tange a

construir propostas práticas e factíveis de transição para outras formas de produção. Além desse elemento, mesmo na história recente houve contextos mais favoráveis à promoção da agricultura ecológica em Vacaria. Dentre elas destaca-se a criação de um plano municipal de produção orgânica (não mais em vigor), o incentivo à produção de pequenas frutas em sistema orgânico (promovida através da Emater, na figura de um técnico específico) além de algumas gestões do poder público do município mais favoráveis a tal discussão, havendo, inclusive parcerias estratégicas com entidades de assessoria em Agroecologia como o CETAP, por exemplo.

Um outro fator que merece atenção na caracterização geral do município é a presença de importantes assentamentos rurais. O Assentamento Nova Estrela, o assentamento Nova Batalha e também o assentamento Don Orlando Dotti. Trata-se de dois territórios de importância histórica ímpar, inclusive no que diz respeito à concepção do próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esses espaços também foram importantes no desenvolvimento de ações de promoção e valorização da agricultura ecológica e foram também, durante certo período de tempo, acompanhados pelo CETAP.

Assim, nota-se a construção de uma realidade bastante complexa no município com elementos históricos que seguem influenciando o presente. Nesse sentido, do contexto atual, é válido indagar se os produtores de maçã e *commodities* estariam interessados em contribuir para a superação desse quadro onde são dominantes quando dependem, em grande parte, da exploração de uma mão de obra abundante e barata. E, por outro lado, se o poder público é capaz de incidir no cenário quando o agronegócio apresenta uma participação profundamente expressiva na economia. Seja uma participação direta, através de suas receitas, ou indireta injetando dinheiro no mercado de serviços através da remuneração (mesmo que baixa) de grande parte do contingente de trabalhadores do município.

Essas e outras questões de ordem econômica são profundamente importantes, no entanto, não são as únicas que chamam a atenção. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Controle do Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano (SISAGUA), agência ligada ao Ministério da Saúde, na água que abastece a cidade de Vacaria foi detectada, entre os anos de 2014 e 2017, a presença de 15 agrotóxicos diferentes, dentre os quais 5 são associados à doenças sérias tais como câncer, distúrbios endócrinos e defeitos congênitos (POR TRÁS DO ALIMENTO, 2020).

Além dos malefícios à saúde humana e à disponibilidade da água nos ecossistemas, o uso de agrotóxicos está ligado a outros problemas que, ironicamente, comprometem, em longo prazo, a própria produção do agronegócio. Ilustrativamente, e representativo de um quadro ainda mais complexo, dentre os produtos encontrados na água do município figura o DDT<sup>5</sup>. Considerado como inseticida de amplo espectro, embora tenha sido proibido no Brasil (o que sabidamente não significa que está fora de uso), é classificado como extremamente perigoso para abelhas (AMARO; GODINHO, 2012).

As abelhas, além de representarem a polinização de aproximadamente 70% dos alimentos consumidos por seres humanos, são as principais polinizadoras da maçã, responsáveis por 90% do serviço de polinização da fruta (MORSE; CALDERONE, 2003). Esse fato deveria ser relevante para a produção da fruta no município.

Por fim, é profícuo mencionar um levantamento realizado pela Confederação Nacional da Agricultura em parceria com o CEPEA (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo) e a Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo) onde fica evidente a inviabilidade econômica da produção do agronegócio<sup>6</sup> (LONDRES, 2011). Esse sistema produtivo só é possível porque se apoia num ciclo de financiamentos através de bancos (reforçando a participação do capital financeiro na agricultura) e da exploração de amplas áreas de cultivo que sabidamente avançam sobre os biomas do Brasil, em especial o Cerrado, a Amazônia e os Pampas. Esta situação, compromete, muito além da estabilidade financeira do Brasil (que tem, historicamente, ampla participação do agronegócio no PIB), a biodiversidade como um todo. Quando amplia as fronteiras agrícolas em detrimento de reservas legais, parques nacionais, territórios indígenas e áreas de preservação, a agricultura industrial compromete a vida de inúmeras espécies em seu processo de reprodução e acumulação de capital.

Essa contextualização permite refletir sobre os ditames do paradigma de desenvolvimento que se observa em Vacaria. Historicamente o município de constitui no seio da agricultura, da pecuária e é marcado pelo tradicionalismo

---

<sup>5</sup> O DDT é a sigla de dicloro difenil triclouroetano, um composto químico utilizado na agricultura convencional para o controle de insetos. Sobre sua relação com as abelhas, principais polinizadoras da maçã, ver AMARO; GODINHO, 2012.

<sup>6</sup> O estudo em questão é focado no caso do milho, especificamente.

símbolo da cultura gaúcha. A partir da segunda metade do século XX, o processo de modernização da agricultura passou a ocupar e a definir as estruturas produtivas na região, e os monocultivos de maçã constroem um imaginário de desenvolvimento e identidade do município, ainda que seja repleto de paradoxos e sérios problemas estruturais. Aliado a tal quadro, encontra-se o conjunto de evidências que apontam para a ampla insustentabilidade do modelo do agronegócio. Esta insustentabilidade depende, sobretudo, de infinitas renegociações de dívidas e financiamentos e, principalmente da superexploração dos ecossistemas e de sua capacidade de ampliar as possibilidades de vida.

Por ora, o contexto internacional e o arranjo do sistema financeiro permitem que a economia agrícola de Vacaria mantenha-se estável. No entanto, um olhar atento e, minimamente crítico permite perceber que, em pleno contexto de crise climática, o futuro para tal modelo parece seriamente ameaçado. Apesar dos esforços de empresas produtoras de sementes, insumos, pesticidas, etc., em manter a alta produtividade do setor a despeito da ameaça das mudanças climáticas, a agricultura continua sendo parte de um ecossistema complexo no qual a interação entre todas as unidades é o que define seu estado de equilíbrio.

Desta forma, surge a necessidade pela construção de respostas eficientes, social, econômica e ambientalmente e que sejam capazes de levar a cabo a produção de alimentos em abundância. Além da produção desses alimentos, deve-se prezar por sua qualidade e para que não contribuam com o grau de degradação atual dos agroecossistemas.

É este o desafio colocado pela Agroecologia, reconhecendo que sua proposta deve ser realista, capaz de ser mantida social, ambiental e economicamente. Deve ser proposta e fortalecida enquanto ação social coletiva que ofereça resistência ao paradigma produtivo atual. Esse processo de transição passa por aspectos técnicos e legais mas, sobretudo, relacionais que, na medida que avançam, possam contribuir para uma transformação que vá além dos sistemas produtivos e possa ser também uma transformação das relações sociais.

## 2 PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

Esta seção tem o intuito de apresentar as principais contribuições teóricas e o percurso metodológico do qual se parte para realizar as análises da presente pesquisa. Para tal, optou-se por dialogar com alguns conceitos principais que pudessem sustentar as observações de campo fornecendo um conjunto de ferramentas para melhor compreendê-las.

Uma vez que se esboça o plano de fundo da pesquisa, surge a necessidade de compreender o que leva determinados agricultores a buscar outras formas de produção agrícola que se traduzem em estratégias palpáveis de resistência ao modelo dominante em questão. Por que, afinal, certos agricultores tomam a decisão de investir tempo, recursos e esforço em várias frentes de articulação para avançar em questões como técnicas de manejo, construir redes de comercialização, participar de reuniões, dedicar horas de trabalho voluntário em mutirões, além de uma série de outras ações, quando há em Vacaria um cenário amplamente favorável e recompensador – tanto do ponto de vista econômico quanto do social- para que se invista nos monocultivos de *commodities*?

O caminho para buscar respostas para essa e outras questões parece ter de passar pela reflexão de que, apesar de se encontrar em ambientes estruturalmente similares certos atores colecionam em suas trajetórias de vida e perspectivas sobre o mundo uma série de elementos que os impulsionam a buscar caminhos distintos. Evidentemente os motivos e os propósitos que aqui se busca compreender dos atores não poderiam ser os mesmos, pois cada indivíduo é o produto de suas experiências únicas (LONG, 2007). Se isso é verdadeiro, é fundamental, então, assumir uma perspectiva teórica e metodológica que auxilie a compreender que, apesar do universo que compõem, os atores importam, percebem e são capazes de agir. O produto disto só pode ser a construção de um mosaico de combinações distintas que, em maior ou menor grau tem se formado na agricultura, sobretudo como resposta à modernização da agricultura, e em Vacaria, encontra pelo menos alguns casos de expressão.

É, portanto, da necessidade de documentar a forma como as pessoas conduzem seus caminhos em meio aos diferentes cenários, e da necessidade da compreensão da maneira como os atores produzem respostas frente a um paradigma, que se torna necessário um estudo através da Perspectiva Orientada ao

Ator (POA). A POA coloca em evidência assim, como os atores criam, transformam e ressignificam seus projetos de vida, através da elaboração de estratégias que contribuem para a formação de uma heterogeneidade das combinações de práticas sociais na agricultura.

Além dessa abordagem, mobilizou-se neste estudo discussões sobre os conceitos de Agroecologia, reciprocidade e resistência. A ideia de reciprocidade é fundamental quando se trata da construção social de alternativas capazes de superar a agricultura tal como ela é praticada atualmente em Vacaria e região. A adoção de pacotes técnicos fechados e a inserção de empresas do agronegócio enquanto principais promotoras da extensão rural foram elementos importantes para romper as relações entre agricultores e construir relações verticais entre estes e o mercado. A ascensão do neoliberalismo, das relações mercantis, da financeirização da agricultura se tornariam elementos de um processo que Dominic Temple (1997) denomina “privatização da dádiva”. Assim, a busca pela superação de tal modelo e seus pressupostos perpassa pelo reordenamento e pela construção de novas relações sociais estratégicas que possam fortalecer os atores coletivamente e ainda agregar elementos subjetivos capazes de dar outros sentidos à prática da agricultura.

Partindo-se, assim, da ideia de que o objetivo é superar a agricultura industrial construindo alternativas, surge a reflexão; como enfrentar as adversidades técnicas, logísticas, burocráticas e sociais, mas, principalmente, como enfrentar a tentativa de homogeneização e dominação na agricultura representada sistematicamente nos principais meios de comunicação do país, cujo mote central é o fortalecimento do agronegócio e o reordenamento dos princípios estruturais da modernização da agricultura? Essa dominação explícita de alguns setores contra princípios ecológicos, a desestruturação de programas governamentais voltados para a agricultura familiar e para a Agroecologia, contribuem ainda para um recrudescimento do Estado e pelo desprezo pelas articulações sociais. Diante do silêncio das mobilizações populares, os enfrentamentos diretos tornam-se, no mínimo, difíceis cabendo aos inconformados exercer a resistência através de outras estratégias.

## 2.1 PERCEBER O MUNDO E AGIR: PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR

A Perspectiva Orientada ao Ator (POA) se propõe a constituir um arcabouço teórico-metodológico capaz de oferecer ferramentas para a compreensão dos processos sociais sendo especialmente frutífera para os estudos em desenvolvimento rural. Trata-se de uma concepção formulada a partir da segunda metade do século XX de cunho pós-estruturalista (GONZÁLEZ; PEREIRA; DAL SOGLIO, 2014). A POA parte da insatisfação teórica com os estudos e práticas em desenvolvimento regidos sob o imperativo de que a realidade social seria produto de uma estrutura sob a qual os atores sociais<sup>7</sup> teriam pouca ou nenhuma influência. Norman Long, um de seus principais propositores, assinala que as abordagens teóricas hegemônicas daquele período limitavam-se a realizar análises fundamentadas, predominantemente, nas concepções econômicas e materialistas da realidade social e, sobretudo, do desenvolvimento. Tais limitações, segundo o autor, seriam o cerne da incapacidade de se explicar as causas e as dinâmicas da heterogeneidade social (LONG, 2007).

De acordo com Long e Liu (2009) uma das principais vantagens de se lançar mão de uma perspectiva voltada aos atores, é justamente a possibilidade de buscar compreender a mudança social (e o desenvolvimento) levando em conta o significado central da agência humana. Para Long (2007), a ideia de agência pode ser compreendida a partir das concepções formuladas pelo sociólogo inglês Anthony Giddens (1984), de maneira geral, como uma noção que,

[...] atribui ao ator indivíduo a capacidade de processar a experiência social e de elaborar formas de lidar com a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção. Dentro dos limites da informação que existem, os atores sociais possuem capacidade de saber (*knowledgeability*) e capacidade de agir (*capability*). Eles tentam resolver problemas, aprendem como intervir no fluxo dos eventos sociais ao seu redor e, até certo ponto, monitoram suas próprias ações observando como outros reagem ao seu comportamento [...] (GIDDENS, 1984, p. 1).

Essa percepção parte de que a realidade social seria exclusivamente ditada por uma estrutura social. Estrutura esta que dita um conjunto de regras, símbolos e valores, sob a qual os indivíduos seriam forçados a viver sem serem capazes de

<sup>7</sup> Para González, Dal Soglio e Pereira (2014, p. 108), “o ator é considerado um agente coletivo, que age a partir de processos de interação com outros, e o que define sua condição de ator é sua capacidade de agência.”.

reassignificá-la ou subvertê-la ainda que em seu universo mais íntimo. Quanto a essa última perspectiva, Long discorda,

[...] embora seja verdade que mudanças estruturais importantes resultam dos impactos e de forças externas [...] é, de um ponto de vista teórico, insatisfatório basear uma análise no conceito de determinação externa. Todas as formas de intervenção externa necessariamente penetram os mundos e vidas dos indivíduos e grupos sociais afetados e são, deste modo, mediados e transformados pelos mesmos atores e estruturas (LONG, 2001, p. 13).

Na caminhada para a elaboração de uma investigação que parta dessa perspectiva, é justamente a presença em campo e o processo de seguir os atores que possibilita a construção de um problema de pesquisa edificado efetivamente a partir da perspectiva destes últimos. Precisamente porque o processo de reflexão sobre as motivações dos agricultores requer, segundo Long e Liu, “uma compreensão etnográfica do cotidiano de tais atores e como práticas são compartilhadas, contestadas e rejeitadas pelos atores envolvidos.” (2009, p. 71, tradução nossa).

Essa proximidade é o mecanismo que possibilita conhecer o âmbito interno da vida dos atores construído ativamente como resposta ao ambiente externo. É a busca por compreender os atores enquanto seres no sentido etimológico da palavra, ou seja, aquele que age, executa, capaz de receber, processar, interpretar e responder ao plano que o cerca, através da construção de estratégias conscientemente elaboradas (LONG, 2007).

Para que se compreenda a noção de estratégia aqui referida, é mister abordá-la através da que Norman Long definiu como sendo a forma como produtores:

Tentam resolver os problemas de seu sustento e organizam seus recursos. Implica que produtores e proprietários constroem ativamente, dentro dos limites que encontram, seus próprios padrões de organização de sua agricultura e propriedade (LONG, 2001, p. 27).

Sendo bem vindas também as contribuições de Schneider e Niederle (2010), para quem estratégias são:

[...] mudanças no processo laboral, investimento de capitais, ciclos produtivos, reprodução do grupo familiar, e mesmo prioridades no que diz respeito às relações sociais, gerando alternativas que resultam em um aumento ou diminuição de autonomia (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2010, p. 387).

Essa noção, que toma como base a ação do indivíduo, não deve, no entanto, ser traduzida em uma abordagem “metodologicamente individualista” (LONG, 2001, p. 4). Na verdade, parte central do conceito é a compreensão de que a agência só se fortalece na medida em que se constroem laços e relações sociais. Segundo Long, “agência [...] está incorporada nas relações sociais, e só pode ser eficiente através delas.” (LONG, 2001, p. 17). Disso decorre que:

[...] agência (e poder) dependem, crucialmente, da emergência de uma rede de atores que se transformam, parcialmente, embora raramente de maneira completa, envolvidos no ‘projeto’ de alguma pessoa ou pessoas (LONG, 2001, p. 17).

O foco desta pesquisa, no entanto, se dá mais sobre a natureza das relações que se constroem em pequenos núcleos dessa rede do que em verificar sua extensão e abrangência. Por isso, é proposta uma interface entre a Perspectiva Orientada ao Ator e uma compreensão sobre processos de cooperação e a Teoria da Reciprocidade tal como abordada por Eric Sabourin (2011) e Temple (1999 e 2000-3).

Além do conceito de agência, aprofundado por Long, Ploeg e demais autores que se dedicam a essa perspectiva, outros dois conceitos merecem atenção sendo eles o conceito de domínio e as arenas.

Long (2001), ao tecer seus argumentos por uma perspectiva voltada aos atores procura enfatizar o caráter relacional intrínseco à noção de agência discutida acima. Disso decorre que, se os atores se relacionam, negociam e articulam seus projetos de vida pela construção de um ou mais projetos em comum, eles o fazem dentro de determinados espaços. Esses espaços possuem dimensões variáveis e propósitos distintos. Assim, os domínios na lógica da POA “são entendidos como áreas da vida social que estão organizados por referência a um núcleo central, sendo um espaço que possui regras, normas e valores que implicam um grau de compromisso social.” (COTRIM, 2013, p. 69).

Além dos domínios, as arenas também são importantes nessa orientação. Ao estabelecerem um conjunto de entendimentos em comum e encontrar valores sociais compartilhados (COTRIM, 2013), os atores sociais exercem sua agência nos encontros constituídos nas arenas. Como o próprio nome sugere, o conceito pode ser entendido como um conjunto de espaços sociais onde esses valores serão

negociados, confrontados. Onde se constituem mobilizações estratégicas a fim de obter as vantagens necessárias para que os atores sejam capazes de alcançar seus objetivos e, portanto, seus projetos em comum. Em suma, as arenas são espaços “onde existem esforços para resolver as diferentes percepções que os atores têm do mundo.” (COTRIM, 2013, p. 69) e, ao fazê-lo, agir sobre ele.

Dentre as diversas formas de relação social nas quais os atores podem se engajar nos domínios e nas arenas, a cooperação é de particular interesse no presente trabalho e, para além dela, a Teoria da Reciprocidade também merece destaque.

## 2.2 RESISTÊNCIA

A noção de resistência, bem como uma série de interpretações e tipificações do conceito, tem sido objeto de estudo em diversos campos da ciência social e encontra, nos estudos sobre comunidades camponesas e sobre o rural, alguns casos ricos para discussão.

James Scott (1985), por exemplo, tem importantes contribuições quando argumenta que a ideia de resistência não precisa necessariamente tomar a forma de protestos, bloqueios de estradas, confrontamentos diretos ou sabotagem que comumente emana no imaginário coletivo. Ao contrário, ela pode se dar de maneira silenciosa, tácita, através da micropolítica. É a resistência cotidiana que se faz presente e eficaz sem saltar aos olhos e, embora possa se dar no plano individual, configura-se como ação coletiva no sentido de que sua magnitude passa a ser de tal forma relevante que não apenas não pode ser ignorada, como passa a configurar inclusive as relações materiais da realidade de onde ocorre<sup>8</sup>.

Segundo esse autor, as relações de dominação são mais complexas do que aparentam na superfície. Parte-se da noção de que os sujeitos submetidos a uma forma de opressão -que pode ser física, financeira, ideológica, etc.- são capazes de perceber e analisar sua posição dentro da relação fazendo um balanço racional sobre os benefícios e os riscos em se empreender determinada forma de resistência. Isso quer dizer que, para as comunidades camponesas onde Scott

---

<sup>8</sup> Scott analisou em sua trajetória casos de comunidades na Malásia nas quais técnicas silenciosas de resistência ao sistema político e econômico (como fraudar os números das safras para pagar menos taxas) foram capazes de influenciar significativamente a dinâmica econômica de toda uma região (SCOTT, 1985).

desenvolveu suas reflexões, um movimento ambíguo era notado por parte das comunidades submetidas aos grandes proprietários de terras. Estes promoviam mudanças técnicas importantes na região através da implementação dos pacotes tecnológicos da revolução verde, ocasionando, dentre outros impactos, a substituição da mão de obra camponesa pelo uso de máquinas. Naquele contexto, a avaliação dos camponeses era a de que conflitos abertos e um desafio à estrutura de dominação imposta trariam majoritariamente malefícios aos agricultores, de tal forma que, cientes do fato, mas compelidos por um sentimento de revolta, a estratégia passa a ser um conjunto de ações, posturas e intervenções sutis capazes de gerar ganhos pontuais para os indivíduos sem necessariamente comprometer a segurança e um mínimo de bem-estar que garantisse sua sobrevivência. É esta a interpretação de Karl Monsma (2000) para quem o trabalho de Scott demonstra que “é uma decisão estratégica dos subalternos resistir sem desafiar e manipular as categorias do transcrito público para melhorar sua situação.” (MONSMA, 2000, p. 9).

A ideia do “transcrito público” nesse caso pode ser resumida como o discurso oficial, a realidade visível aos olhos. É a captura da aparente dominação explícita nas relações entre dominador e dominado e que parece, em um primeiro momento, inquestionável. É justamente nesse ponto que a observação de Scott torna-se frutífera. O autor procura compreender o universo mais íntimo dessa relação de dominação concluindo que ela não é, de maneira alguma, total. Cria-se nos espaços silenciosos, longe da vista superficial, uma série de práticas como sabotagem, mentiras, adulterações das produções que tem como objetivo aumentar os ganhos dos dominados e, ao mesmo tempo, minar gradativamente a dominação à qual estão sujeitos. Em suma, o objetivo não é deixar de criar resistências e submeter-se aos dominadores e sim deixar que pensem que tudo está controlado e que desafio algum à ordem será imposto.

No presente estudo a noção de que a resistência pode se dar desde o processo de construção de alternativas, ao invés de destruir estruturas de dominação, é particularmente importante. Em determinados casos, a estrutura de dominação é ideológica quando é manifestada no discurso hegemônico da modernização da agricultura e da produção de *commodities*. Porém, a dominação também é material quando se converte em trabalho e fonte de renda para alguns agricultores. No entanto, no ínterim desse quadro é que se criam movimentos e

espaços através da construção e do fortalecimento da Agroecologia como formas de resistência.

Negri também se posiciona nesse sentido quando afirma que:

Esse padrão reflete as novas relações que atualmente dominam em muitas partes do mundo: confrontações diretas são cada vez mais difíceis, quando não contraproducentes, e ao mesmo tempo as soluções globais estão cada vez mais desacreditadas. Portanto, essas novas respostas seguem um caminho diferente: A resistência não é mais uma forma de reação, mas sim de produção e ação [...]. Resistência não é mais aquela dos trabalhadores da fábrica; é uma resistência completamente nova baseada na inventividade [...] e na cooperação autônoma entre sujeitos produtores [e consumidores]. É a capacidade de desenvolver novas potencialidades constitutivas que vão além das formas prevalecentes de dominação (NEGRI, 2006, p. 54).

Ploeg (2008) aborda a questão da resistência também nesse sentido. Segundo este autor, a resistência se dá enquanto construção de uma multiplicidade de respostas criadas pelos atores dando origem a um amplo espectro de práticas heterogêneas e interligadas que ampliam sua margem de manobra e, conseqüentemente, suas chances de resistir (PLOEG, 2008, p. 289). Ele identifica três níveis distintos de resistência sendo o primeiro deles a resistência aberta que pode tomar forma de lutas, greves, protestos, bloqueios, motins e etc. As resistências de segundo tipo são aquelas similares às analisadas por Scott, que podem ser compreendidas como as formas de resistência cotidianas, sutis, tácitas e ocultas. Tomam a forma de mentiras, sonegações, sabotagens, boicotes. Por fim, a resistência de terceiro tipo é aquela que tem como objetivo uma intervenção nos sistemas de produção e ou organização do trabalho através de técnicas e práticas cuja meta central é a construção de alternativas que tenham o propósito de aumentar a autonomia e enfraquecer as relações de dominação (PLOEG, 2008, p. 26).

Trata-se, portanto, de uma forma de resistência que tem como base um processo de reestruturação da prática técnica, mas também social, do amplo universo que é a agricultura enquanto forma de criar espaços para assegurar sua reprodução material e econômica, mas também de seus princípios e valores. Essas questões são especificamente abordadas através do que Ploeg chama de “princípio camponês”, um conceito que encontra substância na realidade dos interlocutores

desta pesquisa<sup>9</sup>. Segundo Ploeg (2008), a ideia por trás de um princípio camponês é a busca pela emancipação na agricultura. Está ligado à superação nas práticas técnicas e sociais como forma de constituir um símbolo de resistência alicerçado, sobretudo, num uso mais eficiente dos recursos que possibilitam outras relações de ligação e pertencimento entre a sociedade e a natureza. Trata-se de uma noção em que:

[...] através do trabalho, da cooperação e de ações conjuntas e/ou lutas abertas o progresso pode ser construído. [...] o princípio camponês cria caminhos para o futuro. Ele também diz respeito à subjetividade [...] Ele salienta o valor e a satisfação de trabalhar com a natureza viva [...] (PLOEG, 2008, p. 299).

Dessa maneira, o que se tem é a construção social de um lugar onde se estabelecem relações recíprocas que transcendem a materialidade ou a economia. Essa construção remete à criação de um valor humano, fortalecendo um conjunto de estratégias de resistência construtiva ao paradigma da agricultura capitalista, estratégias estas reificadas simbolicamente, mas sem perder seu caráter de alternativa econômica, nos Sistemas Agroflorestais. Elas são adotadas a partir da capacidade dos atores de perceber suas realidades, e criar estratégias para superar os desafios que encontram no caminho.

### 2.3 COOPERAÇÃO E A TEORIA DA RECIPROCIDADE

Uma vez que a ideia de cooperação é aqui apresentada como forma de potencializar a agência dos atores sociais, cabe compreender melhor seu significado. De maneira geral, boa parte das definições do conceito de cooperação examinadas na bibliografia para construção do presente trabalho partem de uma abordagem marxista, segundo a qual cooperação seria “a forma de trabalho em que muitos trabalham planejadamente lado a lado, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes, mas conexos.” (MARX, 1988, p. 246). Como se pode observar essa definição se foca com afinco à centralidade da perspectiva

---

<sup>9</sup> O objetivo desta pesquisa não é definir se os agricultores participantes são ou não camponeses, muito menos rediscutir o termo em si. No entanto, uma série de características do que Ploeg entende como condição camponesa e modo camponês de fazer agricultura se encaixam em maior ou menor grau no presente estudo. Procura-se, assim, colocar o foco nos princípios, sem buscar definir, classificar ou enquadrar os atores.

materialista e produtivista. Não é o caso do presente estudo, que se propõe a observar muito mais as qualidades das relações de cooperação e reciprocidade do que as quantidades ou os produtos materiais dela gerados. No entanto, ao avançar na perspectiva de Christoffoli tem-se que:

A cooperação baseia-se no princípio elementar de que a junção dos esforços individuais cria uma força produtiva superior à simples soma das unidades que a integram. Cria-se a força coletiva do trabalho (CHRISTOFFOLI, 2012, p. 158).

Nesse sentido, a ideia de que o produto da cooperação é superior à soma das unidades que o compõem é importante, pois nos processos observados a campo existe a produção de um valor que transcende o econômico ou material na medida em que os atores cooperam. A Teoria da Reciprocidade nos auxilia a entender esse processo de construção de valor.

De acordo com Chabal e Temple, o termo reciprocidade “significa que uma relação de um primeiro termo a um segundo também existe do segundo ao primeiro. A reciprocidade é uma relação que retorna.” (CHABAL; TEMPLE, 1998, p. 46).

Um dos pontos centrais desta teoria reside no fato de que, para além de questões materiais atingidas através de ações de cooperação<sup>10</sup>,

A reciprocidade cria um valor ético, que se torna o valor econômico de uma economia de reciprocidade (...) o doador se torna donatário e o donatário doador. A reciprocidade pereniza essa situação de face a face e permite a cada um redobrar sua consciência do outro (CHABAL; TEMPLE, 1998, p. 47).

Este argumento corrobora com a visão de Eric Sabourin (2011) para quem as relações constituídas em estruturas de reciprocidade geram também valores imateriais, tais como conhecimento, informação, saberes, amizade, proximidade, confiança, etc. A noção de reciprocidade não deve ser confundida, no entanto, com a ideia de troca. Enquanto o termo troca se refere, sobretudo a uma perspectiva sobre a matéria, sobre coisas, a reciprocidade possibilita a percepção e o reconhecimento da consciência do outro. Para Chabal e Temple (1998), trocas são realizadas entre e sobre objetos, já a reciprocidade se constrói através e a partir de

<sup>10</sup> Ações de cooperação podem ser, para citar alguns exemplos do presente estudo, a compra de equipamentos de uso coletivo, a formação de fundos de empréstimos, o uso compartilhado de máquinas, a compra coletiva de sementes, mudas e insumos e as articulações em torno da constituição de estratégias comuns de comercialização de produtos.

sujeitos. Trocas resumem-se à satisfação de interesses próprios, impossibilitando a construção de outros valores. A reciprocidade é, precisamente, a estrutura que concebe, não um excedente que agrega à troca, se não o sentido humano daquela relação.

Existem distintos níveis e formas de reciprocidade. Inicialmente uma primeira diferenciação pode ser feita entre a reciprocidade positiva e a reciprocidade negativa. Enquanto no primeiro caso as ações tendem a constituir uma força construtiva no processo de criação de um valor (como amizade, confiança) no segundo tem-se em andamento impulsos de caráter destrutivo mas, cuja finalidade ou o foco residem igualmente não na ação ou no produto material em si, senão também na produção de um valor<sup>11</sup>.

Quanto às estruturas de reciprocidade, Sabourin parte das interpretações de Temple e Chabal para quem duas formas de distinção são possíveis, as estruturas de reciprocidade binária e terciária. As estruturas de reciprocidade binária são aquelas compostas por duas partes, podendo elas ser indivíduos ou grupos<sup>12</sup>. Neste caso, é importante a noção de compartilhamento apresentada pelo autor como “uma estrutura de reciprocidade binária no âmbito de um grupo que dá lugar ao sentimento de participação e, eventualmente, de confiança” (SABOURIN, 2011, p. 53). A ideia de simetria é agregada no sentido de que as partes que conformam as estruturas de reciprocidade em interação tendem a um equilíbrio a despeito de assumirem, por vezes, posições opostas quanto a determinadas questões (CHABAL, 2005, p. 3). Em suma, tem-se que:

A relação de reciprocidade em uma estrutura bilateral simétrica gera um sentimento de amizade; a relação de compartilhamento produz confiança e a estrutura de divisão simétrica dos bens dentro de um grupo gera a justiça. Assim, outros tipos de relação, organizadas segundo outras estruturas, podem produzir outros valores específicos (SABOURIN, 2017, p. 6).

---

<sup>11</sup> No trabalho de Sabourin (2011, p. 50) é apresentado um exemplo de reciprocidade negativa estudado por Temple e Chabal (1995). No caso em questão, ações entre grupos que culminaram em mortes e assassinatos (ação destrutiva) como forma de vingança (relação que retorna) tem como objetivo não a eliminação do oponente em si, se não a produção de um valor, de coragem, honra e lealdade, por exemplo.

<sup>12</sup> As estruturas de reciprocidade terciária implicam em mais de duas partes envolvidas. Uma compreensão que fizesse jus à complexidade das formas e níveis de reciprocidade não seria possível neste tipo de trabalho. Sabourin (2011) faz uma toma de alguns pontos centrais dessa teoria que é levada à exaustão por Temple em toda sua obra.

É nesse contexto e nesses espaços que se constrói a convicção de que é possível resistir à estrutura de uma narrativa de desenvolvimento rural única, à agricultura química e industrial e ao Império Alimentar<sup>13</sup>.

## 2.4 AGROECOLOGIA E SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM VACARIA, RS

Um dos focos do presente trabalho consiste em compreender como se dá a busca coletiva por parte de um conjunto de atores pela construção de uma outra forma de se praticar e, sobretudo, viver, a agricultura no município de Vacaria. Anteriormente foi apresentado um panorama geral da produção agropecuária realizada na região e em boa parte do Brasil salientando, além de suas características técnicas e produtivas, também seus aspectos relacionais e seus impactos no mundo ao seu redor.

Na presente seção apresenta-se uma breve discussão conceitual acerca do que vem a ser, efetivamente a antítese de tal modelo predominante e hegemônico de agricultura. Se os agricultores sujeitos do presente estudo mobilizam esforços e energia em suas vidas através da elaboração de estratégias de resistência que tem como base a noção de Agroecologia, refletir sobre o termo contemplando ainda os Sistemas Agroflorestais, prática técnica e modelo de sistema produtivo que pode ser incluído nessa perspectiva e que tem recebido investimentos significativos e atenção dos agricultores que compõem este estudo, é indispensável.

### 2.4.1 Agroecologia: uma breve reflexão conceitual

Antes de abordar certos conceitos do termo Agroecologia que tem sido utilizados na academia e em outros espaços, convém destacar que não há um consenso universal acerca de seu uso. Tal fato é importante por se tratar de uma

---

<sup>13</sup> Ploeg (2008) aborda a temática dos Impérios Alimentares, segundo o autor, é difícil determinar uma definição específica sobre o termo império pelo fato de sua manifestação se dar em distintas áreas da sociedade, no entanto, de maneira geral trata-se de um “ordenamento coercitivo dos fluxos globais e a apropriação do aumento de valor a eles associada.” (PLOEG, 2008, p. 269). Ou seja, um sistema que torna o controle e a apropriação em formas de governança. Conta com uma relação íntima entre Estado e corporações ampliando seus domínios não através do controle sobre os elementos materiais em si (a produção agrícola propriamente dita) senão nas normas, procedimentos e etapas que direcionam tal produção bem como a riqueza criada no processo. “O Império é, acima de tudo, um conjunto complexo, multifacetado em expansão e cada vez mais monopolista de *ligações* (isto é uma rede coerciva) que coloca processos, lugares, pessoas e produtos em contato de uma forma específica.” (PLOEG, 2008, p. 279).

noção complexa que se encontra em ampla disputa no presente, sobretudo em um contexto onde a circulação de informações se tornou rápida, vasta e, ao mesmo tempo turva, onde o discernimento entre conteúdos factíveis e verificáveis torna-se cada vez mais difícil e até arbitrário.

Assim, é de ampla importância o debate sobre qual tipo de conceito se utiliza em cada espaço e surge a necessidade de verificar se há, minimamente, o respaldo de um conjunto de atores sociais, da academia, de organizações não governamentais e de povos e comunidades tradicionais que se identificam efetivamente como propositores e agentes da Agroecologia quando o conceito é empregado. Não havendo um suporte fundamentado do uso de tal termo, existe o risco de seu esvaziamento e, em última instância, sua apropriação.

Diversa bibliografia tem se dedicado a revisar o conceito de Agroecologia a partir de interpretações teóricas distintas, Simoni (2014) é um exemplo deles, de tal forma que o esforço aqui será mais breve com destaque para algumas observações que encontram respaldo no estudo empírico. É necessário lembrar, contudo, que, como aponta Simoni (2014), em estudos construídos a partir da perspectiva dos atores, definir Agroecologia exclusivamente a partir de perspectivas teóricas exógenas e restringir-se a elas seria deveras contraditório, uma vez que os atores possuem, naturalmente, pontos de vista próprios e distintos sobre o tema. Feitas essas ressalvas, convém situar o debate em torno dessa temática.

Do ponto de vista teórico, duas vertentes principais tem se destacado na academia para discutir a Agroecologia, sobretudo a partir da década de 80. São elas a vertente americana, que tem como principais expoentes Miguel Altieri e Stephen Gliessman, e a vertente europeia na qual destacam-se as contribuições de Eduardo Sevilla Guzmán e Manuel González de Molina. Apesar do destaque que tais vertentes tem recebido, existe uma série de autores e autoras que tem fortalecido o debate e a promoção da Agroecologia através de um amplo conjunto de trabalhos como Ana Primavesi, Francisco Roberto Caporal, José Antônio Costabeber, João Carlos Costa Gomes, Luiz Carlos Pinheiro Machado para citar alguns. É válido lembrar ainda que diversos movimentos sociais, ONG's e outros atores da sociedade também possuem formas de perceber e expressar o conceito de Agroecologia através de suas próprias práticas e vivências optando, ocasionalmente, por defini-la segundo suas próprias interpretações.

No presente estudo procurou-se estabelecer um diálogo geral com as perspectivas de Caporal e Costabeber (2016), onde o viés é dado à Agroecologia enquanto paradigma científico a partir de autores engajados no universo da extensão rural. Também considera-se alguns trabalhos de Sevilla Guzmán cujas contribuições têm se dado a partir de enfoque mais sociológico da Agroecologia enquanto estratégia de desenvolvimento rural sustentável edificado a partir da construção popular (SIMONI, 2014). Ressalte-se que Wezel (*et al.*, 2009) apresenta reflexões importantes sobre as distintas formas que o conceito pode tomar variando com o espaço e contexto no qual está inserido, discussão rica que oferece subsídios para investigações mais centradas no debate conceitual. De acordo com esse autor, a Agroecologia é construída através de três pilares principais que oferecem um leque de possibilidades de investigação e ação. São eles a Agroecologia enquanto disciplina científica, movimento e práticas (Wezel *et al.*, 2009).

Na presente pesquisa busca-se ir além dos aspectos técnicos que comumente são identificados como sendo o cerne da Agroecologia em determinados espaços ou que acabam recebendo maior destaque. Procura-se demonstrar a importância de fenômenos sociais e relacionais como a cooperação e a reciprocidade na construção da Agroecologia.

Nesse sentido, algumas outras contribuições são importantes. De início é salutar a ideia de Norgaard e Sikor (1995) de que os sistemas sociais e ecológicos são produto de uma coevolução, ou seja, se influenciam e condicionam reciprocamente construindo uma teia de interdependência complexa no qual a sustentação de um depende do outro. Essa afirmação enfatiza a ideia de que uma transição em direção à Agroecologia não pode se dar exclusivamente no plano técnico agrônomo ou ecológico, ela depende também de um processo de transformação das relações sociais.

Sevilla Guzmán reforça esse caráter quando afirma que a Agroecologia:

Corresponde a um campo de estudos que pretende o manejo ecológico dos recursos naturais, para -através de uma *ação social coletiva* de caráter participativo, de um enfoque holístico e de uma estratégia sistêmica - reconduzir o curso alterado da coevolução social e ecológica, mediante um controle das forças produtivas que estanque seletivamente as formas degradantes e espoliadoras da natureza e da sociedade (SEVILLA GUZMÁN, 2001, p. 15).

Metodologicamente, afirma Sevilla Guzmán (2006), a Agroecologia deve promover uma linha de ação que tenha por base:

- a) uma mudança nos sistemas produtivos, convertendo-os para uma agricultura de base ecológica;
- b) uma mudança social, cultural e econômica, a partir da organização de associações, cooperativas de produtores e consumidores e;
- c) uma perspectiva de busca por emancipação social e política através de ações que rompam com as estruturas de poder enraizadas nas sociedades atuais (SEVILLA GUZMÁN, 2006).

Assim, segundo Ottman e Sevilla Guzmán (2004) os principais pilares da Agroecologia podem ser divididos em três vertentes principais: a dimensão ecológica e técnico agrônômica; socioeconômica e cultural e, por fim, sociopolítica. Ou seja, trata-se de angariar esforços situados em contextos sociais e políticos específicos, nos quais, se deve partir de:

[...] experiências produtivas de agricultura ecológica - camponesa ou moderna -, para elaborar propostas de ação social coletivas [...] que aponte para uma agricultura socialmente mais justa, economicamente viável e ecologicamente apropriada (SEVILLA GUZMÁN, 2006, p. 14).

Fica claro, portanto que a construção de novas diretrizes para a coevolução entre os sistemas sociais e ecológicos depende, em boa parte, de formas distintas de relações sociais.

Outro ponto central para a compreensão do que se entende de maneira geral, por Agroecologia, passa pela noção de que, a rigor, trata-se de um campo de estudo que tem como unidade de análise basilar os agroecossistemas. Uma série de definições também podem ser encontradas para tal termo, no presente estudo, partilha-se da perspectiva de Altieri (2012), para quem,

Os agroecossistemas são comunidades de plantas e animais interagindo com seu ambiente físico e químico que foi modificado para produzir alimentos, fibras, combustíveis e outros produtos para consumo e utilização humana (ALTIERI, 2012, p. 105).

O autor leva em conta ainda a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações entre pessoas, os cultivos, o solo, a água e os animais (ALTIERI, 2012).

Uma vez mais, o fato de que os agroecossistemas devem levar em consideração as relações amplas e complexas também entre as pessoas, reforça a ideia de que uma prática ou estilo de se realizar a agricultura isoladamente não pode ser confundida com a ideia mais complexa da Agroecologia e fortalece um argumento do presente estudo que é a ideia de que a construção da Agroecologia passa, necessariamente, também por um conjunto de relações entre seres humanos.

Apesar dos esforços de alguns autores como Francisco Caporal e José Antônio Costabeber em discernir o que é e o que não é Agroecologia, sua construção não deve ser compreendida de maneira maniqueísta, ao contrário, ela é permeada por um outro conceito central, a saber o processo de *transição* agroecológica. De acordo com esses mesmos autores, tal noção deve ser compreendida como:

[...] um processo gradual e multilinear de mudança que ocorre através do tempo nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção (que pode ser mais ou menos intensivo no uso de *inputs* industriais) a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2015, p. 272).

Stephen Gliessman (2002), também nesse sentido, incide mais profundamente no tema, afirmando que a transição agroecológica passa por três níveis ou momentos distintos. O primeiro deles diz respeito a um movimento de redução do uso dos insumos convencionais na agricultura tais como herbicidas, pesticidas, fungicidas, adubos químicos e etc. Essa redução pode ser comparada com uma política de “redução de danos” na agricultura. O segundo nível é aquele em que há a substituição dos insumos convencionais por insumos orgânicos, ou mais ecológicos de maneira geral. Passa-se a fazer controle de patógenos e insetos com o uso de caldas, adubação com uso de esterco ou compostos, por exemplo. Por fim, o terceiro nível diz respeito a um reordenamento do agroecossistema como um todo, passando a constituir novos fluxos de energia que evitam os insumos de fora da propriedade e passam a constituir sinergias com os processos naturais otimizando os manejos e contribuindo para a saúde do agroecossistema, bem como para a produtividade e o bem estar dos agricultores envolvidos (GLIESSMAN, 2002).

Essa perspectiva inicialmente pode sugerir um caráter linear de transição, um processo que tem início, meio e fim e que seguiria um sentido apenas. Não é essa a intenção quando se reflete sobre esse tema. Costabeber lembra que:

Deve-se ressaltar, contudo, que o processo de ecologização da agricultura não se apresentaria como uma tendência unilinear de mudança rumo a uma nova “homogeneização” das agricultura mundiais [...]. Ao contrário, é a própria noção de que a intervenção humana no processo de produção agrícola deve respeitar as especificidades, potencialidades e limitações inerentes a cada ecossistema que faz da ecologização um processo dinâmico, contínuo, multilinear e em constante adaptação às condições de tempo e lugar. (COSTABEBER, 1998, p. 130, tradução nossa).

Levar em consideração essa acepção transitória, e, portanto, mutável que tem a busca por se construir a Agroecologia, permite superar o debate superficial que se restringe em rotular experiências e vivências como agroecológicas ou não e perceber que a transição em direção à Agroecologia deve ser um fim em si mesma, sem se prender a modelos pré-definidos. Parte-se de que cada ecossistema é, em si, único e, portanto, cada agroecossistema é igualmente ímpar e repleto de particularidades, potencialidades e limitações. É como lembram Moreira e Do Carmo (2004) “A estratégia agroecológica não pode ser generalizada, pois conta com a participação ativa de cada contexto e aposta mais na heterogeneização do que na homogeneização.” (MOREIRA; DO CARMO, 2004, p. 42). Evidentemente, no entanto, um sistema produtivo dedicado exclusivamente às monoculturas e à agricultura industrial onde não há nenhum movimento ou abertura para a Agroecologia não deve ser considerado no espectro desse tipo de transição.

Dessa forma e, de maneira resumida, tem-se que a Agroecologia não está restrita a um conjunto de técnicas, se dá a partir da reflexão sobre sua unidade de análise básica, os agroecossistemas e é permeada por um conjunto de relações sociais que constituem e conduzem sua prática. Disso decorre a interpretação de Caporal e Costabeber (2015), segundo a qual a Agroecologia tem como objetivo promover uma agricultura sustentável a médio e longo prazo através de uma base ecológica fortalecida, além disso, ela:

[...] deve atender *requisitos sociais*, considerar *aspectos culturais*, preservar *recursos ambientais*, apoiar a *participação política* e o *empoderamento* dos seus atores, além de permitir a obtenção de *resultados econômicos* favoráveis ao *conjunto da sociedade*, com uma *perspectiva temporal de longo prazo*, ou seja, uma *agricultura sustentável* (CAPORAL; COSTABEBER, 2015, p. 275).

Apontados alguns elementos importantes sobre a Agroecologia, convém chamar atenção para as amplas esferas de discussão onde a Agroecologia pode se dar. Se devemos levar em conta elementos de cunho econômico, sociais, políticos, ambientais e, evidentemente, técnicos, a Agroecologia aparece enquanto campo de construção multitemporal e multiespacial. Ou seja, não é porque em determinado espaço se dá mais ênfase a questões de ordem política do que técnica, por exemplo, que a discussão não deva ser compreendida como parte do espectro da Agroecologia. Na verdade, isso dependerá do momento e da posição em que tal agroecossistema e seu conjunto de atores se encontram em seu processo de transição agroecológica<sup>14</sup>.

A partir da ideia de que, nem todo sistema produtivo pode ser considerado como agroecológico (ou em estágios mais avançados da transição agroecológica), cabe colocar alguns elementos importantes que subsidiam a discussão sobre SAF's a seguir. De acordo com Miguel Altieri, (2012) a Agroecologia deve partir de um conjunto de princípios e estratégias em seu caminhar para a construção de agroecossistemas mais resilientes e eficientes ambiental, social e economicamente. Segundo este autor, os principais processos que devem ser fortalecidos nos agroecossistemas são:

- a) fortalecer a imunidade do sistema (controle de fitopatologias, insetos e etc. é a saúde do agroecossistema);
- b) diminuir a toxidade por meio da eliminação de agroquímicos;
- c) otimizar a função metabólica (ciclagem de nutrientes, decomposição e acúmulo de matéria orgânica);
- d) equilibrar os sistemas regulatórios (ciclos de energia, água, controle de populações e etc.);
- e) aumentar a conservação e regeneração do solo;
- f) manter e aumentar a produtividade agrícola a longo prazo.

---

<sup>14</sup> Ao enfatizar o caráter transitório da construção da agroecologia pode-se evitar críticas dentro dos próprios atores que promovem agriculturas sustentáveis sobre “quem está fazendo agroecologia quem não está”. Uma fazenda de grandes proporções que organiza estratégias de conversão para uma produção sustentável, sem uso de agrotóxicos ou insumos químicos está em um nível de transição. Ao mesmo tempo, uma associação de agricultores que, por exemplo, se une para realizar compras coletivas de insumos orgânicos para a produção em sistema convencional como forma de reduzir danos e custos, também está em um momento de transição. Ou seja, cada situação e cada agroecossistema pode estar em um espaço e tempo distintos na caminhada pela transição agroecológica.

É a partir desse conjunto de princípios que se caminha, cada vez mais para um - ou conjunto de- agroecossistemas agroecológicos (ALTIERI, 2012). Reijntjes, Haverkort e Waters-Bayer (1992) também contribuem no sentido de apresentar alguns pressupostos essenciais para a otimização dos agroecossistemas a partir de uma perspectiva agroecológica. Miguel Altieri (2012) é quem os sintetiza e a tabela abaixo aborda esses princípios relacionando-os com as possibilidades oferecidas pelos SAF's .

Quadro 1 - SAF's e suas contribuições para otimização de princípios agroecológicos

<b>Princípios ecológicos</b>	<b>Contribuições dos SAF's</b>
Aumentar a ciclagem de biomassa e otimizar a disponibilidade e o fluxo equilibrado de nutrientes.	Contribuição constante para produção de biomassa através de dinâmicas como podas e raleio seletivo de indivíduos adultos.
Assegurar solo com condições favoráveis para o crescimento das plantas, particularmente por meio do manejo da matéria orgânica e incremento da atividade biológica.	Incremento constante da quantidade de matéria orgânica disponível através da disposição da biomassa podada nos sistemas no solo, favorecendo o aumento em quantidade e diversidade de vida.
Minimizar as perdas decorrentes dos fluxos de radiação solar, ar e água por meio do manejo do microclima, da captação de água e da cobertura do solo.	Aproveitamento máximo da radiação solar através da estratificação planejada dos sistemas, aumentando a umidade no sub-bosque e otimizando o aproveitamento da água.
Promover a diversificação inter e intraespécies no agroecossistema no tempo e no espaço.	Possibilidade de implementação de sistemas biodiversos, consorciando amplo número de espécies no tempo e no espaço.
Aumentar as interações biológicas e os sinergismos entre os componentes da biodiversidade promovendo processos e serviços ecológicos chaves.	Prática agrícola pautada na otimização da sucessão ecológica, utilizando como principais formas de energia a luz solar e a sucessão das espécies, ampliando as possibilidades de vida em quantidade e complexidade.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Altieri (2012).

No presente estudo duas dimensões da construção da Agroecologia recebem maior ênfase, a social e a técnica. O aspecto social, no que diz respeito à análise do conjunto de relações estabelecidas entre agricultores de uma associação e de suas trajetórias de vida, e a técnica, no que se refere aos Sistemas Agroflorestais enquanto sistema de produção estratégico para o avanço na transição agroecológica dos atores sociais sujeitos da investigação. A seguir, apresenta-se, brevemente, as principais características dos Sistemas Agroflorestais como forma de ilustrar suas potencialidades de contribuição nos projetos de vida dos agricultores do município de Vacaria.

## 2.4.2 Sistemas Agroflorestais

Por se tratar do que, no presente trabalho se compreende como uma das estratégias de resistência ao paradigma agrícola da modernização da agricultura, convém abordar o que são Sistemas Agroflorestais. Além disso, pretende-se ilustrar brevemente a existência de uma pluralidade de definições possíveis mas, sobretudo, caracterizar tal prática enquanto um estilo de agricultura bastante específico que varia de acordo com os objetivos dos agricultores, no tempo e no espaço.

Sistemas Agroflorestais, do ponto de vista técnico, são um tipo de sistema de cultivo agrícola que compõe um universo de práticas que formam a agricultura. Dessa forma, os SAF's não estão isolados de um contexto e compõe, na verdade, um mosaico de elementos que configuram não apenas as unidades de produção, como toda a prática agrícola do meio onde se encontram. Tal informação é relevante pois parte importante da presente pesquisa foi a constatação de que, no campo analisado, os SAF's configuram-se enquanto uma forma de resistência estratégica e de diversificação agrícola dentre outras<sup>15</sup>. Essa compreensão contraria a perspectiva inicial das inserções a campo, pois esperava-se encontrar agricultores integralmente comprometidos com a prática agroflorestal. Assim, fica claro desde os primeiros momentos que mesmo a despeito da percepção dos limites da agricultura industrial o processo de construção de alternativas é profundamente complexo e parece se fortalecer quando há uma multiplicidade de estratégias em jogo.

Dentre as principais definições do que são Sistemas Agroflorestais, a proposta por Lundgren e Raintree (1982), é recorrente em importantes publicações e serve de base para o Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal (ICRAF em sua sigla em inglês). Altieri (2012) é um dos autores a abordá-la:

Sistema agroflorestal é um sistema sustentável de manejo do solo e de plantas que procura aumentar a produção de forma contínua, combinando a produção de árvores (incluindo frutíferas e outras) com espécies agrícolas e/ou animais, simultaneamente ou sequencialmente, na mesma área, utilizando práticas de manejo compatíveis com a cultura da população local (ALTIERI, 2012, p. 281).

---

<sup>15</sup> Como argumentado no capítulo sobre o percurso metodológico da presente pesquisa, James Scott (1985) apresenta um conjunto de formas de resistência possíveis na agricultura. Além dele, Ploeg (2008) também apresenta níveis distintos de resistência que variam de acordo com cada realidade. Um tipo de prática produtiva, como os SAF's no presente texto, são uma das diversas possibilidades das quais se servem os atores sociais.

No contexto do Rio Grande do Sul, os Sistemas Agroflorestais tem sido analisados desde perspectivas distintas. Cardoso (2012), por exemplo, aponta a relevância dessa prática enquanto ferramenta de autonomia na agricultura familiar enquanto Ferreira (2014) e Mello (2017) fazem importantes leituras dos SAF's a partir da produção de novidades. Bulhões (2011), por sua vez, analisa o tema sob a ótica da construção do conhecimento ligado a essas forma de manejo, bem como a motivação de agricultores para implementá-los em suas propriedades, ou seja, tal temática tem sido objeto de interesse de diversos estudos no campo do desenvolvimento rural.

Ainda no intuito de enriquecer o debate sobre tal tema, Ferreira e Dal Soglio (2017) oferecem um panorama sobre essa forma de manejo no Rio Grande do Sul. Partindo de Miller (2009), que identifica dois grupos principais de manejos de SAF's no estado, os agronômicos e os agroecológicos, Dal Soglio e Ferreira ilustram ainda uma terceira perspectiva compreendida como SAF's preservacionistas. Esses autores fazem um resgate das principais instituições que tem contribuído na temática no estado destacando, dentre elas, o CETAP que neste trabalho possui importância ímpar.

Não convém neste texto aprofundar as concepções apresentadas por Miller (2009) e discutidas por Dal Soglio e Ferreira (2017), por ora basta compreender que, se partimos da perspectiva dos atores, considera-se, nesta pesquisa, um Sistema Agroflorestal todo e qualquer arranjo ou sistema produtivo que os agricultores assim identificaram. Convém, contudo, enfatizar que essa forma de manejo, além de diversa, tem sido objeto de discussão em esferas distintas que variam de acordo com os interesses em questão. Seja desde um ponto de vista técnico agrônomo ou desde um olhar para a interação entre os elementos em um ecossistema, ou ainda a partir de uma perspectiva preservacionista e de recuperação ambiental, os SAF's tem se disseminado e agregado à pluralidade de elementos que conformam a prática da agricultura.

Embora estilos e arranjos diversificados possam ser entendidos enquanto SAF's alguns princípios de manejo são, para os agricultores com quem se realizou a pesquisa, tidos como fundamentais, tais como:

- a) a diminuição gradual da introdução de insumos (*inputs*);

- b) a diversidade de espécies de interesse comercial, nativas ou exóticas além da diversidade de espécies de serviço<sup>16</sup>;
- c) a otimização da fotossíntese através do aproveitamento da estratificação das florestas;
- d) a consolidação de arranjos produtivos resilientes econômica e ambientalmente.

Por outro lado, dentre os principais desafios para o êxito das agroflorestas identificados encontram-se:

- a) necessidade por mão de obra qualificada para os manejos dos SAF's;
- b) falta de informação técnica sobre arranjos agroflorestais para as regiões de clima subtropical do Brasil;
- c) dificuldade de comercialização dos produtos oriundos das SAF's em face aos canais de comercialização disponíveis na região;
- d) dificuldade na obtenção de mudas de qualidade, sobretudo de espécies nativas para introdução nos SAF's;
- e) pouca disponibilidade de tempo dos agricultores para uma intensificação do manejo das agroflorestas, fazendo com que as culturas de ciclo curto sejam escassas, atrasando o retorno financeiro do sistema que fica dependente das espécies arbóreas e frutíferas cujo tempo estimado para gerar recursos financeiros é maior (dados da pesquisa, 2019).

No que tange à operacionalização da agricultura com sistemas agroflorestais, a definição do ICRAF (ALTIERI, 2012), bem como as características e dificuldades encontradas no trabalho empírico, sugerem pistas do porquê de tal técnica ser condizente com princípios da Agroecologia. Na medida em que os SAF's buscam maximizar o aproveitamento da fotossíntese, utilizam-se, preferencialmente, desta forma de energia como forma de produção, assim, evita-se a introdução de insumos de origem orgânica ou sintética que carregam consigo uma pegada ecológica maior do que no caso das agroflorestas.

Por outro lado, a diversidade intra e interespecífica observada nos sistemas pretende dar conta da sanidade do ecossistema através do controle biológico de plantas espontâneas e insetos indicadores, além de contribuir para uma

---

<sup>16</sup> Nos SAF's, em geral existe uma distinção entre espécies de produção e espécies de serviço. As espécies de produção são aquelas das quais se obtém receita para a unidade de produção, já as espécies de serviço são aquelas utilizadas por seu valor no SAF em si, seja para podas e geração de matéria orgânica no solo, proteção de mudas contra vento, geadas e etc.

diversificação das possibilidades de receita para os agricultores, ampliando suas possibilidades de resiliência econômica e gerando recursos ao longo de todo o ano agrícola. Essa diversidade também torna-se importante enquanto fonte de alimentação da fauna e com grande potencial de manutenção e recuperação dos recursos hídricos (MICCOLIS *et al.*, 2016; YANA; WEINERT, 2001; STEENBOCK *et al.*, 2013; GOTSCH, 1996).

Nesta seção apresentou-se o conjunto de referenciais teórico-metodológicos, bem como alguns conceitos importantes que serão utilizados doravante na dissertação. A seguir apresenta-se a metodologia utilizada, as ferramentas implementadas e se realizam algumas reflexões sobre o processo de se fazer pesquisa, sobretudo quando se busca uma abordagem etnográfica que tende a impactar tanto os sujeitos da pesquisa quanto o pesquisador.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresenta-se a metodologia utilizada no processo da pesquisa tecendo análises sobre essa construção a partir do método etnográfico. Aborda-se ainda as ferramentas utilizadas a campo para apreensão das informações, onde se destacam a observação participante com as anotações em diário de campo elaboradas a partir de um roteiro (apêndice A). Discorre-se também sobre o uso de um instrumento adaptado da ferramenta participativa conhecida como “linha do tempo”. Inicialmente apresentam-se reflexões sobre o processo etnográfico em si, bem como as dificuldades e preocupações em lançar mão dessa abordagem na busca pelo movimento de “seguir os atores”, como parte metodológica da POA. Na sequência, são apresentadas as ferramentas utilizadas bem como a forma como foram introduzidas no contato com os atores ao longo de, aproximadamente, 14 meses de convívio para o levantamento das informações e mobilizadas através do roteiro de observação.

#### 3.1 O PESQUISADOR E O PROCESSO ETNOGRÁFICO

O processo de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e a construção de um trabalho científico foram permeados por algumas questões centrais na construção de uma trajetória de pesquisa que pudesse ser reflexo de minhas inquietações e, ao mesmo tempo, refletir algumas preocupações que julgo cruciais no processo científico. A construção de um problema de pesquisa e a caminhada para afinar o tema do trabalho foram graduais e exigiram bastante flexibilidade e abertura, um processo que se mostrou mais difícil e, ao mesmo tempo, mais frutífero do que se supunha.

Uma questão, no entanto, sempre foi de especial preocupação e é produto também das críticas que teço ao método científico. Todas elas refletem a inquietação sobre como fazer pesquisa com pessoas que possuem trajetórias, frustrações, qualidades, defeitos e aspirações. Assim sendo, de início causava certo desconforto a ideia de realizar um conjunto de entrevistas breves no intuito único de extrair informações (o que, no contexto desta pesquisa poderia incorrer em algum grau de superficialidade) e dar sequência ao trabalho sem ter a devida dedicação em conviver, interagir e me aproximar dos atores conforme sugerido pela

Perspectiva Orientada ao Ator. Clifford (1999) atenta para a importância em se ter clareza de que a pesquisa social, particularmente a que se pode classificar como antropológica, deve tratar com seriedade os sujeitos que a constroem:

[...] o 'campo' antropológico supõe não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva (língua nativa), uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica (CLIFFORD, 1999, p. 94).

A escolha que parecia refletir, portanto, um melhor caminho de trabalho, foi realizar uma análise de caráter qualitativo que pudesse colocar o pesquisador em uma relação de confiança, intimidade, em que a pesquisa se tornaria em uma convivência possibilitando, na medida em que se obtinham informações, contribuir com os atores de toda e qualquer forma que fosse possível. Assim, buscava-se constituir uma relação de cooperação e reciprocidade também na prática do exercício científico. Uriarte (2012) também enfatiza a necessidade de um convívio mais intenso que possibilite a construção de uma pesquisa ativa e dialógica que produza, tanto no pesquisador quanto nos interlocutores, resultados que transcendam a redação científica e que sejam capazes de transformar, na interação, as próprias partes envolvidas:

O trabalho de campo antropológico não pode ser de umas horas, alguns dias, umas semanas ou finais de semana, quando sobra tempo dos compromissos da universidade. A 'sacada' advém do tempo em campo, pois só o tempo é capaz de provocar um duplo processo no pesquisador: por um lado, conseguir relativizar sua sociedade e, por outro, conseguir perceber a coerência da cultura do Outro (URIARTE, 2012, p. 6).

Assim, na medida em que avançava na definição do tema, em que frequentava as atividades do projeto Panexus, e me situava melhor no debate sobre a Agroecologia e os Sistemas Agroflorestais, o desejo por conviver cada vez mais com os atores se tornava maior e, eventualmente, passou a ser uma necessidade. Quando foi definido o local da pesquisa, o município de Vacaria, tomei a decisão de me mudar para a cidade justamente para estar mais próximo dos interlocutores e poder me aprofundar mais nas questões que motivavam a pesquisa. Esse esforço foi o que deu origem ao problema central desta pesquisa e que motiva o trabalho de campo. A pergunta foi construída a partir da interação com os atores na medida em que me inseria em suas redes e grupos de relações sociais, ou seja, todo o

processo de construção do problema de pesquisa, os avanços na obtenção de resultados e discussão sobre as observações foram feitas abertamente. Em inúmeras ocasiões compartilhei minhas perspectivas sobre as trajetórias dos agricultores com eles mesmos nas visitas, encontros e reuniões. Opinei, expus minhas anotações do diário de campo, apresentei os objetivos da pesquisa pedi que revisassem escritos e reflexões, o objetivo geral, cada um dos objetivos específicos, a escolha metodológica, a explicação sobre as análises que seriam feitas a partir do processo etnográfico e da linha do tempo, todos esses elementos foram apresentados de maneira transparente e, na verdade, em grande medida, construídos conjuntamente.

Dessa maneira, para a construção da pergunta da pesquisa, optei por não partir exclusivamente de curiosidades prévias que se apresentassem desde uma perspectiva exclusivamente teórica, ou seja, sem nenhum tipo de contato empírico. Esse formato vai ao encontro com o que preconizam trabalhos construídos a partir da abordagem metodológica da Perspectiva Orientada ao Ator.

Precisamente por definir que a análise se daria enquanto busca pela compreensão de relações sociais tendo como foco um grupo de agricultores em particular, suspeitava de que a realização de questionários e entrevistas não seria a metodologia mais adequada. Era preciso ir além, ler nas entrelinhas o que os agricultores relatavam, como se comportavam, e de que maneira construíam e reconstruíam as relações que buscava compreender. Mister ainda ressaltar que a cultura gaúcha é particularmente exótica a meus olhos, por ser paulista e, se isso fosse um fator que permeasse tais relações, apenas uma compreensão mais profunda de alguns desses elementos me situaria devidamente no debate sobre a agricultura e sobre a Agroecologia no contexto onde fui inserido.

Dessa forma, foi feita a opção por uma aproximação gradual e natural, buscando identificar os espaços frequentados pelos agricultores, compor suas rotinas de trabalho, conhecer suas propriedades, suas famílias, seus costumes e inquietações. A principal ferramenta utilizada foi a observação participante com uso de um caderno de campo onde anotava as principais observações, percepções, inquietações, diálogos, frases importantes e demais informações relacionadas à pesquisa. Foi utilizado também um celular, onde se realizavam registros fotográficos e, ocasionalmente, anotações complementares. Também foi utilizado o próprio

projeto de pesquisa onde acompanhava sempre as questões que me motivavam no intuito de manter o foco sobre o trabalho.

Em raros momentos me propus a fazer perguntas que pudessem implicar na obtenção de respostas pré-estabelecidas, ou que apontassem o que o pesquisador deseja confirmar a partir de suas próprias percepções. Precisamente porque a nível de discurso poderia chegar a conclusões que, na prática não se concretizariam. Assim, observou-se que poderia ser problemático e talvez constrangedor realizar perguntas diretas sobre as relações entre pares e, evidentemente, o risco de causar qualquer tipo de desconforto ou suspeita é indesejado. Além disso, seria necessário ir além do que os atores dizem, buscando compreender as contradições entre os princípios e as práticas, entre os discursos e as ações, não apenas no que se refere a relação entre os sujeitos e os demais, mas em sua própria prática pessoal e aquilo que afirmam ou defendem de um ponto de vista ideológico (DRINKWATER, 1992).

Algumas questões, contudo, exigiam respostas mais pontuais mas não parecia conveniente elaborar perguntas específicas que dessem conta de respondê-las. Como indagar pontualmente sobre toda uma trajetória de vida, abarcando os momentos centrais na vida de cada agricultor? A solução foi a opção por realizar um exercício adaptado que teve como inspiração a ferramenta participativa da “linha do tempo”. Tal exercício propunha que os próprios interlocutores realizassem análises sobre suas histórias e selecionassem os momentos que consideravam mais marcantes em suas trajetórias na agricultura. O objetivo foi capturar momentos chave nos quais cada um decidiu por investir na transição agroecológica e, sobretudo nos Sistemas Agroflorestais. A ferramenta permitiria ainda abordar a questão da agência humana em seus dois pontos cruciais, a capacidade de saber (*knowledgeability*) e a capacidade de agir (*capability*), mais profundamente discutidos no capítulo onde se discutiu o percurso teórico do trabalho. É mister afirmar, contudo, que a ideia de “linha do tempo” pode criar uma impressão de linearidade determinista, essa não é a ideia do presente trabalho que parte da percepção de que o tempo é composto de momentos que influenciam de forma complexa a vida dos atores.

Cronologicamente as estratégias de inserção a campo deveriam possibilitar responder às questões centrais do trabalho. Como os atores já haviam sido identificados previamente, através do contato nas oficinas e reuniões do projeto Nexus e da Câmara Temática das Agroflorestas, e me encontrava devidamente

estabelecido no município, passei a identificar, no convívio com os atores, os espaços em comum frequentados por eles e envolver-me sempre e quando era possível. O quadro 2 retoma as reuniões e encontros dos quais participei.

Quadro 2 – Reuniões e atividades da pesquisa

(continua)

<b>Data</b>	<b>Atividade</b>	<b>Local</b>	<b>Temática</b>
18/12/2018	Reunião CTAF	Vacaria, RS	Rearticulação do coletivo, construção de uma agenda comum para os próximos períodos.
22-24/01/2019	Curso projeto Panexus. Disciplina DER 332 – PGDR.	São Francisco de Paula, Floresta Nacional de São Francisco de Paula, Parque Estadual Tainhas, Jaquirana, RS.	Sistemas Agroflorestais na Floresta Ombrófila Mista, construção participativa de indicadores para avaliação e monitoramento dos SAF's. Segurança hídrica, energética e alimentar a partir dos SAF's.
03/05/2019	Reunião da EcoCampos	Vacaria, RS	Temas gerais pertinentes à associação. Circuito de comercialização da Rede Ecovida.
14/05/2019	Mutirão da CTAF	Caxias do Sul, RS	Visita à propriedade de agricultores. Interação com o SAF da família anfitriã, repasse e revisão dos indicadores elaborados através do projeto Panexus em curso realizado em Janeiro.
12/07/2019	Reunião da EcoCampos	Vacaria, RS	Aquisição de mudas e sementes para os SAF's, construção de um viveiro de frutíferas nativas, eleição para grupo de jovens na Rede Ecovida.
10/09/2019	Mutirão da CTAF	Vacaria, RS	Manejo de SAF's com foco em Erva Mate e frutíferas nativas e exóticas. Distribuição de mudas, organização das próximas ações do coletivo.
14/10/2019	Assembleia do Núcleo Serra da Rede Ecovida de Agroecologia	Novo Bassano, RS	Nova coordenação do núcleo, repasses do Encontro Ampliado da rede, novas regras sobre produção de mudas de hortaliças na rede, discussão sobre aspectos internos do funcionamento do núcleo.

19/10/2019	Reunião da EcoCampos	Vacaria, RS	Possível adesão de um novo membro ao grupo, debate sobre futuros dos trabalhos da Associação a partir do envolvimento com projetos do CETAP.
30/01/2020	Reunião da EcoCampos	Vacaria, RS	Reunião de estudos técnicos de SAF's, reflexões a partir dos manejos de um dos agricultores.
19/02/2020	Reunião da EcoCampos	Ipê, RS	Reunião de articulação e desenho de SAF's para elaboração de estratégias de comercialização conjuntas da Associação.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando me dispunha a ajudar nos manejos agroflorestais de um dos agricultores, o convívio possibilitava mapear gradativamente alguns desses espaços e procurei demonstrar interesse em participar desses encontros. Uma vez identificados os espaços passei a observar atenta e ativamente as formas como os sujeitos se relacionavam, as temáticas abordadas, as estratégias definidas e a compreender como funcionava cada um deles. Minha presença foi bem recebida de maneira que passei a frequentar assiduamente os encontros, reuniões, mutirões, confraternizações, palestras e viagens aos quais era convidado.

Uma vez que passávamos cada vez mais tempo juntos, a relação saía da formalidade e da ideia de uma divisão clara entre pesquisador e pesquisados e passava a se constituir em uma relação de amizade. Fui confundido com filho, irmão e assistente de meus interlocutores precisamente por passarmos tanto tempo juntos. Conheci cada uma das famílias que compõe os quatro casos aqui apresentados, além de outras famílias que fazem parte da EcoCampos e participavam das reuniões. Frequentei suas casas e apresentei meus pais, celebramos juntos datas festivas, fomos a diversas viagens (que já não diziam respeito ao tema do trabalho), enfim, cheguei a ser apresentado a diversas pessoas como membro da Associação que inspirou a pesquisa. Cheguei a redigir a ata de uma das reuniões, produzir mudas para os agricultores e, eventualmente, após minha contratação no CETAP, me converter em um dos assessores da Associação. Todos esses elementos dão ao

trabalho um caráter profundamente etnográfico que, embora não seja o cerne da presente pesquisa<sup>17</sup>, é o que possibilita toda e qualquer afirmação aqui feita.

Assim, pode-se afirmar que, de um ponto de vista metodológico e que procure incluir as ricas reflexões teóricas propostas pelos professores, professoras e colegas do PGDR, no primeiro ano de mestrado, o trabalho consistiu em três momentos centrais e que correspondem, segundo Uriarte (2012, p. 5), às três fases do processo etnográfico:

A primeira delas é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os 'nativos' (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como 'trabalho de campo'. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa (URIARTE, 2012, p. 5).

O método etnográfico pode ser aqui compreendido como uma abordagem, uma forma de se realizar uma pesquisa que consiste na imersão profunda na vida, nos espaços e no âmago da experiência social que se busca compreender. Segundo Uriarte (2012, p. 5), trata-se de um “mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender.” Ele não deve, no entanto ser confundido meramente como uma técnica, conforme alerta Magnani, para quem:

[...] o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos (MAGNANI, 2002, p. 17).

O pesquisador Clifford Geertz, por sua vez, afirma que:

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento (GEERTZ, 1978, p. 15).

---

<sup>17</sup> O foco não é construir uma etnografia no sentido de elaborar descrições densas sobre cultura e a vida de cada um dos participantes, seus costumes, relações familiares, hábitos e etc. E nem apenas interpretar meus estranhamentos. No entanto, o enfoque etnográfico é abordado como forma de observar, estando participante e presente na interação no universo dos atores.

O processo etnográfico, e a inserção em um ambiente desconhecido podem ser bastante desafiadores e, além disso, profundamente difíceis do ponto de vista psicológico. Estar em um município onde se celebra e se vive a cultura tradicionalista do Rio Grande do Sul<sup>18</sup> sem conhecer praticamente ninguém quando me instalei em Vacaria, foi certamente um dos momentos mais complexos psicologicamente em minha trajetória. Esse tipo de sensação é compartilhada também por outros etnógrafos em trabalhos que refletem sobre o processo etnográfico em si. Segundo Uriarte (2012):

[...] este contato direto e prolongado com o Outro – é um processo bastante sofrido. Por um lado, porque o pesquisador, longe de casa, no meio de um outro mundo, sente na pele a marginalidade, a solidão, a saudade. Mas, principalmente, porque não se estranha apenas o Outro: o processo de estranhamento afeta o próprio Eu. Nos tornamos seres desenraizados – é isso, afinal, que faz um antropólogo (URIARTE, 2012, p. 7).

Curiosamente, meu estranhamento com essa nova realidade sempre se deu muito mais em outros espaços de inserção no município (principalmente enquanto estudante do curso técnico em agropecuária no Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Vacaria, por um período de 8 meses), do que no convívio com os atores, algo que sempre considerei como um espaço de segurança e de compartilhamento de projetos e visões de mundo.

No entanto, esse compartilhamento de projetos e de perspectivas de vida, todo esse processo de aproximação e conexão com os atores carrega consigo responsabilidades. Michael Drinkwater (1992), em reflexões sobre pesquisas pautadas pela Perspectiva Orientada ao Ator, chama atenção para elementos importantes nessa questão. Segundo ele, os trabalhos orientados nesse sentido devem estar preocupados não com *o que* se estuda mas *como* se estuda:

Quando se foca no como e se distingue entre as visões dos participantes na pesquisa e as do pesquisador, então somos compelidos a observar o que se está fazendo enquanto pesquisador (DRINKWATER, 1992, p. 371, tradução nossa).

---

<sup>18</sup> Por cultura tradicionalista gaúcha me refiro a um conjunto de símbolos e práticas que permeiam o imaginário do Rio Grande do Sul e se manifestam na gastronomia, no folclore, na poesia, na música, nas vestimentas e em narrativas da história específicas sobre o território. Está reificada em elementos típicos como o chimarrão, na música nativista, nos trajes tradicionais dentre muitos outros elementos que compõem essa identidade.

O que significa assumir que a vida social e, certamente a pesquisa, devem ser compreendidas como um processo interpretativo no qual se está fadado a traduzir as experiências da realidade unicamente através da perspectiva da compreensão do pesquisador sobre o que é a perspectiva dos atores. Isto é, em essência, a interpretação da interpretação. Isso significa assumir que o pesquisador é também dotado da capacidade de agência, limitada por seu conjunto de experiências pessoais tal como seus interlocutores. Essa capacidade de agência influencia e transforma não somente a pesquisa mas a realidade social que se propôs a estudar. A partir da ideia que a agência do pesquisador influencia a realidade social estudada, é possível afirmar que:

[...] minimizar o envolvimento significa minimizar a responsabilidade, mas também a compreensão. No entanto essa escolha é via de mão dupla [...] a menos que se decida permanecer indefinidamente na sociedade em questão, não podemos ser participantes integrais já que mantemos um compromisso com outra esfera de ação (DRINKWATER, 1992, p. 384, tradução nossa).

Metodologicamente essas questões são importantes pois são elas que irão definir o comprometimento do pesquisador com seus interlocutores não somente durante a pesquisa, mas também, ao final dela. Quanto maior o envolvimento maior o nível de compreensão da realidade e, ao mesmo tempo, maiores os impactos da atuação do pesquisador no cenário em questão. Sobre isso, Michael Drinkwater lembra que “compreender significa participar e estar reflexivamente consciente de nosso papel” (DRINKWATER, 1992, p. 384, tradução nossa).

Na medida em que se assume a consciência do papel ativo da pesquisa, o grau de comprometimento e a forma como a metodologia será empregada, de acordo com o problema de pesquisa e o referencial teórico utilizado, depende do pesquisador. No entanto, algumas indagações deveriam ser feitas mais frequentemente nas pesquisas nas ciências sociais, como por exemplo: Qual impacto deixamos nesse ambiente quando terminamos nosso trabalho? Qual é nossa contribuição efetiva, não somente enquanto pesquisa publicada mas enquanto agentes, na vida de nossos interlocutores em nosso contato diário? Qual impacto e legado emocional deixamos para trás? Certamente não há uma resposta única, muito menos simples mas, como o objetivo neste momento é refletir sobre a

metodologia da pesquisa, é fundamental afirmar que essas e outras indagações se fizeram presente na integralidade do convívio com meus interlocutores.<sup>19</sup>

### 3.2 FERRAMENTAS UTILIZADAS

Antes de trazer as ferramentas e sua instrumentalização durante o levantamento de informações, é importante abordar brevemente a forma tal como foram mobilizadas. Como mencionado, a pesquisa foi construída a partir de um olhar qualitativo, ou seja, buscando levar em consideração elementos relacionais, por vezes subjetivos da realidade social. O próprio objetivo geral da pesquisa: compreender como os processos de cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia, pressupõe uma abordagem dessa natureza quando se propõe a investigar muito mais as motivações, os significados e elementos intangíveis tais como ética, respeito e amizade entre os atores, do que elementos quantificáveis (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 43). Nesse sentido, a observação participante se fez fundamental. Precisamente por buscar compreender relações de confiança, é que se fez necessário estar o mais próximo possível dos interlocutores. Trata-se de se incorporar ao grupo e ser nele confundido, de maneira genuína, de tal forma que permitisse o exercício das relações entre os atores sem que minha presença fosse algum tipo de impeditivo ou construísse constrangimentos (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 194).

Assim, nas reuniões das quais participava levava um caderno de campo onde anotava perguntas e respostas que surgiam, bem como falas que julgava essenciais. Em outros momentos, quando convivia mais diretamente com os agricultores e sem a presença do grupo, evitava utilizar intensivamente o diário de campo. Muitas vezes estávamos manejando as agroflorestas, ou em almoços, festas e outros encontros que dispensavam tal ferramenta. Quando possível e, em caso de necessidade extrema, anotava em meu celular.

---

<sup>19</sup> Embora o leitor encontre, nesta pesquisa, alguns elementos em comum com as investigações elaboradas a partir da pesquisa ação, é salutar afirmar que, quando de seu início, o contato com os interlocutores era incerto. Dessa forma a origem do processo investigativo não contou com a participação direta dos agricultores bem como o produto da pesquisa não se converteu em uma ação direta propriamente dita. Assim, embora ao longo do processo os atores vieram a se somar no desenvolvimento da pesquisa, não a situamos no âmbito da pesquisa ação.

O quadro 3 ilustra o método, as ferramentas e os referenciais teóricos utilizados na pesquisa para atingir os objetivos específicos propostos.

Quadro 3 - Objetivos específicos, referenciais, método e ferramentas mobilizadas

Objetivos específicos	Referencial e Conceitos	Método	Ferramenta
Compreender as motivações dos agricultores para implementação e manutenção de SAF's em suas propriedades.	POA (Agência) e Resistência	Interpretativo	Exercício de reconstrução das trajetórias dos agricultores (linha do tempo).  Anotações em diário de campo.
Identificar os espaços de fortalecimento da prática agroflorestal nos quais esses agricultores estão inseridos identificando os principais atores que conformam tais espaços.	POA (Agência)	Descritivo	Observação participante de reuniões e encontros.  Anotações em diário de campo.
Analisar os processos de cooperação e reciprocidade estabelecidos nesses espaços, buscando compreender como de fato eles se configuram como estratégia de construção e fortalecimento da agroecologia.	Teoria da Reciprocidade e Resistência	Descritivo	Observação participante.  Anotações em diário de campo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Evidentemente muitas informações importantes acabaram se perdendo pois passava tanto tempo com alguns atores que se tornava inconveniente e pouco prático estar o tempo todo com o diário de campo em mãos. Lakatos e Marconi (2003) abordam essa fragilidade nas observações participantes:

O observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, e pelo choque do quadro de referência entre observador e observado (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 194).

Se, metodologicamente, algumas falas foram perdidas ou optei por não interromper as conversas anotando no caderno ou no celular, por outro lado o

processo de aproximação com os atores e da construção de um sentimento de confiança recíproco foi fortalecido.

No que diz respeito aos registros fotográficos, tiveram mais um caráter ilustrativo. Ainda que alguns possam ser analisados a título de enriquecimento da pesquisa, não caberia incluí-los enquanto ferramenta de obtenção de informações.

Para além da observação participante e do processo de seguir os atores, foi utilizada uma adaptação da metodologia conhecida como “linha do tempo”. Tal dinâmica consiste em buscar uma leitura resumida e clara dos principais acontecimentos históricos na vida de um grupo ou comunidade, favorecendo uma reflexão e autoavaliação de um tema ou processo que seja o foco da atividade (GEILFUS, 1997, p. 53). No presente caso, o exercício foi utilizado no intuito de exercitar uma reflexão sobre o surgimento da Agroecologia da vida dos indivíduos conforme proposto nos objetivos específicos da pesquisa. Esse esforço se deu buscando compreender dois fatores importantes no espectro da POA, a capacidade de perceber e a capacidade de agir dos atores sociais, importantes no que toca o conceito de agência.

Assim, o exercício consistiu em distribuir folhas em branco para os agricultores<sup>20</sup> onde se pedia que escrevessem em palavras-chave ou frases curtas os principais momentos de suas trajetória na prática da agricultura. Na sequência, era solicitada a permissão para gravar a descrição e explicação das escolhas realizadas com o uso do celular. Os agricultores, então eram convidados a narrar suas trajetórias a partir das palavras e frases selecionadas de acordo com a seguinte pergunta: “Quais foram os momentos mais marcantes de sua vida em sua trajetória com a prática da agricultura?”. Evitou-se as interrupções por parte do pesquisador e as informações foram cedidas de acordo com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido que se encontra no apêndice B da presente pesquisa.

Como forma de análise dos resultados, foi realizada a interpretação das informações coletadas a partir de sua relação com os referenciais teóricos da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a interpretação é:

---

<sup>20</sup> O critério de seleção dos agricultores que compõe o presente trabalho (amostragem) foi o envolvimento com os Sistemas Agroflorestais no município de Vacaria. O contato com tais atores, como apresentado se deu a partir do projeto Panexus e das reuniões da Câmara temática das agroflorestas, assim, identificou-se os sujeitos que se enquadrariam no tema e teve início o processo de aproximação com os mesmos.

Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente [...] a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno [...]. É a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 168).

As gravações foram utilizadas sem terem sido transcritas na íntegra, apenas em algumas falas específicas e pontuais a título de ilustrar mais concretamente a reconstrução dessas trajetórias em forma de texto.

Em um dos casos, contudo, a linha do tempo não seguiu as instruções supramencionadas e tomou uma forma bastante distinta. Um dos agricultores, após explicadas as instruções e demonstrado um exemplo prático de como funcionaria a atividade, solicitou mais tempo para refletir sobre os momentos mais marcantes de sua trajetória. Evidentemente sua decisão foi acatada e, quando fui convidado por ele para a construção de sua narrativa, me deparei com um texto em prosa de nove páginas contando em detalhes praticamente toda sua vida.

Nesse caso específico não foi possível transcrever em palavras-chave o relato do agricultor, uma vez que isso implicaria uma decisão minha sobre quais momentos ou quais palavras-chave adquiririam maior significado. Por acreditar que tal forma de trabalho se trataria de uma intervenção excessivamente incisiva, optei por realizar a análise do texto também em prosa, não considerando as informações de cunho pessoal que não agregariam ao tema da pesquisa propriamente dita.

No que diz respeito à análise dos dados, optei também pela análise de conteúdo das gravações bem como das anotações em diário de campo. As narrativas, práticas e discursos dos agricultores eram interpretadas através do conjunto de teorias propostas que, ao mesmo tempo, serviriam de base para novos questionamentos a serem verificados.

Segundo Laville e Dione (1999), as análises de conteúdo podem assumir formas distintas. No que diz respeito as análises qualitativas de conteúdo – que melhor se enquadram na busca por responder a pergunta da presente pesquisa – essas autoras afirmam se tratar de uma forma de análise que busca:

Prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou as categorias que as reúnem, visto que a

significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e na relação entre eles, especificidade que escapa amiúde o domínio do mensurável (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 227).

Como o que se buscava para esse exercício era, de maneira geral, encontrar a mesma categoria de elementos nos discursos (as motivações para o trabalho com SAF's e a transição agroecológica, além da noção de agência) foi realizado o emparelhamento dos discursos. O emparelhamento consiste em:

Associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los. Essa estratégia supõe a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apóia-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 227).

As noções sobre agência, os conceitos de transição agroecológica e a Teoria da Reciprocidade, foram os elementos teóricos que pautaram esse exercício.

No processo de organização das ideias, o programa X Mind de elaboração de mapas mentais foi ferramenta importante, uma vez que permitiu sintetizar as lógicas de determinados espaços, ou mesmo as histórias de vida dos agricultores, em algo prático. Esses mapas, contudo, contém informações que alguns agricultores preferiram não publicar e por isso não foram incluídos.

Essas foram as formas encontradas para conseguir um levantamento de informações que pudesse ser traduzido para a pesquisa a partir dos questionamentos propostos. A seguir apresenta-se os resultados da pesquisa.

#### 4 ENCONTRO COM OS ATORES: ENTRADA À CAMPO

Esta pesquisa não teria sido possível sem meu envolvimento num projeto de pesquisas muito mais amplo do qual o Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural faz parte, o Projeto Panexus. O desejo de trabalhar com Sistemas Agroflorestais vem, como já dito, de longa data. No entanto, ser introduzido em um outro estado, sem conhecer as particularidades, as paisagens e as dinâmicas da região, requer tempo e sobretudo contatos. Iniciei minhas colaborações no projeto atraído por seus três pilares principais: segurança alimentar, hídrica e energética na região da mata atlântica, mais especificamente na floresta ombrófila mista. De imediato identificavam-se as amplas potencialidades dos Sistemas Agroflorestais para contribuir com esses três pontos principais, de tal forma que passei a frequentar as reuniões do programa que buscavam desenvolver o projeto, e a seguir os principais atores desse contexto onde fossem.

Assim cheguei à Vacaria onde fui Introduzido a um técnico do CETAP, um dos principais responsáveis pela promoção e o fomento da Agroecologia, e dos Sistemas Agroflorestais na região. Nosso encontro se deu no contexto da reunião da câmara temática das agroflorestas espaço que se mostraria fundamental para a promoção da agroecologia na região<sup>21</sup>. Ali pude conhecer alguns membros do grupo e pouco a pouco me familiarizar com o andamento da prática agroflorestal no município e na região. No segundo dia de tal encontro, a atividade sugerida foi uma visita da câmara temática e demais instituições presentes à propriedade de um agricultor. A proposta era realizar uma interação com o SAF ali manejado trabalhando com podas em algumas árvores frutíferas. A ideia principal era mobilizar os presentes reinserindo-os nos debates da câmara temática das agroflorestas que passava por um processo de reanimação. Como de maneira geral a câmara procura incentivar ações práticas envolvendo seus membros (através dos mutirões, por exemplo), a visita teve um pouco desse caráter, além de contar com a distribuição de mudas para os presentes, troca de sementes e degustação de produtos das frutas nativas da região. Foi meu primeiro contato com agricultores ecológicos de

---

<sup>21</sup> A formação, os propósitos e o funcionamento da câmara temática das agroflorestas são abordados no capítulo onde se analisam as arenas de construção e fortalecimento da agroecologia.

Vacaria e também com os membros da EcoCampos, associação em torno do qual se constitui o presente trabalho.

Minha próxima visita ao município se deu em um segundo encontro de membros da câmara temática envolvendo o PGDR e atores de outras instituições. Fomos convidados a visitar quatro propriedades distintas, todas elas com SAF's em vias de implementação ou já iniciados e manejados há algum tempo. Por se tratar de um grupo bastante grande, fomos divididos em quatro turmas menores, cada uma direcionada a uma propriedade no intuito de, posteriormente, compartilhar as percepções sobre as realidades observadas. Nesse momento tive a oportunidade de conhecer a experiência do agricultor do Caso 3, com um perfil bastante diferente dos demais. O evento foi concluído com um retorno ao local onde se realizavam as plenárias e o compartilhamento das experiências em cada propriedade, assim, tive a oportunidade de ouvir um pouco da história e dos relatos sobre os Sistemas Agroflorestais em Vacaria a partir de quatro agricultores.

Nesse momento de apresentação dos trabalhos que vinham se desenvolvendo na região, tive conhecimento de que existia um grupo de agricultores que trabalham com SAF's. Este grupo conseguiu constituir um fundo de empréstimos para aquisição de insumos e ferramentas para o fortalecimento da prática agroflorestal. A compreensão sobre o processo de construção desse fundo e o grau de coesão social interna necessária para se administrar esse tipo de questão chamaram minha atenção. Além disso, os potenciais daquela maneira de se construir relações sociais como estratégia de fortalecimento de uma agricultura particularmente contestadora, revelaram um quadro bastante específico que agregava alguns de meus maiores interesses: autogestão, cooperação, busca por autonomia e Agroecologia.

Naquele momento ficou bastante claro que a prática da agricultura com Sistemas Agroflorestais em Vacaria tinha elementos específicos, mas parecia ser sustentada a partir de um grupo de agricultores capazes de articular tempo, recursos, conhecimentos mas, principalmente impulsionados por uma outra lógica e percepção das relações entre ser humano, agricultura e natureza. Diversas questões me pareciam profundamente importantes, todas elas em torno de buscar compreender se seria possível que uma prática agrícola transformasse, mais do que os sistemas de produção dos agricultores, também as relações entre eles. Ou ainda, talvez se tratasse do inverso, em que as relações sociais constituídas seriam

ferramentas de fortalecimento de práticas, e também de construção de coesão, compartilhamento de projetos de vida e a constituição de um lugar comum. É a imersão no universo dos atores, portanto, que traz à tona os principais questionamentos desta pesquisa.

Quando decidi observar mais de perto a contribuição das relações sociais na constituição de estratégias de diversificação dos sistemas produtivos com foco nos Sistemas Agroflorestais, ficou clara a necessidade de seguir os atores de perto. Compreender as relações humanas é tarefa difícil e, de maneira remota, praticamente impossível. Movido por tal percepção então, tomei a decisão de residir em Vacaria, mais especificamente a partir de fevereiro de 2019, onde poderia compor mais frequentemente os espaços de discussão dos atores, bem como acompanhá-los em suas práticas diárias e mobilizações em torno dos Sistemas Agroflorestais e da Agroecologia de maneira geral. Essa decisão me envolveria diretamente com os atores que buscava compreender em graus que ainda desconhecia, de tal forma que se possibilitou a constituição de relações profundas entre mim e o grupo. Isso é importante no que tange à metodologia do trabalho no sentido de que a pesquisa deixa de ser uma análise sobre um grupo observado desde certa distância e passa a ser uma reflexão sobre os espaços que agora eu mesmo passava a frequentar e cada vez mais compor ativamente.

Uma vez estabelecido, meus contatos com os agricultores começaram a se tornar mais frequentes. O primeiro a quem me aproximei foi o Caso 1. Por ser o único agricultor do grupo a fazer a feira do mercado público do município (além de um outro apicultor associado à EcoCampos), passei a acompanhá-lo nessa atividade aos sábados de maneira bastante informal, sem participar do processo de venda de produtos. Por diversas ocasiões fui convidado a ajudá-lo em seus manejos no sítio. Trabalhamos nas agroflorestas, recebemos estudantes, avaliamos e discutimos práticas e técnicas de manejo. Foi justamente nesses momentos que pude escutar atentamente as histórias e buscar uma maior compreensão acerca dos sentidos e significados da vida dessa pessoa. Essas visitas à propriedade do agricultor do Caso 1 foram de profunda importância também para compreender em que medida para este agricultor em específico a Agroecologia e os Sistemas Agroflorestais, mais especificamente, se constituíam como elementos importantes enquanto fontes de renda.

Esse tipo de questão, que apenas superficialmente começava a surgir, seria fundamental, não somente no processo de constituição de um problema de pesquisa mas no que diz respeito a romper com as expectativas do pesquisador entre o que se esperava encontrar (agricultores totalmente comprometidos com os Sistemas Agroflorestais) e o que na prática se observou. Esse rompimento com as expectativas é um dos elementos que faz com que se torne necessário abrir mão da perspectiva do observador e se torne rico assumir a perspectiva dos atores. É compreender que por diversas vezes as hipóteses e teorias com as quais se entra a campo são insuficientes para capturar as complexidades observadas localmente.

Nessa fase inicial de reconhecimento do campo, o contato com o agricultor do Caso 1 me possibilitou uma maior aproximação com a associação da qual faz parte, ele me introduziu brevemente a um histórico do grupo e contribuiu para conformar uma imagem inicial da Associação que se tornaria central ao longo do trabalho. A opção metodológica por não realizar entrevistas fez com que todo o trabalho tomasse mais tempo e avançasse somente na medida em que se fortaleciam os vínculos com os atores, assim, o processo de mapear espaços e ir gradativamente tentando constituir um problema de pesquisa consistente, e posteriormente buscar respondê-lo, avançava sempre e quando essas informações eram trazidas à superfície da maneira mais espontânea e natural possível.

Uma vez identificado o primeiro espaço conformado pelo agricultor do Caso 1 e seus pares, a EcoCampos, era importante buscar formas de compor as reuniões do grupo quando possível e compreender melhor os temas e dinâmicas que ali se davam. Assim, com o tempo e na medida em que meus contatos com esse agricultor geravam sentimentos recíprocos de confiança, fui convidado a passar a frequentar as reuniões. Esses encontros se configuram como um dos principais espaços de interesse deste estudo, pois é precisamente ali, que ocorre, além do encontro físico e geográfico, o encontro de ideias, trocas de conhecimento, empoderamento, soluções de conflitos, planejamentos e construções de estratégias tendo como base a Agroecologia.

Paralelamente às reuniões, busquei acompanhar os agricultores em suas práticas diárias, fossem elas relacionadas aos SAF's ou não. Esses momentos foram importantes para compreender as lógicas através das quais os atores se mobilizam, e suas conseqüentes ações para construir estratégias de se fortalecer na prática agrícola através da Agroecologia. O contato com cada agricultor foi bastante

diferente e igualmente variável no que diz respeito à quantidade e à intensidade de nossos encontros.

O caso mais significativo é meu contato com o agricultor do Caso 2. Descobrimos ter uma série de interesses em comum, o que contribuiu para estarmos interagindo na maior parte do tempo. Transbordamos os limites do campo e passamos a desenvolver uma série de projetos em comum, dentre eles o manejo das agroflorestas, a construção de sua casa, coleta de cogumelos silvestres, produção de cervejas artesanais, instalação de um apiário, organização de cursos de bioconstrução, construção de um viveiro e estufa, além de uma série de encontros informais.

Meu contato com este agricultor e nossa convivência mudaram completamente a dinâmica de estar em Vacaria. Passamos de desconhecidos a praticamente irmãos em um período de tempo muito curto, nossas conversas foram muito além de entrevistas, de cadernos de anotações ou questionários preparados. Vivemos o convívio direto, de frequentar a casa, de preparar e produzir alimentos juntos, de debater Agroecologia e a agricultura convencional e de aprender, desde alguém importante em minha vida, quão desafiadora é a agricultura e, principalmente a transição agroecológica.

Por outro lado, na medida em que passei a frequentar as reuniões da EcoCampos, outros espaços foram sendo identificados e o esforço foi sempre o de acompanhar os atores. Para além das viagens realizadas para os mutirões das agroflorestas realizados em Vacaria e na região, passei a frequentar algumas propriedades com maior frequência. Inclusive tendo sido convidado por dois dos agricultores que compõem o presente estudo para me mudar para suas propriedades no intuito de colaborar em seus sistemas produtivos, ampliando as possibilidades de produção e comercialização.

Em um outro contexto, e bastante inesperado, tivemos ainda a possibilidade de ampliar nossa interação e realizar outros tipos de trabalho conjuntamente. Em outubro de 2019 passei a integrar a equipe técnica do CETAP. A partir desse momento pude passar mais tempo com os agricultores e acompanhá-los em espaços que são tradicionalmente ocupados exclusivamente por agricultores como é o caso das assembleias dos núcleos da Rede Ecovida de Agroecologia. Essa presença com os atores em outras instâncias de cooperação e de construção da Agroecologia foi o que permitiu, por exemplo, observar as características do grupo

em um cenário externo, abrindo a possibilidade para compreender melhor os mecanismos de construção de uma coesão interna, fundamental no contexto do associativismo.

Um dos agricultores interlocutores do trabalho também ingressou na equipe do CETAP no mesmo período, de tal forma que passamos a ser colegas de trabalho para além do mestrado, o que possibilitou um convívio maior e em um contexto distinto daquele no qual me encontrava enquanto pesquisador observador. Esses momentos também contribuíram para elencar elementos sutis de contradições internas do grupo, dificuldades enfrentadas e particularidades que, talvez da posição de espectador das reuniões e do contato individual com os atores tivessem passado despercebidos. Por compor a mesma equipe que o técnico do CETAP de Vacaria, cuja participação na construção da Agroecologia tem sido fundamental na promoção dos Sistemas Agroflorestais na região, outras perspectivas sobre o grupo, agora exógenas também foram ficando mais ricas.

Pode-se, portanto, resumir esse processo de ingresso ao campo e de turbidez entre as posições de pesquisador, amigo, colaborador e assessor em três momentos principais como discutido. O primeiro deles caracterizado pelo contato com Vacaria, com o técnico do CETAP do município e com a EcoCampos através do projeto Panexus. O segundo, através de minha vinda ao município e meu estabelecimento definitivo, o que possibilitou estar em contato constante com os atores e participar de todas as atividades propostas que estivessem contempladas na pesquisa. O terceiro, finalmente, diz respeito ao início da atuação enquanto assessor da equipe técnica do CETAP, que forneceu elementos de um olhar externo, de alguém que agora “trabalhava para” a associação e que, ao fazê-lo, me colocou em uma posição pouco ortodoxa para uma pesquisa de mestrado. A seguir, são apresentados os resultados obtidos através do exercício de uma adaptação da metodologia da linha do tempo, somados às percepções de mais de 17 meses de convívio com os atores.

#### 4.1 CONHECENDO E SEGUINDO OS ATORES: QUATRO TRAJETÓRIAS DE VIDA

A construção de narrativas capazes de descrever as trajetórias de vida e, sobretudo, da agricultura enquanto prática e modo de vida dos agricultores, é um dos principais elementos em um estudo que busca identificar e compreender a

questão da agência humana. A partir dos atores em seu universo mais íntimo se pode estabelecer, efetivamente, momentos ou fases da vida em que os indivíduos se tornam capazes de reconhecer e identificar elementos de uma estrutura social que os compele a agir de determinada forma e que transforma o mundo à sua volta. Fosse a realidade social um conjunto limitado de arranjos pré-determinados estruturalmente, a contestação e a luta pela resistência não existiriam. O presente capítulo responde ao objetivo específico da pesquisa de compreender as motivações dos agricultores para a implementação e manutenção de Sistemas Agroflorestais em suas propriedades, bem como a forma como tal processo se deu.

A reconstrução das trajetórias de vida dos quatro casos de interesse no presente estudo, justifica-se na busca por trazer à tona dois elementos centrais na ideia por trás da noção de agência humana, a capacidade de saber e a capacidade de agir. Para tal, dois aspectos metodológicos foram importantes. A observação, ao longo de, aproximadamente 17 meses, e o uso de uma adaptação da ferramenta “linha do tempo”, ambos descritos no capítulo metodológico.

Tal proposta de análise tem o intuito de possibilitar um processo de reflexão dos agricultores sobre suas trajetórias de vida na agricultura. A ideia é, basicamente, compreender como e o porquê de os atores estarem onde estão e fazendo o que fazem. As narrativas aqui descritas consistiram, portanto, em uma sobreposição entre o processo de seguir os atores, as observações, conversas, reflexões e indagações do cotidiano feitas pelo pesquisador, e da adaptação da ferramenta “linha do tempo”.

#### **4.1.1 Caso 1**

Essa história de vida trata de um agricultor de descendência italiana nascido no município de Marau, RS, mais especificamente no interior do município de onde provém seus primeiros contatos com a agricultura. Dentre os agricultores que conformam o presente estudo, foi o primeiro com quem fiz contato. Este agricultor foi fundamental para minha inserção na EcoCampos. Nossos encontros se davam inicialmente nas feiras de Vacaria onde o agricultor comercializa uma série de produtos distintos, todos eles orgânicos e associados à promoção da Agroecologia.

Dentre os produtos que vende, destacam-se as sementes crioulas (das quais se considera guardião), alimentos orgânicos em geral (produzidos por ele ou não),

mudas e sementes de espécies diversas (plantas alimentícias não convencionais, ervas medicinais, ornamentais e etc.), frutas e hortaliças produzidas em seu sítio, nozes, além de livros sobre Agroecologia, alimentação alternativa e outros. Sua banca se destaca por uma série de jornais e panfletos divulgados como forma de promoção da Agroecologia, das sementes crioulas, da alimentação orgânica e da importância da agricultura familiar.

No que diz respeito à construção da linha do tempo, o agricultor solicitou alguns dias para refletir sobre o tema e, apesar da instrução de condensar as experiências em palavras chave que dissessem respeito exclusivamente à agricultura, foi entregue um conjunto de nove laudas, em prosa, narrando toda sua vida. Desse material, o pesquisador privilegiou a seleção de momentos mais direcionados a prática da agricultura.

Em destaque estão algumas categorizações feitas pelo autor a partir do texto escrito pelo agricultor, e da narrativa contada com ênfase nos momentos mais importantes por ele destacados. Os trechos entre aspas correspondem a falas do agricultor e trechos do texto por ele entregue.

#### **1958 a 1976 – A vivência no município de Marau, RS**

Os primeiros anos de vida deste agricultor são descritos com especial ênfase às dificuldades sociais e econômicas enfrentadas por sua família. Nascido em 1958 e, tendo residido em Marau, RS até 1976, ele relatou um grau de isolamento importante entre a propriedade de seus pais e os centros urbanos de maneira que, desde pequeno dedicava-se a ajudar os pais e avós na prática da agricultura. Dentre as memórias marcantes por ele destacadas está o fato de ajudar a avó a coletar ovos e levá-los para serem trocados ou vendidos em um armazém localizado a 4 quilômetros da propriedade.

O agricultor marca que, aos 11 anos de idade trabalhava com seu pai nas lavouras, um serviço extremamente exigente fisicamente que contribuiu para uma visão negativa da agricultura em seus anos iniciais. Segundo ele: *“Lavrava com uma junta de boi, o arado era maior que eu. Todos os domingos, lavava roupa de toda a família, eram 13 pessoas! Naquele tempo a gente só trocava uma vez por semana.”* (dados da pesquisa, 2019).

O período também é destacado com atenção à repressão com a qual se deparava em ambientes diversos, dentre eles a escola. O agricultor narra que professores eram, diversas vezes, violentos e atribui tais posturas, principalmente ao

contexto da ditadura militar. O trajeto de 16 quilômetros para ir e voltar à escola também é destacado com ênfase em um detalhe particular. O agricultor relata ter visto, entre 1974 e 1975, surgir a primeira plantação de pinus de sua vida e da região, onde lhe chamava a atenção a total ausência de pássaros. Segundo ele: “*foi muito comentado na escola [...] nem um passarinho pousava na árvore, no chão, não nascia nada.*” (dados da pesquisa, 2019). A percepção de um novo sistema de cultivo sendo introduzido na paisagem, e a forma de interação da fauna local com o avanço desse tipo de produção agrícola, contribuem para a formação de uma postura crítica no discurso atual do agricultor.

Tal período de infância e início da adolescência é marcado por uma série de privações materiais, de oportunidades e pela necessidade latente de participar das atividades produtivas da família. Esse nível de esforço físico e cansaço, segundo comenta o agricultor, o levou a um esgotamento que fez com que jurasse nunca mais trabalhar com a agricultura. Segundo ele: “*Até os 17 anos foi muito sofrido, o trabalho forçado na roça, tudo braçal. Mas também nos restou muitas coisas boas, a família muito mais unida que hoje.*” (dados da pesquisa, 2019).

Em 1977, o agricultor relata ter servido o Exército no que considera, em suas palavras, “*a melhor aprendizagem da minha vida de respeito, responsabilidade e compromisso.*” (dados da pesquisa, 2019). O período de um ano é apresentado pelo agricultor como um momento de crescimento pessoal importante e de diversas passagens marcantes.

Entre 1978 e 2008, o agricultor exerceu o cargo de vendedor na empresa Jolitex. Esse amplo período de sua vida é marcado por um conjunto de elementos que impactam os caminhos que viria a traçar. Segundo o agricultor, o emprego possibilitou realizar o sonho de sua família ter acesso à energia elétrica pela primeira vez em 1980. Além disso, sua profissão fazia com que realizasse inúmeras viagens ofertando produtos.

Esse fato é importante, pois é nesse período, nesses trajetos, que o agricultor relata uma nova percepção de transformações na paisagem, sugerindo, uma vez mais, sua capacidade de perceber mudanças impactantes na relação entre a organização social na agricultura daquele momento e o restante da natureza. Alguns momentos ajudam a ilustrar essas dinâmicas. O primeiro deles diz respeito à visita a uma tia no estado do Paraná. O agricultor conheceu as sete quedas, em Foz do Iguaçu, e o início da construção da hidroelétrica de Itaipu. O segundo, se refere a

uma diminuição das florestas nativas em todo o percurso de sua viagem. Ele conta: *“Fiquei apavorado, não tinha mais mata!”* (dados da pesquisa, 2019).

Outro elemento importante é o relato de que, em meados dos anos 80, apareceu na propriedade de sua família, um vendedor de soja transgênica. Ele lembra que, naquele período esse tipo de cultivo era proibido o que causava grande receio ao longo de todo o processo produtivo. Segundo conta: *“escutando o rádio, o repórter falava, se plantar soja transgênica pode ir pra cadeia. O avô, o pai e os irmãos acabaram plantando a soja transgênica, passamos muitas noites sem dormir com medo de ir pra cadeia. Isso passou.”* (dados da pesquisa, 2019).

Na primeira colheita da soja transgênica, o agricultor relata que seu avô elaborou uma ração para 19 porcos em período de engorda. Ele afirma que: *“No dia seguinte, os porcos não caminhavam mais, teve que ir pro abate”*. E complementa: *“depois eu descobri que a mesma coisa aconteceu com mais gente na região, a gente pensava que era só com a gente.”* (dados da pesquisa, 2019).

O agricultor permaneceu como representante da Jolitex até janeiro de 2018,

Destas 4 décadas viajando por quase 100 municípios do Rio Grande do Sul, sempre observando o desmatamento, cada vez mais erosão, o pessoal usando cada vez mais agrotóxico. Nos últimos anos diminuiu 90% de animais que eu via nas estradas... eu apaixonado por florestas, água e bicharadas... (dados da pesquisa, 2019).

### **2008 - Sítio Salvar o Planeta**

O agricultor comenta que, em maio de 2008 decidiu adquirir uma propriedade, seu objetivo era, segundo conta, *“salvar o planeta, nem que seja só com esses 11 hectares aqui.”* (dados da pesquisa, 2019). Iniciativa que se dá, em grande parte, tendo observado a degradação florestal e ambiental enquanto comerciante. Inicialmente sua intenção era a de recuperar a área com florestas nativas, não havendo o interesse em produzir alimentos a partir da propriedade nem de utilizá-la como fonte de renda.

O agricultor relata que, em 2011 foi convidado por uma amiga a participar de uma reunião com um grupo de agricultores. Nessa ocasião ele conheceu um técnico do CETAP que promovia o projeto de implementação das agroflorestas nos Campos de Cima da Serra. Inicialmente o agricultor optou por aguardar um período de tempo maior antes da implementação de seu SAF, no entanto, o projeto deveria ser executado no mesmo ano. Assim, foram introduzidas 755 mudas de 13 espécies

distintas em sua propriedade. Segundo seu relato: “Levei 4 sábados e 3 domingos e meio de enxada e picão porque só no sábado e domingo, era só o tempo que tinha, viajava de segunda a sexta.” (dados da pesquisa, 2019).

### **2012 - Intercâmbios**

Em 2012, o agricultor e alguns outros produtores do município e região tiveram a possibilidade de participar de alguns intercâmbios em propriedades distintas. A iniciativa, do CETAP, teve como objetivo possibilitar o convívio, a troca de experiências, práticas e técnicas voltadas, no caso, aos Sistemas Agroflorestais. O primeiro intercâmbio foi realizado no município de São Pedro de Alcântara. Segundo conta:

Nesse dia, quase chorei numa propriedade. O agricultor lá no meio disse que cultivava banana orgânica a 21 anos, até então eu não acreditava. No outro dia fomos visitar uma agroindústria de banana desidratada, sentamos embaixo de uma enorme árvore, estávamos em 25 pessoas, quando ouvimos os depoimentos dos agricultores foi emocionante. Quem acompanhou foi o [...] CETAP (dados da pesquisa, 2019).

O segundo intercâmbio foi para o projeto Cooperafloresta, no estado de São Paulo, amplamente conhecido por seu trabalho com Sistemas Agroflorestais e na formação de agricultores e técnicos que trabalham com a temática<sup>22</sup>. O agricultor destaca a comparação entre uma das propriedades do projeto e a vizinha. Em suas palavras ele afirma: “É assustador a diferença.” (dados da pesquisa, 2019).

### **2015 – A EcoCampos**

O ingresso do agricultor na EcoCampos veio por parte de outros dois agricultores que já haviam dado início ao processo. Ele relata ter recebido o convite e caracteriza aquele momento como “*um grande passo, um grupo unido pela sinceridade. Amizade.*” (dados da pesquisa, 2019). Após seu ingresso na EcoCampos, ocorre a inserção do agricultor na Rede Ecovida de Agroecologia, espaço que faz questão de compor.

No mesmo ano, o agricultor foi convidado pelo técnico do CETAP para compor um outro projeto, o Rural Sustentável<sup>23</sup> no qual sua propriedade foi escolhida como área de demonstração e de realização de dias de campo. Segundo

<sup>22</sup> Uma discussão rica sobre o projeto Cooperafloresta pode ser encontrada no trabalho de Steenbock (*et al.*, 2013).

<sup>23</sup> O projeto Rural Sustentável foi uma iniciativa promovida pelo Banco Interamericano para o Desenvolvimento e parceiros que compreendia, dentre outras ações, o incentivo aos sistemas agroflorestais. Para mais: <http://www.ruralsustentavel.org/sobre/>. Acesso em: 30 jan. 2020.

descreve o agricultor: *“A cada encontro, uma emoção a mais!”* (dados da pesquisa, 2019).

No período entre 2015-2019, O agricultor ampliou profundamente sua participação em debates que promovam a Agroecologia. Ele tem dedicado tempo e esforço em compor encontros, Romarias da Terra, trocas de sementes crioulas, cursos sobre Sistemas Agroflorestais, meliponicultura e produção de sementes. O agricultor também recebeu estudantes em sua propriedade onde faz questão de mostrar seu trabalho como guardião de variedades raras e crioulas, entendendo que tais oportunidades potencializam e fortalecem a discussão sobre a Agroecologia.

A trajetória deste agricultor é um conto de reencontro e ressignificação de uma série de elementos. Seu passado de trabalho árduo na propriedade dos pais era também marcado por uma época de privações materiais mas também de um convívio íntimo com a natureza. O afastamento da agricultura e uma carreira muito consolidada enquanto vendedor foi o que o possibilitou construir um padrão de vida de conforto junto de sua família. No entanto, as rotineiras viagens pelo interior do estado mostravam cada vez mais um nível de redução da fauna e flora nativas, o que trazia grande inquietação ao agricultor. O contato com os Sistemas Agroflorestais foi a ponte que permitiu reconectar a agricultura com o amor à natureza sem os encargos do trabalho oneroso que a lavoura de seus pais outrora exigia. Trata-se portanto de um movimento consciente, ativamente criado e estratégico de resistência ao uso indiscriminado de agrotóxicos, ao desmatamento, aos organismos geneticamente modificados e à violência contra a natureza. Seu sítio, “Salvar o planeta”, não deixa de ser uma reificação de um esforço para lutar contra o desmatamento e demais práticas que o chocam desde que passou a perceber alterações na paisagem em sua infância. Ploeg (2008) reforça que existem distintas formas de se criar resistências:

A resistência se encontra igualmente na criação de novas unidades de produção e de consumo em campos que deveriam manter-se improdutivos ou ser usados para a produção de culturas de exportação em grande escala (PLOEG, 2008, p. 289).

Seu contato com atores promotores da Agroecologia na região, bem como com outros agricultores ofereceu uma nova perspectiva de vida para o agricultor que, atualmente, é o maior promotor da Agroecologia dentro da EcoCampos. É ele que se dispõe a expor cartazes sobre a violência no campo, sobre os riscos do

consumo de agrotóxicos, sobre e importância da justiça na organização fundiária do país, sobre os riscos dos alimentos geneticamente modificados e diversos outros temas. Profundamente preocupado com a disseminação dos conhecimentos sobre Agroecologia, procura sempre que possível estabelecer parcerias com as escolas e faculdades da região (dentre elas o IFRS, com quem trabalha em uma parceria sobre conservação das variedades crioulas de milho) no intuito de promover debates e ações nesse sentido.

Em suma, este é um agricultor ecologista cuja principal preocupação reside em proteger e cuidar da natureza. Preocupação esta produto de anos de observação do avanço das fronteiras agrícolas sobre as matas, do crescimento dos monocultivos e da degradação ambiental desencadeada a partir desse contexto. Sua presença nas feiras, onde vende seus produtos é, além de uma fonte de renda, um espaço de militância e manifestação em favor da Agroecologia e do conhecimento.

Cabe apontar que esse enfoque sistêmico dos SAF's enquanto sistemas produtivos que fluem nas sinergias da natureza e tem o propósito (dentre outros) de servir como espaços de recuperação do ecossistema é comum entre os que praticam essa forma de agricultura, tendo sido também identificado em outras regiões do estado conforme aponta Souza (2009).

Aposentado, e sem depender da agricultura como fonte principal de renda, seu propósito maior é viver momentos de amizade com aqueles que compartilham, como ele, um amor incondicional pela Natureza. *“Sou uma pessoa simples, honesta, não medir esforço para ajudar o próximo, ser amigo e fazer amigos não custa nada. Ser rico, ser pobre não faz diferença, e ser uma pessoa humilde que respeita a todos em qualquer momento da vida.”* (dados da pesquisa, 2019).

#### **4.1.2 Caso 2**

De todos os agricultores sujeitos do presente estudo, foi com este que passei mais tempo. Nosso convívio transcendeu os limites da pesquisa, permitindo um conjunto de experiências que possibilitam um olhar mais amplo e complexo sobre a realidade de sua vida não somente como agricultor. A partir de nosso contato, pude perceber as complexidades, aflições e dificuldades que o processo de transição agroecológica pode impor e passei a perceber como um esforço de mudança pode ser do tamanho de um projeto de vida.

Esse processo, que se fez presente com todos os interlocutores ainda que em graus diferentes, dialoga com o que Michael Drinkwater (1992) preconiza para trabalhos dentro da Perspectiva Orientada ao Atores. Segundo ele,

[...] uma perspectiva orientada aos atores deveria compelir-nos a observar cuidadosamente a criatividade, não somente dos atores como do pesquisador. Tal análise implica, necessariamente, em uma distinção sendo feita entre a perspectiva dos participantes e do pesquisador (DRINKWATER, 1992, p. 372, tradução nossa).

No intuito de explorar essa criatividade é que foi tomada a decisão de compartilhar a perspectiva do pesquisador com os atores buscando contrapor essa leitura à dos próprios participantes e, conseqüentemente, buscar uma reflexão que tomasse a forma de produto dessa interação.

Do ponto de vista técnico e produtivo, o agricultor vê nos Sistemas Agroflorestais um investimento no futuro, uma possibilidade de sair da produção de grãos, sejam eles convencionais ou orgânicos, por relatar um profundo sentimento de insegurança com relação a essa forma de fazer agricultura e a ausência de uma identificação com tal processo produtivo. Ele relata frequentemente incredulidade com a dependência da agricultura convencional dos mercados externos, preço do dólar e a submissão às relações internacionais que afetam diretamente o retorno de seus investimentos. Segundo ele, *“Essa agricultura daqui a pouco vai quebrar, se chove demais ou de menos, já era, o agricultor perde tudo”* (diário de campo, 2019).

No entanto, neste momento o agricultor vê a necessidade de cultivar parcelas de terra com produção de grãos em sistema convencional. Ele identifica o retorno financeiro rápido desses cultivos como uma forma de financiar sua transição agroecológica. São princípios filosóficos de superação da agricultura convencional que o movem. De acordo com o agricultor: *“O que eu tenho a ver com o preço do dólar? Eu sou agricultor, quero plantar, não quero saber se o Trump tem problema com os chineses, não me interessa.”* (diário de campo, 2019).

Sua agrofloresta foi implementada há aproximadamente quatro anos. O agricultor tem investido na produção de frutas diversas, sejam elas nativas ou não, e vê no sistema uma forma de gerar mais empregos, depender menos de máquinas e manejos intensivos. Ele vê nessa forma de produzir uma possibilidade de aposentadoria. Sua propriedade é um mosaico de experimentos de manejos agroecológicos para a produção de diversas culturas tais como milho crioulo, feijão,

sementes de adubação verde, uvas e até lúpulo para fabricação de cervejas artesanais.

O caso deste agricultor, (e também do caso 4, mais discutido adiante) é profundamente representativo das dificuldades da busca pela construção de uma agricultura agroecológica em um contexto adverso e de pouco apoio institucional dos órgãos públicos. Assim, a assistência e o apoio vêm de fontes distintas como as ONG's que atuam na região (como o CETAP e o Centro Ecológico) e dos demais atores que promovem o debate da Agroecologia. Este cenário é um dos principais elementos que traz a necessidade de se estabelecer relações de cooperação que possam fortalecer as caminhadas individuais dos agricultores.

A descrição dos momentos mais marcantes da vida do agricultor e de sua trajetória na prática da agricultura a seguir, ajuda a entender esse processo. Em destaque são apresentadas as palavras chaves escritas pelo agricultor durante o exercício reflexivo proposto através da adaptação da ferramenta "linha do tempo". Na sequência realiza-se a discussão sobre o porquê de tais escolhas. Os trechos entre aspas correspondem às falas exatas durante a conversa, que foi gravada em áudio.

### **Anos 2000 - Compra do sítio; primeiros passos na agricultura**

A propriedade onde atualmente reside junto de sua família foi adquirida no ano 2000. O agricultor e os pais possuíam outra propriedade compartilhada com demais membros da família, mas tomaram a decisão de buscar outra área para plantio e, a partir da venda da primeira, foi possível adquirir o espaço onde atualmente desenvolvem a agricultura. Inicialmente sua família não dispunha do capital suficiente para produzir por conta própria, assim, a solução encontrada foi arrendar as áreas pelo período de cinco anos para então poder se dedicar integralmente à atividade fazendo a aquisição das máquinas necessárias.

### **2005 a 2008 - Entendimento da mecanização**

O agricultor assinala que no período entre 2005 e 2008, no início da produção agrícola voltada para grãos (sobretudo milho e soja além das culturas de inverno), houve o processo de construção de conhecimento em torno da mecanização na agricultura. Isto é, uma apropriação do conjunto de técnicas necessárias para a produção em larga escala nos sistemas convencionais e com uso de organismos geneticamente modificados.

### **2008 a 2013 – Início da faculdade**

Durante o início da faculdade, foi relatado que o agricultor e seu pai não possuíam um conhecimento aprofundado sobre a produção de grãos. Assim, enquanto residia em município vizinho para estudar, as decisões técnicas sobre a lavoura eram tomadas entre seu pai e um sócio. Esse período é marcado por um conjunto de intempéries que afetaram drasticamente a produção além de problemas na sociedade formada acarretando em um endividamento de sua família.

### **2013 - Volta da faculdade**

Em 2013, após a conclusão do curso, o agricultor volta e assume a responsabilidade técnica da produção familiar. Ele afirmou que não conhecia a Agroecologia até então, e os anos que se seguiram foram voltados à recuperação financeira da família através da produção em sistema convencional.

### **Agroecologia, Ipê, Centro ecológico**

Aqui há a primeira aproximação por parte do agricultor com a Agroecologia enquanto conjunto de técnicas, práticas, formas de organização produtiva e social. Esse contato se dá através de um colega de curso que havia realizado estágio no Centro Ecológico no município de Ipê<sup>24</sup>. Ele então tem a possibilidade de realizar visitas a propriedades distintas, conhecer experiências consolidadas e aprender técnicas e formas de manejo que antes não faziam parte de sua atuação. Uma abertura para tais princípios se dá ainda em um contexto de busca pela organização financeira da propriedade, vendo na produção agroecológica possibilidades futuras de geração de renda e superação das dificuldades daquele contexto.

### **2015 - Aplicação de técnicas agroecológicas - Atuação e liberdade em colocar o conhecimento em prática**

Considerado pelo agricultor como central no processo de transição agroecológica, tal momento é marcado profundamente pela relação com seu pai: “e por quê eu coloco isso aqui? atuação e liberdade em colocar o conhecimento em prática? Porque foi o que o pai fez, ele me deu total apoio e liberdade de fazer o que eu queria e precisava para fazer o rolê acontecer.” (dados da pesquisa, 2009). A partir desse momento, O agricultor relata que passou a frequentar o Centro Ecológico pelo menos uma vez por mês, fazendo uma série de cursos para aprender

---

<sup>24</sup> O Centro Ecológico é considerado uma das organizações pioneiras e de maior importância na promoção da agroecologia em nível nacional. O município de Ipê, onde fica sua sede, é considerado como “a capital nacional da agroecologia”.

um conjunto de técnicas agroecológicas que passaram a fazer parte do sistema de produção da família. Segundo relata: *“foi quando eu comecei a fazer o super magro<sup>25</sup>, testar variedades de soja convencionais, variedades de milho convencionais, quando comecei a reduzir a adubação química e começar a usar a adubação orgânica.”* (dados da pesquisa, 2019).

### **Visualização da problemática da produção orgânica de grãos em larga escala**

O investimento em conhecimento adquirido através do contato com o Centro Ecológico mudou a direção da propriedade, esse reordenamento, contudo, não é capaz de dar conta de um conjunto de dificuldades observadas pelo agricultor na tentativa de produzir grãos em larga escala e nos sistemas orgânicos. Segundo o agricultor:

[...] a gente não tem máquinas bem estabelecidas para fazer a limpeza, né? Pra fazer a capina... as cultivares de soja e milho são cultivares antigas que tem uma baixa produção e os custos elevados de hoje em dia... e a comercialização, que tu acaba vendendo por 30% a mais do preço o que não viabiliza a comercialização (dados da pesquisa, 2019).

Essa fala é emblemática permitindo a percepção de que existe uma lacuna técnica, produtiva e mesmo estrutural na produção agrícola em modelos que fujam daqueles preconizados e impostos pela Revolução Verde. A reordenação do sistema produtivo na agricultura foi de tal forma orquestrada, com os objetivos pré estabelecidos de que se produza somente em seus termos, que alternativas foram ativamente marginalizadas, e encontram, hoje, dificuldades em se consolidar, sobretudo como alternativas aos agricultores. Esse elemento, reforça a ideia e a necessidade por buscas por outras formas de viver e praticar a agricultura e, conseqüentemente, exercer a resistência a tal projeto.

### **Problemas financeiros decorrentes de decisões tomadas**

As dificuldades técnicas aliadas a um conjunto de decisões ruins na interpretação do agricultor acarretam em um conjunto de problemas financeiros e novos endividamentos dele e de seu pai na produção agrícola. O que, por um lado expõe a ausência de amparo dos órgãos competentes (de pesquisa e extensão, por exemplo) e, por outro, traz à tona a dificuldade em se levar a cabo uma transição

---

<sup>25</sup> O “Super Magro” é uma técnica de adubação utilizada na agricultura orgânica.

agroecológica rápida, em grande escala e que encontre as ferramentas necessárias para ser bem sucedida.

### **Alteração no modo de pensar os grãos, principalmente no meio de comercialização**

Essa é a fase na qual o agricultor se identifica no presente momento. Ela consiste em repensar estratégias para a produção de grãos em sistema orgânico aliada à necessidade de se reestruturar financeiramente, o que acarreta em uma nova guinada à agricultura convencional pelos altos rendimentos e pela facilidade de comercialização.

Terminada a dinâmica proposta na atividade, alguns minutos depois, o agricultor pede para adicionar um novo momento:

#### **2015 - Criação da EcoCampos, Certificação Orgânica**

Segundo seu relato, esse momento:

Foi uma realização ímpar na minha vida, se pá uma das melhores...a criação da EcoCampos também né, um meio de poder ajudar as pessoas e também de unir várias pessoas legais por um objetivo em comum que é bem legal também... que é a Agroecologia (dados da pesquisa, 2019).

Dentre uma série de elementos presentes na reflexão sobre sua trajetória na agricultura, alguns deles merecem destaque. O primeiro, e que é recorrente, é a importância do fator econômico, da renda e da viabilização produtiva e econômica da agricultura. Seja ela em sistema convencional ou orgânico, as crises enfrentadas pelo agricultor e seu pai são os pontos que marcam as mudanças estratégicas. Em um primeiro momento a Agroecologia aparece na vida do agricultor como um potencial diferencial produtivo e uma aposta na geração de valor agregado como forma de sair de dificuldades financeiras. Já em um segundo momento, as dificuldades técnicas desse sistema, a ausência de equipamentos, insumos e material genético que possibilitem uma produção rentável e competitiva o compelem a se rearticular em torno do sistema convencional como uma forma imediata de levantar recursos e solucionar a questão do endividamento.

No entanto, ao invés de desistir da Agroecologia, o elemento retratado em sua fala de *“ajudar as pessoas”* e *“unir pessoas legais em torno de um objetivo comum”* descrito acima, é resgatado como um dos momentos mais marcantes de sua vida. Assim, o fato de que a consequência das dificuldades financeiras oriundas dos impasses técnicos e produtivos em sistemas orgânicos tenha sido um

reinvestimento nas culturas convencionais, aparece como alternativa exclusiva para aquele momento. Prova disso é a recorrente afirmação do agricultor de que quer investir em novas áreas de Sistemas Agroflorestais como forma de independência financeira justamente dessas oscilações e instabilidades econômicas. Frente à maior estiagem desde 2012, no verão de 2019, o agricultor manifestou um stress psicológico e emocional profundo por ficar à mercê de fatores que não pode controlar. *“Vou investir muito na agricultura sintrópica, não dá pra passar esses apertos a vida toda, pelo menos uns 5 hectares de agrofloresta [...]”* (dados da pesquisa, 2019) disse ele.

Além desse elemento, quando conversávamos sobre os momentos mais marcantes do ano de 2019, o agricultor afirmou que a decisão de investir em uma agroindústria para o processamento de farinhas orgânicas de milho e trigo - oriundas de sua produção e também dos produtores do circuito de comercialização da Rede Ecovida - foi central. Ou seja, diante das dificuldades enfrentadas em seu processo de transição agroecológica, o agricultor tem tentado encontrar respostas através da cooperação e do contato com outros atores que lutam pela Agroecologia, enfatizando a agência enquanto uma prática relacional na luta pela construção de um projeto em comum. Ele opta por tal estratégia ao invés de desistir e dar sequência a uma forma de se praticar a agricultura que é privilegiada em termos técnicos, logísticos e etc. como é a agricultura convencional.

No caso deste agricultor e dos demais, a noção de que a resistência pode se dar desde o processo de construção de alternativas, ao invés de destruir estruturas de dominação, é particularmente importante. Em determinados casos, a estrutura de dominação é ideológica quando é manifestada no discurso hegemônico da modernização da agricultura e da produção de *commodities*. Porém, a dominação também é material quando se converte em trabalho e fonte de renda para alguns agricultores. No entanto, no íterim desse quadro é que se criam movimentos e espaços através da construção e do fortalecimento da Agroecologia como formas de resistência.

Dentro da heterogeneidade observada em campo, notam-se cenários complexos nos quais, embora os discursos se orientem no sentido de superação da agricultura industrial e na luta por sistemas agroecológicos com destaque aos Sistemas Agroflorestais, na prática certos agricultores se veem dependentes financeiramente da agricultura convencional. Esse tipo de conflito interno reforça a

ideia de que os atores não vivem apenas reproduzindo estruturas ou modelos de ação hegemônicos, são capazes de reordenar suas próprias vidas no intuito de superar dificuldades. Esse movimento, praticado desde uma perspectiva individual é bastante difícil, sobretudo pela ausência do compartilhamento dos valores subjetivos que são, efetivamente, os impulsionadores da busca por alternativas técnicas e produtivas. Assim, a resistência nesse contexto tem de ser gradativa e construtiva pois implica que, por vezes, o confronto direto e a negação de todos os pressupostos do sistema dominante em questão, de uma forma abrupta e radical, levaria inevitavelmente à inviabilização da prática da agricultura como um todo. Trata-se de pensar a formulação de estratégias em termos de espectros e não dicotomias.

Figura 9 - Silo para armazenamento de grãos



Fonte: Guilherme Souza (2019).

Nota: Silo na propriedade do agricultor do Caso 2. O local, utilizado atualmente para armazenar grãos produzidos em sistema convencional, carrega uma mensagem que traduz os sonhos do agricultor para seu futuro.

Assim, por mais contraditório que possa parecer, o investimento em uma agricultura desse tipo, no presente momento da vida deste agricultor, tem sido interpretado como um recurso de capitalização para um investimento definitivo na Agroecologia. Dinâmica esta que o agricultor entende como parte de um objetivo comum, compartilhado por outras pessoas.

As agroflorestas, bem como a agroindústria, a produção orgânica de grãos, os insumos e etc. são vistos como uma forma de superação das micro e macro instabilidades às quais a produção de *commodities* está sujeita na opinião do agricultor. Se o que se busca é a perspectiva do ator social em observar e compreender a estrutura na qual está inserido, isso pode ser identificado a partir de sua percepção manifesta de que a agricultura convencional está condenada ao fracasso, que é volátil, instável e altamente arriscada. Os Sistemas Agroflorestais e a cooperação com outros agricultores, a inserção em redes de Agroecologia e a busca por outros sistemas de comercialização, apresentam-se, assim, como alternativas.

A partir de uma perspectiva orientada ao ator, busca-se identificar a capacidade de agir dos atores sociais e ela é manifestada, no presente caso, em todas as experiências, sejam elas bem sucedidas ou não no campo da Agroecologia realizadas pelo agricultor. Na ampliação das áreas de Sistemas Agroflorestais, no investimento de recursos para a construção de uma agroindústria e no reconhecimento da importância de se ocupar espaços onde as pessoas se ajudam por um objetivo em comum, também está a agência. Todos esses elementos apontam que, embora no contexto atual a agricultura convencional, com organismos geneticamente modificados e todas suas parafernalias seja capaz de gerar um volume de renda muito maior no presente, não é o que o agricultor almeja para o futuro.

Se a estrutura social que dá forma à agricultura industrial fosse um elemento de coerção a qual os sujeitos não pudessem questionar ou se opor, não haveria motivo e talvez nem a possibilidade de se investir em alternativas. Isso é importante pois soma-se à noção de resistência do terceiro tipo discutida anteriormente. Não se trata de enfrentar, sabotar ou destruir a agricultura convencional e a Revolução Verde, trata-se de construir alternativas, superar desafios. Em uma frase colocada pelo agricultor: *“Ajudar as pessoas e trabalhar por um objetivo comum... que é a Agroecologia.”* (dados da pesquisa, 2019).

#### **4.1.3 Caso 3**

O terceiro caso analisado é o de jovem agricultor de 36 anos natural de Vacaria. Segundo ele, não teve contato com a agricultura em sua infância e adolescência pois seus pais não eram agricultores. Este é um caso com

particularidades que conforma uma história de sobrevivência e resistência na agricultura familiar. O agricultor é casado e pai de dois filhos, sempre faz questão de usar a primeira pessoa do plural quando se refere à sua prática na agricultura, pois entende que sua companheira desempenha papel crucial no andamento e gestão da propriedade. Quando nos conhecemos esse aspecto tão central não era tão evidente, de maneira que, neste caso em específico, uma leitura a partir da família seria mais adequada. Embora na presente análise isto seja levado em consideração, no exercício proposto a instrução permaneceu sendo a de descrever a trajetória do agricultor, o que foi simbolicamente subvertido e acabou por dar conta da participação e do protagonismo de sua companheira ao longo dessa trajetória.

A aproximação com este agricultor se deu em um momento posterior e num contexto onde já havia uma relação estabelecida com os agricultores dos casos 1 e 2. Assim, certo nível de confiança entre a Associação já havia sido estabelecido. Na medida em que nos encontrávamos nas reuniões da EcoCampos e em outros espaços podia-se perceber algumas diferenciações com os demais agricultores do grupo. Este é o agricultor menos capitalizado do grupo, com a menor área rural e originalmente urbano. Nosso contato foi gradativamente ficando mais profundo e cheguei a ser convidado para morar com sua família e trabalhar como sócio na produção de hortaliças de sua chácara. Sua introdução aos Sistemas Agroflorestais é bem mais recente e seu sistema produtivo bastante diverso. A economia da família é profundamente marcada pela pluriatividade o que faz com que estejam envolvidos em diversas frentes de promoção e defesa da Agroecologia. Em Outubro de 2019 tivemos a oportunidade de ingressar juntos na equipe dos Campos de Cima da Serra do CETAP onde passamos a nos encontrar todas as semanas. Tal como nos casos anteriores, as palavras escolhidas seguem em destaque sucedidas pelas justificativas de suas escolhas.

### **1983 - Pastoral da Juventude**

A Pastoral da Juventude<sup>26</sup> foi um período na vida do agricultor e sua companheira onde tiveram um primeiro contato com questões vinculadas à agricultura, sucessão no meio rural, alimentação saudável e orgânica e onde tiveram os primeiros contatos com jovens agricultores. A esposa do produtor é filha de agricultores e já mais familiarizada com o tema. O agricultor menciona que algumas

---

<sup>26</sup> A Pastoral da Juventude é uma organização social católica presente em diversos países da América Latina. Para mais: [www.pj.org.br](http://www.pj.org.br). Acesso em: 28 jan. 2020.

atividades com práticas agrícolas e retiros da pastoral eram realizadas no Centro Ecológico de Ipê.

### **2010 - Histórias de agricultores RGE**

O agricultor trabalhou por muitos anos na empresa RGE como técnico eletricitista, em suas visitas às propriedades rurais passou a ter contato com produtores e compartilhar de suas experiências. Ele e a esposa já possuíam a propriedade onde hoje residem e trabalham. O agricultor menciona que, no período de trabalho na RGE teve muito pouco contato com outros agricultores ecologistas.

#### **2010 – 2013 - Morangos Convencionais**

Dos contatos com esses produtores, o agricultor e sua esposa decidiram investir em uma produção de morangos em sistema convencional. *“[...] e também só plantava morango, né? Não tinha nada de outras coisas, não plantava nada de comer, vivia só em cima daqueles morangos.”* (dados da pesquisa, 2019).

#### **2013 – 2014 - Agroecologia, Filho, Casa**

Em 2013 nasceu o filho mais novo do casal e eles se mudaram para a propriedade (residiam em uma casa na cidade anteriormente). Segundo o agricultor:

[...] ele começou a crescer, ali perto de 2014 ele começou a caminhar e a ir junto pra lavoura, ia tirar leite, tinha uma vaquinha e aí ele começou a querer ir junto. E daí ele começou a entender os morangos e ele queria comer os morangos [...] e aí ele já perguntava 'hoje eu posso comer morango, pai? Não passou veneno?' (dados da pesquisa, 2019).

A presença de seu filho na propriedade e as reflexões sobre o manejo convencional, repleto de aplicações de agrotóxicos levantou uma série de questionamentos sobre tal sistema produtivo e sobre a agricultura tal como é praticada de maneira geral. Eles afirmam que na época ainda não possuíam conhecimento sobre os grupos de agricultores ecologistas mas deram início a um processo de pesquisas sobre agricultura de base ecológica e sobre como substituir insumos e alterar seu sistema de manejo.

#### **2015 - Pequenas Frutas, CETAP**

Em face às mudanças no sistema produtivo da família, a Emater do município de Vacaria convidou o agricultor e a esposa a participarem da Feira das Pequenas Frutas, do mel e das frutas nativas de Vacaria. Foi nesse espaço que eles conheceram o técnico do CETAP que atuava no município e representava o

empreendimento Encontro de Sabores<sup>27</sup> na feira. O agricultor afirma que desconhecia os sistemas de legislação e certificação de alimentos orgânicos e, por já estar transformando sua forma de produção divulgou seus produtos na feira como sendo morangos orgânicos. O técnico teria observado a divulgação e dado início a um contato, indagando sobre as formas de manejo e concluindo que, de fato a produção ainda deveria ser classificada enquanto produção convencional. Ele então passou a orientar os produtores no sentido dos passos necessários para a obtenção da certificação orgânica.

### **2015 - Enxergar a propriedade diferente**

O período foi marcado por uma perda significativa das mudas de morango, o que culminou em uma urgência por diversificação da produção familiar. Tal diversificação contribuiu de maneira fundamental para a construção de uma autonomia alimentar e transformou a perspectiva de ambos quanto aos potenciais na agricultura.

### **2016 - EcoCampos**

Neste ano, um técnico da Emater do município, que já conhecia os produtores e havia realizado uma pesquisa sobre a participação do autoconsumo na renda na agricultura familiar, entrou em contato com o técnico do CETAP e ambos orquestraram um encontro entre os agricultores e a EcoCampos.

### **2017 – Certificado, Ecologia**

Após o ingresso na EcoCampos, em 2017 a família obteve sua certificação orgânica. O agricultor manifestou que a partir da certificação e do contato nas assembleias de produtores da Rede Ecovida, no entanto, sua perspectiva passou a mudar e, segundo ele,

Nós não estávamos aqui só pelo certificado, estávamos aqui pela ecologia. Na cabeça, no começo era só o certificado era certificar e ter o morango certificado e encher isso aqui de morango e levar morango pros Estados Unidos se pudesse... daí começou a mudar nossa cabeça misturar agro com ecologia (dados da pesquisa, 2019).

### **2018 – Agro, Ecologia, Floresta, Biodiversidade**

O aprofundamento das relações nos espaços de promoção da Agroecologia é um dos elementos centrais que passa a abrir o leque de possibilidades da família.

<sup>27</sup> O Encontro de Sabores é um empreendimento de economia solidária que compõem a Cadeia Solidária das Frutas Nativas, grupo que é analisado no capítulo “Espaços de fortalecimento da Agroecologia”, subseção “Cadeia Solidária das Frutas Nativas” da presente pesquisa.

Os agricultores comentaram que o contato com o CETAP foi um dos elementos centrais na introdução do tema dos Sistemas Agroflorestais através das reuniões com demais agricultores que já possuíam áreas de cultivo nesse sistema produtivo. Isso contribuiu para que passassem a conhecer mais sobre a biodiversidade *“não só de seres vivos como insetos e coisas, mas como produtos né”* (dados da pesquisa, 2019).

### **2018 - Encontro de Sabores, Picolés**

Na perspectiva de ampliar o leque de possibilidades produtivas, foi apresentada a oportunidade para a família trabalhar em parceria com o empreendimento Encontro de Sabores. Essa iniciativa se deu por parte do técnico do CETAP de Vacaria. A partir de então, eles passaram a se articular para destinar uma parte da produção para o processamento e a fabricação de picolés. Desde esse momento, essa parceria vem se firmando e o casal foi convidado a preparar almoços ecológicos para as atividades do CETAP com agricultores e demais parceiros da entidade fortalecendo a pluriatividade da família.

### **2019 – SAF’s, Ecologia, Alimentação, CETAP**

Este ano foi de ampliação das áreas de Sistemas Agroflorestais certificados, aprofundamento das concepções de ecologia, investimento nos almoços ecológicos. O ano também foi marcado pela contratação do agricultor para a equipe técnica do CETAP como agente de comercialização da entidade nos Campos de Cima da Serra como forma de promoção e dinamização da Cadeia Solidária das Frutas Nativas.

A trajetória deste agricultor e sua esposa é marcada por alguns elementos bastante específicos que compõe um mosaico de experiências que os possibilitam um caminhar em direção à Agroecologia. Dentre os principais elementos destacados pelo casal, merece destaque um contato inicial com a Pastoral da Juventude. Não somente pelo fato de ser o espaço de proposição dos primeiros debates acerca de uma alimentação saudável e de contestação das relações no meio rural, como também pela conexão estabelecida com importantes centros de promoção da Agroecologia, como é o caso dos retiros e vivências no Centro Ecológico de Ipê.

Esse contato inicial é um dos primeiros elementos a oferecer a oportunidade de questionamento sobre uma série de valores que predominam na realidade da região e, se o objetivo era fornecer a possibilidade de transformação da vida dos jovens, ela foi feliz. O eventual encontro realizado após anos das atividades (no qual o casal foi contratado para oferecer a alimentação com produtos ecológicos) marcou

no discurso de ambos o sentimento de ter aproveitado e incorporado em sua vida alguns princípios trabalhados desde aquele período.

Foi a partir do nascimento de seu segundo filho, contudo, que o casal percebe e reitera enfaticamente, a necessidade por uma transição a outra forma de agricultura. O desejo por não mais expor seu filho (e as crianças de uma maneira geral como afirmam reiteradamente) aos agrotóxicos e a vontade de que pudessem educar uma criança em meio a uma agricultura saudável e viva parece central na vida do casal. O fato de sentirem que determinado manejo impossibilitava que seu filho de dois anos consumisse o que produziam trouxe a profunda reflexão sobre o que é e para quê se faz aquele estilo de agricultura.

A percepção de insatisfação com a agricultura convencional tem uma origem profundamente subjetiva, residindo, aparentemente, no campo dos sentimentos e do afeto. Atualmente, quando indagados sobre o sucesso de sua produção de morangos, amoras, framboesas e demais produtos em sistema orgânico o casal responde *“Acho que é o amor que a gente cuida das plantas”* (dados da pesquisa, 2019). Mesmo sem o devido conhecimento técnico e, a princípio sem a assistência adequada, a urgência por transformar sua agricultura em uma agricultura “de amor” os fez buscar, onde pudessem, novas técnicas de manejo e alternativas ao sistema convencional. A resposta então, veio da articulação com outros agricultores e esse fortalecimento através da cooperação, ressalta a capacidade relacional de sua agência a partir de tal contato.

No caso do casal, a Agroecologia está ligada ao cuidado, à biodiversidade e, principalmente, a uma forma de estar no mundo que tem como princípios básicos a cooperação e a transformação da sociedade. Dentre os agricultores que conformam o presente estudo, este agricultor e sua esposa são os que mais enfaticamente reafirmam a Agroecologia e, ao fazê-lo, se convertem em referências para o município.

Embora os demais casos analisados tenham sua importância, cada qual com suas particularidades, o caso do casal é o único no qual a agricultura ecológica sustentada por uma rede de cooperação fornece a ampla maioria das necessidades da família, valendo a pena destacar aqui que sua propriedade é a menor de todo o grupo e que são a família que dispõe da menor quantidade de capital para investimento na agricultura.

Outro exemplo da contribuição das relações construídas no âmbito da Agroecologia no município e região é o fato do desenho da propriedade e das possibilidades visualizadas pelo casal ter se alterado significativamente ao longo dos anos. Além do contato com o CETAP e com os demais agricultores da EcoCampos, a presença do casal em espaços como a Câmara Temática das Agroflorestas e o Fundo das Agroflorestas (onde conseguiram adquirir máquinas e implementos agrícolas que possibilitaram ampliar e otimizar suas produções) ofereceu um leque maior de possibilidades para que vivessem, cada vez mais de acordo com seus projetos de vida.

De maneira geral, portanto, pode-se afirmar que existe pontualmente um momento da vida dos agricultores em que, além de *perceber* claramente uma inconsistência entre a vida que gostariam de levar, e a vida que de fato levavam, o casal se vê na obrigação ética de *agir* em direção a um novo sentido. A Agroecologia mostrou-se como o universo que, além de representar simbolicamente seus sonhos e aspirações, ofereceu os meios para alcançá-los. Isso se deu envolvendo os agricultores em um contexto de relações entre pessoas que, ao compartilharem um projeto de vida cooperaram e, ao cooperar, o tornaram possível. As palavras do agricultor a seguir ajudam a ilustrar essa trajetória: “*Queria entrar no grupo pra certificar meus morangos, depois que eu entrei minha cabeça mudou*”; e também, como complementa o agricultor: “*[...] e aí você vê né, a gente não pensa em concorrência né? Quanto mais morango, nós vamos dar jeito de colocar no mercado, picolés...isso aí é que é a Agroecologia né... não essa carnação que é a agricultura convencional.*” (dados da pesquisa, 2019).

O caso deste agricultor possibilita compreender a ideia de resistência na agricultura também a partir de proposições apresentadas por Ploeg (2008). Segundo este autor,

A resistência se encontra em uma vasta gama de *práticas* heterogêneas e cada vez mais ligadas através das quais o campesinato se constitui como *distintamente diferente*. Ela se encontra nos campos, na forma como ‘estrupe bom’ é produzido, como as ‘vacas nobres’ são criadas e como as ‘belas propriedades são construídas (PLOEG, 2008, p. 189).

A agricultura “de amor” praticada pelo agricultor do Caso 3 e sua esposa, são parte, como aborda Ploeg (2008), de uma multiplicidade de respostas da agricultura contra o modelo agrícola hegemônico em Vacaria. Isso se dá pois, se o Império

tende a agir controlando fluxos e se apropriando do que Ploeg chama de “ligações estrategicamente importantes” (PLOEG, 2008, p. 293), constituir uma agricultura alicerçada em um valor que supere o da troca e seja baseado também em aspectos subjetivos, pode ser uma estratégia de construção de novos tipos de conexão entre consumidores e produtores capaz de sustentar a resistência. Essas características acabam por ser fundamentais pois, segundo Holloway (2002) “o poder de contraposição reside na dignidade da vida cotidiana.”.

#### **4.1.4 Caso 4**

O caso a seguir possui, como nos demais, idiossincrasias que tornam o debate sobre a agroecologia no município de Vacaria muito mais rico e diverso. Trata-se de um agricultor de família tradicional e bem conhecida no município que dispõe de uma propriedade rural bastante ampla onde se dedica à agricultura orgânica com o cultivo de amoras, mirtilos, aos Sistemas Agroflorestais e a experiência e pesquisas em técnicas de manejo ecológico. O agricultor é membro fundador da EcoCampos, agrônomo e mestre em ciências do solo, e uma das principais referências no que diz respeito à Agroecologia no município e região.

Diferentemente dos outros casos, este é o agricultor com quem menos pude conviver. Além de sua propriedade ser a mais afastada do município (as visitas em geral sempre dependeram de caronas dos agricultores), o agricultor está envolvido em uma série de projetos de cunho social que fazem com que seu tempo seja bastante disputado. Ainda assim, há uma profunda identificação ideológica com este sujeito no que tange as perspectivas de organização social e de mundo e, evidentemente, no que diz respeito a Agroecologia.

##### **1970 - Tropel**

A história desse agricultor é, na verdade, bastante marcada por anos de atuação na pecuária, atividade historicamente exercida por sua família. Assim, sua narrativa se inicia a partir do tropel<sup>28</sup> que ouvia quando ainda pequeno cavalgava junto de seu pai, uma de suas primeiras memórias. Ele afirma que o contato com os cavalos, e, sobretudo com os campos são elementares em sua constituição enquanto agricultor e ser humano.

---

<sup>28</sup> O tropel é um termo utilizado na cultura campeira do Rio Grande do Sul, diz respeito ao som do caminhar dos cavalos.

**1976 – Malacara****1981 - Mouro****1983 - Douradilha**

A descrição dos primeiros anos de trajetória de vida do agricultor é, interessantemente, construída em torno de sua relação com seus primeiros cavalos de serviço e companhia. Optei por abordar os três primeiros casos de maneira conjunta. O resgate de sua vivência com os três animais (Malacara, Mouro e Douradilha) se deu no sentido de contextualizar sua relação com o campo nativo principalmente, e também com a pecuária, assim, cada um de seus cavalos marcou uma fase inicial em sua vida, a infância, adolescência e início de sua vida adulta. Trata-se marcadamente da constituição e a apropriação de elementos culturais do que ele chama “cultura campeira”, do trabalho com gado e a relação com a paisagem Vacariana daquelas décadas. Segundo ele:

Era um ambiente de campo, de pecuária extensiva em campo nativo... então o campo nativo com as sangas, os banhados, os matos, as picadas, cada coxilha, cada internada, esse era o mundo, e era meu mundo, e era fantástico e era maravilhoso (dados da pesquisa, 2019).

Tal como no Caso 1 a paisagem é aqui retratada como um elemento de ligação emocional importante. Ela traz aportes subjetivos para a construção de uma perspectiva de mundo que não encontra espaço nos modelos da agricultura convencional.

**1995 - Plantio direto**

O agricultor assinala o advento do plantio direto<sup>29</sup> como um dos momentos de destaque em sua trajetória como agricultor, sobretudo pelo caráter de preservação do solo, sua biota, seus microrganismos e estruturação. Segundo ele, o plantio direto teria sido desenvolvido por agricultores com os quais ele pode aprender diretamente em um momento no qual tal técnica era discreta e aparecia somente como uma possibilidade de implementação na região (que era tradicionalmente

---

<sup>29</sup> O Sistema Plantio Direto, ou SPD, é um sistema de produção que consiste na semeadura de espécies vegetais sobre uma camada de cobertura morta previamente estabelecida. Suas principais vantagens são evitar o revolvimento constante do solo, protegê-lo contra o impacto direto de gotas de chuva, granizo e também contra a radiação do sol (preservando água), permitir uma infiltração de água lenta e eficiente (permanecendo mais fresco e úmido por mais tempo), fornecer matéria orgânica para decomposição pelos microrganismos, aumentar e melhorar a nutrição do solo, controlar o surgimento de plantas espontâneas e favorecer o surgimento de animais que contribuem no aumento da vida no solo como minhocas, etc (PRIMAVESI, 2016, p. 165).

dedicada à pecuária, e não à agricultura em larga escala). A partir, portanto, do contato com os pioneiros no SPD, o agricultor e seu irmão decidem ampliar suas áreas de cultivo de grãos, dando início a um novo direcionamento em sua vida onde a agricultura passa a tomar mais espaço. Nesse contexto, o agricultor já é movido por princípios de otimização dos sistemas produtivos através de elementos vivos tais como a biota do solo e etc.

### **1997 – Angus, CITE**

Esse momento foi marcado pela constituição do Clube de Integração e Troca de Experiências (CITE) 120, iniciativa voltada para o associativismo com foco na pecuária. O CITE<sup>30</sup>, segundo explica o agricultor, tem origem em um modelo de associativismo francês e a unidade fundada por ele e companheiros (CITE 120) possuía como foco a pecuária, em especial a produção de bovinos de corte. É um momento bastante importante pois é onde o agricultor tem suas primeiras experiências com a ideia de cooperação e associativismo rural:

Eu sempre gostei dessa ideia de associativismo [...] é mais ou menos o que faz a EcoCampos hoje, né? [...] eu convivi com isso aqui por 15 anos, com reuniões mensais, visitas às propriedades... e essa coisa do associativismo, das amizades já muito marcante. Foi muito legal isso aqui (dados da pesquisa, 2019).

Esse conjunto de vivências com outra forma de associação é importante pois se converte em uma visão mais ampla sobre as possibilidades do associativismo que aparecem nas colocações do agricultor nas reuniões da EcoCampos. Além disso, destaca-se o fato de que o agricultor já identifica o associativismo como uma questão ligada à amizade, ou seja, um tipo de ligação subjetiva entre pessoas que é capaz de superar as vantagens materiais imediatas do ato de cooperar.

### **2009 – 2014 - Agronomia e Estágio Centro Ecológico**

O período mencionado diz respeito à formação do agricultor enquanto agrônomo pela Universidade de Caxias do Sul, campus Vacaria. Ele afirmou que, apesar do foco do curso se dar exclusivamente sobre sistemas convencionais de produção, foi capaz de aproveitar para aprimorar seus conhecimentos na agricultura

---

<sup>30</sup> O CITE é uma organização articulada em uma espécie de associativismo que tem por objetivo promover a troca de experiências e conhecimentos na busca por otimizar processos produtivos e fomentar iniciativas e práticas que dizem respeito ao desenvolvimento rural. Consiste em grupos que se reúnem uma vez por mês e prevê visitas às propriedades de seus membros, organização de palestras e dias de campo, busca facilitar o acesso ao crédito rural e à compra coletiva de insumos e a busca pela otimização da gestão das cadeias produtivas (CITE, 2020).

e pecuária. O período de realização do curso, no entanto, foi marcado por duas cirurgias às quais o agricultor foi submetido, uma delas, no ano de 2012 muito séria. Esse processo foi apontado como um ponto de mutação em sua vida que fez com que o agricultor abandonasse a agropecuária e ingressasse em um processo de amplas transformações em sua vida.

Quando eu fiz a cirurgia eu disse, quer saber de uma coisa, tchê? É agora...e aí parei, virei vegetariano e abandonei a pecuária porque não consigo mais participar de alguma coisa que tem que matar animais (dados da pesquisa, 2019).

Esse processo fez com que o agricultor tentasse, em suas palavras: “*buscar minha essência*” (dados da pesquisa, 2019) e nessa lógica passou a buscar atividades e sistemas produtivos que fossem condizentes com sua nova trajetória e projetos de vida. Em 2014, portanto, o agricultor realizou seu estágio de curso no Centro Ecológico no município de Ipê. Ele relata: “*E o que eu vou fazer? Eu vou fazer agricultura orgânica!*” (dados da pesquisa, 2019). Nesse período o agricultor teve a possibilidade de acompanhar outros produtores agroecológicos no município, conhecer técnicas e práticas e ampliar o leque de possibilidades de atuação na agricultura. Foi nesse estágio que o agricultor conheceu os cultivos de amoras orgânicas com o qual viria a trabalhar futuramente. Ainda durante o estágio, ele teve a possibilidade de realizar um curso de agricultura biodinâmica<sup>31</sup> que oferece outras perspectivas de agricultura pautadas em relações profundamente distintas da convencional e bastante comum no meio da Agroecologia.

### **2012 – Agrofloresta - CETAP**

Os trabalhos com o CITE deram origem a um grupo de produtores pecuaristas conhecidos como Aproccima (Associação dos Produtores Rurais dos Campos de Cima da Serra), embora já passando por um momento de afastamento da pecuária, o agricultor foi convidado a representar o grupo em uma reunião que tinha como objetivo promover o debate sobre os Sistemas Agroflorestais na região. De acordo com seu relato: “*E aí eu conheci o técnico do Cetap e já houve aquela liga, aquela identificação e eu me interessei muito, porque veio de encontro com*

---

<sup>31</sup> A agricultura biodinâmica é uma forma de agricultura proposta na década de 20 por Rudolf Steiner. De base antroposófica, dá especial ênfase à astronomia e à astrologia como elementos centrais para a prática da agricultura além de incorporar uma série de aditivos ao longo da produção vegetal conhecidos como “preparados biodinâmicos”. Paulo Petersen (2012, p. 42) faz uma leitura da agricultura biodinâmica e demais formas de agriculturas alternativas.

*tudo que eu acreditava e gostava*” (dados da pesquisa, 2019). Essa aproximação se dá no contexto do primeiro trabalho do Cetap com as agroflorestas em um projeto que previa a implantação de mudas de frutíferas nativas em Sistemas Agroflorestais.

### **2014 - Amora Orgânica**

O agricultor destacou a implementação de seus primeiros pomares de amoras em sistema orgânico por ter sido o primeiro investimento financeiro significativo com o objetivo de geração de renda desde uma perspectiva agroecológica. Para além dos produtos econômicos ali gerados ele atentou para a possibilidade de perceber, na prática alguns dos princípios e fundamentos técnicos centrais da Agroecologia. Ele afirma que: *“Foi com a amora que eu experienciei pela primeira vez ali, de uma forma mais intensiva, a trofobiose<sup>32</sup>, que eu acreditava nela e via muito fundamento, mas experienciar, vivenciar é diferente.”* (dados da pesquisa, 2019).

### **2015 - Fundação EcoCampos**

Uma vez implementados os cultivos de amora, o agricultor buscou uma forma de certificar sua produção, ele então conheceu a Rede de Agroecologia Ecovida e passou a buscar uma forma de ingresso. Como é o protocolo, havia a necessidade de constituir uma associação de agricultores que passasse a compor um dos núcleos da Rede. Neste ano o agricultor recebeu o contato de outro produtor do município (o agricultor do Caso 2 da presente pesquisa) que também caminhava nesse sentido. Segundo o agricultor em questão:

[...] porque eu acreditei sempre no associativismo, no mestrado tive a oportunidade de ler Kropotkin o cara lá que comprova o que a gente sabe, que é não a competição é a cooperação que proporcionou a evolução. Então eu sempre acreditei nisso, essa aqui (EcoCampos) é associativista, essa aqui é construída e mantida pelos agricultores (dados da pesquisa, 2019).

---

<sup>32</sup> A teoria da Trofobiose, desenvolvida inicialmente pelo francês Francis Chaboussou na década de 70, é considerada como um dos pilares da agroecologia. Diz respeito a uma noção “segundo a qual, a saúde das plantas é o produto do equilíbrio ou de desequilíbrio de sua nutrição, através da relação entre a proteossíntese (síntese de proteínas) e a proteólise (desdobramento das proteínas nos tecidos vegetais). Esta relação influencia diretamente a resistência ou a sensibilidade das plantas ao ataque de agentes parasitários -insetos, ácaros, nematóides, fungos, bactérias e vírus. Em solos férteis e equilibrados as plantas têm resistência natural ao ataque de parasitas, pois o máximo de resistência biológica é adquirida através de uma nutrição equilibrada.” (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 168).

### 2016 – 2017 - Mestrado

O agricultor destacou, por fim, sua experiência com o mestrado em ciências do solo como um momento importante de aprendizados que possibilitou um conjunto novo de ferramentas para aprimorar seu trabalho na agricultura *“apesar das críticas que a gente têm da academia, de ser tudo muito cartesiano e tal.”* (dados da pesquisa, 2019), destacou ele.

O caso deste agricultor é importante quando se pensa na ideia de transição agroecológica. Esse conceito diz respeito a um processo, um movimento com o qual os agricultores podem se envolver e que, como o próprio nome sugere, é gradativo<sup>33</sup>. Ao iniciar na atividade pecuária o agricultor dedicava-se a um trabalho com grandes rebanhos orientado para uma produção em larga escala de gado de corte. Atualmente dedica-se majoritariamente ao cultivo de uma área menor onde sua atenção é dedicada aos Sistemas Agroflorestais e ao cultivo de amoras associada à espécies nativas. Esse processo de transição, segundo o relato, foi marcado por elementos bastante subjetivos. O convívio com esse agricultor permite afirmar se tratar de um indivíduo extremamente empático por todas as formas de vida e profundamente perturbado pelo sofrimento alheio. Essas características já marcadas em sua juventude viriam se aguçar de maneira significativa a partir de momentos importantes e de sua preocupação com a saúde. Após essas experiências, o agricultor relata ter decidido, em suas palavras, *“buscar sua essência”* (dados da pesquisa, 2019), algo que fizesse sentido para ele. Esse movimento fez com que tivesse de se distanciar de um sistema produtivo que lhe era familiar, forçando-o a abrir mão de um conjunto de memórias que o ligam aos avós, aos pais e a toda uma história da família. Esse tipo de decisão não é tomada de uma forma impulsiva e abrupta, é sim, fruto de reflexões e resistências de diversas formas.

Em certo momento de sua vida, houve a necessidade de se afastar dos CITE e da Aproccima, duas entidades das quais ele próprio era fundador, abrir mão de um amplo investimento financeiro e intelectual na atividade pecuária: *“podemos dizer que eu saí da pecuária no auge”* (dados da pesquisa, 2019) relata o agricultor. Tudo isso em uma busca por sentido nos projetos de vida. É precisamente nesse tipo de circunstância que a ideia de agência de Giddens já mencionada é bem vinda, ela

---

<sup>33</sup> A noção de transição agroecológica foi apresentada no capítulo Agroecologia e SAF's em Vacaria.

reside na “capacidade do ator social de processar a experiência social e de elaborar formas de lidar com a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção” (GIDDENS, 1984, p. 1-16).

Uma vez tomada a decisão de buscar uma essência que resida em outra forma de praticar a agricultura e lidar com a natureza, o agricultor se coloca em movimento inserindo-se em espaços onde esse tipo de discussão é fomentado. Como no município o debate era – e talvez ainda seja- bastante incipiente, outros espaços de fortalecimento da Agroecologia mostram-se fundamentais, como é o caso do Centro Ecológico, por exemplo. Aceitos os aspectos técnicos da produção, o agricultor passa a organizar-se enquanto ator social buscando contato com demais indivíduos que compartilhem, mais do que objetivos, uma perspectiva de vida e projetos em comum, fortalecendo suas agências.

O paradoxo, no entanto, parece residir em outras questões, de ordem econômica e que dizem respeito, uma vez mais – como no Caso 2 - na viabilização financeira dos sistemas produtivos de base agroecológica no município. Como os Sistemas Agroflorestais, e também a produção de amora são sistemas amplamente intensivos em mão de obra, um agricultor que dispõe de uma propriedade nas dimensões das do agricultor aqui em questão encontra bastante dificuldades em convertê-la integralmente em bases ecológicas. Por se tratar de uma área ampla, direcionar toda a capacidade produtiva para produtos orgânicos seria incompatível com a demanda do município e da região e, portanto, inviável economicamente.

Esse contexto faz com que o agricultor obtenha grande parte de sua renda a partir do arrendamento de suas terras para produtores de agricultura convencional. Ainda assim, ele tem dado preferência para o arrendamento a agricultores que se disponham a não trabalhar com organismos geneticamente modificados, que operem com o Sistema de Plantio Direto e que busque otimizar ao máximo suas produções do ponto de vista ecológico.

Em contrapartida, esses ganhos do arrendamento são, no presente caso, amplamente investidos em ampliação das áreas de cultivo orgânico. Uma vez mais observa-se que, por estar inserido em um município cuja organização logística e de mercados, sobretudo em tempos recentes, se orientou para a produção de commodities, uma transição imediata para a produção de produtos agroecológicos é impraticável. Contudo existe a clara percepção aqui de que há formas mais

eficientes, sustentáveis e regenerativas, saudáveis e capazes de satisfazer necessidades subjetivas dos indivíduos tais como buscar uma essência.

Finalmente, sobre como a cooperação e as relações sociais importam e, como a reciprocidade é capaz de gerar elementos humanos que transcendem os ganhos materiais por ela produzidos, uma frase do agricultor parece emblemática. Em certa ocasião foi indagado o porquê de ele não ter buscado uma certificadora particular para realizar a auditoria sobre suas amoras orgânicas<sup>34</sup>, sua resposta foi bastante sucinta:

Porque eu acreditei sempre, e nesse ponto a minha vida comprova, no associativismo, na cooperação entre as pessoas [...] então eu sempre acreditei muito nisso [...] ainda vai chegar, uma humanidade como é e como deve ser, generosa, genuinamente generosa (dados da pesquisa, 2019).

Descritas as quatro trajetórias a partir do exercício proposto, cabe tecer reflexões sobre suas relações com alguns conceitos importantes da presente pesquisa. A seguir, realiza-se tal esforço.

## 4.2 TRAJETÓRIAS, AGÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Ao longo da análise dos momentos mais marcantes da trajetória dos agricultores sujeitos desta pesquisa, surgem alguns elementos centrais que podem contribuir na discussão acerca da agência humana e dos processos de resistência dos agricultores.

É possível observar que a forma predominante de se praticar a agricultura em Vacaria, bem como a influência sobre os agricultores e o status da qual goza no contexto de exaltação do agronegócio, são manifestações de parte de um conjunto de elementos estruturais que pressionam e agem sobre os projetos e sobre a vida dos agricultores. Dessa forma, uma perspectiva orientada ao ator oferece a possibilidade de compreender a realidade social levando em conta trajetórias de vida, perspectivas e visões de mundo. Infere-se que a construção de estratégias na POA é livre da noção determinista de que todo e qualquer comportamento social

---

<sup>34</sup> A lei dos orgânicos (Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003) prevê três formas distintas de certificação de produtos orgânicos. São elas a certificação por auditoria, os sistemas participativos e as organizações de controle social. Dentre elas a certificação por auditoria é a de maior custo e, no entanto, mas rápida e eficiente. Para mais, ver “Legislação para os sistemas orgânicos de produção animal e vegetal” (BRASIL, 2009).

seria regulado pela presença de uma estrutura que supostamente compele os atores sociais a agir sempre no sentido por ela determinado. A POA, no entanto, não nega a influência desta sobre o cenário em questão. Isso é particularmente importante para o presente caso onde se tem por objetivo compreender como os processos de cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia.

Em cada caso acima exposto é possível delimitar com bastante clareza os momentos centrais em que os agricultores foram capazes de perceber que o modelo de agricultura e sociedade no qual se encontravam não era condizente com seus projetos de vida e aspirações. Seja observando o desmatamento nas estradas, sentindo as inconsistências e vulnerabilidades da agricultura convencional, no nascimento de um filho ou na experiência de estar com a vida em risco, cada agricultor foi capaz de colocar em moção um conjunto de estratégias que permitisse a curto, médio e ou longo prazo alterar os caminhos de suas vidas.

Esses movimentos, contudo não são feitos a partir de ações individuais e isoladas de um contexto, ao contrário, se fortalecem na medida em que os agricultores se encontram, não apenas do ponto de vista geográfico, mas a partir do reconhecimento da existência de um projeto em comum. Ou talvez no mínimo, uma direção onde princípios convergem e podem se transformar em práticas sociais que subsidiem as aspirações individuais.

O conjunto de esforços direcionados a conformar e pertencer a um conjunto de coletivos e arenas de construção ativa de uma forma de resistência aos paradigmas da modernização da agricultura são, portanto, características que reforçam a agência dos atores sociais. É como lembra Cotrim (2013) a partir de Long (2001),

Agência é poder e depende crucialmente da emergência de espaços relacionais entre os atores sociais. O ator se torna um sujeito ativo que processa informação e utiliza estratégias nas relações sociais, tendo a capacidade de processar a experiência social e delinear formas de enfrentar a vida mesmo sobre coerção (COTRIM, 2013, p. 68).

No que diz respeito à capacidade de conhecer e à capacidade de agir, tão importantes para Giddens, a reconstrução das trajetórias individuais de cada ator permite identificar momentos, ou fases de sua vida, onde cada agricultor percebe um impasse entre sua prática e seus princípios, não raramente sendo este o motivo de

crises pessoais, dilemas familiares e de grandes transformações, até mesmo do que alguns agricultores identificam como sendo o sentido de suas vidas. São pontos centrais nos quais o ator identifica e é capaz de se perceber frente uma estrutura que constrói padrões de comportamento e ação social, questioná-la e buscar outras formas de viver frente a ela.

Dentre as distintas formas de agir nesse contexto, a construção de uma rede de atores, e a formação de uma associação constituem-se como formas de organização coletiva que fortalecem a agência. Essa perspectiva é ainda fortalecida por Ploeg (2003) para quem a agência é a capacidade exercida pelo ator social em mobilizar e envolver seus pares em busca de um objetivo compartilhado, um projeto em comum (COTRIM, 2013). A estratégia de constituição da Associação, contribui para ocupar espaços de fortalecimento de um modelo de agricultura com o qual os agricultores se identificam e visualizam enquanto possibilidades de futuro. Assim, a formação de uma Associação pode ser um exemplo do exercício desse conceito. Além disso, no que tange a importância das relações sociais, ressalta-se que:

A partir da resignificação das redes [de atores], potencializam-se os espaços de companheirismo, ajuda mútua, colaboração, cooperação, e não somente entre as pessoas ou grupos sociais, mas também na relação do ser humano com a natureza (RODRIGUES; FERREIRA, 2013 p. 133).

Não são, contudo, apenas os agricultores que conformam esses espaços, cabendo tecer considerações sobre outros atores sociais que dão forma a esse esforço coletivo que por sua vez dá as bases para a busca pela consolidação dos projetos dos agricultores.

Nesse caminho ganham destaque algumas instituições e atores que exercem o papel de catalisadores desse processo a partir de sua atuação tanto individual quanto institucional na região, ou seja, a partir de seu posicionamento e atuação nas arenas que conformam. Dentre tais atores e grupos, destaco o técnico do CETAP de Vacaria. Sua presença e inserção na vida dos agricultores é salientada em todos os casos, não raramente como um verdadeiro transformador das possibilidades visualizadas pelo grupo.

Além dele e dos projetos mobilizados pela organização da qual faz parte, o Centro Ecológico de Ipê foi apresentado pelos agricultores enquanto pólo de discussão e articulação com grande ação no campo da Agroecologia na região. É onde agricultores que buscam possibilidades distintas e novos arranjos produtivos

podem encontrar um conjunto de práticas, experiências e contatos que os auxiliam em um processo contínuo de transição agroecológica.

A despeito do sucesso de ambas instituições, o CETAP e o Centro Ecológico, nota-se, no presente, uma profunda ausência do Estado no que diz respeito à uma contribuição consistente para a discussão em torno de práticas ecológicas na agricultura. Em nenhum momento a prefeitura de Vacaria, ou a secretaria da agricultura são mencionados e, salvo em um caso, a presença da principal promotora estatal de extensão rural, a Emater, é abordada, estando muito mais ligada à figura de um técnico em específico do que à instituição propriamente dita. Some-se a isso a conjuntura e a infraestrutura estabelecidas pelo agronegócio no município, e há um quadro onde a superação da agricultura industrial não apenas é difícil como passa a ser responsabilidade individual de cada agricultor<sup>35</sup>.

Sobre esse quadro, a solução reside na constituição de um coletivo e em seu fortalecimento através de organizações não governamentais promotoras da Agroecologia. A presença eventual de instituições de ensino superior, principalmente públicas, se mostra ainda discreta ainda que tenha possibilitado, dentre outras coisas, a execução da presente pesquisa.

Esse mosaico de atores, práticas, potencialidades e dificuldades é precisamente o que constitui a construção coletiva das resistências do terceiro tipo, ou seja, nenhum dos agricultores ou instituições está preocupado em sabotar o agronegócio, atacar instituições públicas ou privadas, bloquear estradas e afins. Buscam sim realizar intervenções conscientes nos processos produtivos alicerçados pela articulação estratégica com pares, atores e organizações que se encontram do mesmo lado do jogo. Nesse processo, cada qual à sua maneira, através de suas possibilidades, lutam para construir uma outra forma de se fazer agricultura.

É verdadeiro, contudo, que alguns dos atores ainda se encontram em uma situação de dependência econômica dessa forma de agricultura que contestam. Em alguns casos, o processo de fortalecimento de seus sistemas produtivos ecológicos se dá a partir de receitas oriundas da agricultura convencional, o que é então visto como estratégico e temporário. Esse movimento não deve ser visto como forma de

---

<sup>35</sup> Embora atualmente Vacaria apresente pouca inclinação ao trabalho com a Agroecologia, gestões anteriores do município tiveram importante papel na promoção de iniciativas de ecologização da agricultura, inclusive em trabalhos com hortas orgânicas urbanas, apoio ao trabalho com frutas nativas e incentivo à produção de pequenas frutas em sistema orgânico.

incerteza sobre o projeto da Agroecologia, mas como parte do processo de transição agroecológica propriamente dito.

A resistência dos agricultores está, portanto, na forma como suas trajetórias são conduzidas, procurando criar ativamente um conjunto de possibilidades de ação coletiva nas interfaces entre os distintos atores sociais e instituições que compõe o espectro da Agroecologia na região. O que se busca, é que tais movimentos sejam capazes de superar a ausência do Estado nas arenas de construção e promoção da Agroecologia. Em cada um dos casos é possível perceber o desejo por não se praticar a agricultura convencional, ou reduzi-la ao máximo possível, ampliando a caminhada em seus processos de transição agroecológica. Embora cada agricultor apresente suas próprias justificativas, seja por questões pessoais, familiares, de saúde, ou preocupação com o meio ambiente, todos os atores encontram na cooperação, elementos necessários para se fortalecer e alcançar seus projetos de vida.

A seção a seguir apresenta as arenas compostas por esses agricultores coletivamente, como estratégia de articulação e fortalecimento de sua resistência. Esses espaços variam em dimensão, finalidade e potencial mas contribuem, cada um à sua maneira com a construção da Agroecologia na região.

## **5 ARENAS DE CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA E DOS SISTEMAS AGROFLORESTAIS**

Como forma de compreender os elementos que fortalecem e intensificam os esforços para a construção de uma agricultura que se coloque como alternativa estratégica de resistência à agricultura hegemônica no município de Vacaria, parte do presente trabalho consistiu em identificar os principais espaços sociais frequentados pelos atores em questão, suas origens e a forma como contribuem para os objetivos destes.

Assim, retoma-se o conceito de arena discutido por Long (2001) que as compreende enquanto espaços de construção social a partir do confronto entre os atores no processo de negociação das práticas sociais orientadas aos seus projetos. Além de identificar tais arenas, buscou-se compreender qual o papel de determinados indivíduos nesses meios numa tentativa de localizar possíveis protagonismos e as relações construídas entre estes últimos e os agricultores. Esta seção tem por objetivo descrever tais arenas e analisar suas contribuições e sua importância estratégica para os atores.

Embora no âmbito individual cada um dos quatro casos analisados mantenha também seus projetos particulares, onde se articulam de maneiras distintas em cenários variados, o estudo tomou por base principalmente as arenas onde os agricultores se reúnem e apresentam institucionalmente, enquanto Associação e, mais do que isso, enquanto coletivo reforçando o aspecto relacional da agência social. Assim sendo, pode-se delimitar duas instâncias distintas no que tange à abrangência e à forma de representatividade dos agricultores. A primeira delas é o espaço social onde cada um dos quatro casos representam somente a si mesmos no âmbito individual, compondo um coletivo que tem por objetivo o fortalecimento da Agroecologia e dos Sistemas Agrofloretais através da cooperação em nível de município e microrregião. Este é o caso da EcoCampos, o primeiro espaço a ser analisado.

Numa outra instância, mais regional, os agricultores são representados não mais de forma individual, se não enquanto Associação. Isso se dá de forma que o objetivo passa a ser frequentar arenas mais amplas de maneira coesa e afinada. Exemplo de articulação para que se possa construir estratégias e alcançar objetivos que contribuam com os interesses de seus membros, e para a promoção da

Agroecologia em um nível de maior complexidade. Esse tipo de interação e articulação com outros atores regionais, dá origem ao Fundo das Agroflorestas, outra iniciativa que busca potencializar esse tipo de prática e é aqui abordada. Ainda nesse sentido, identificou-se que a EcoCampos compõe o Núcleo Serra da Rede de Agroecologia Ecovida , configurando assim, o terceiro e quarto espaço identificados neste estudo.

No conjunto de coletivos que buscam trabalhar os Sistemas Agroflorestais na região, encontra-se a Câmara Temática das Agroflorestas (CTAF), formada por instituições diversas no contexto da formação do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (PRONAT), e que atua na região promovendo o debate entorno dos Sistemas Agroflorestais, a troca de experiências, mutirões, compartilhamento de mudas e equipamentos.

Por fim, analisa-se Cadeia Solidária das Frutas Nativas, rede e instituição que busca, através do fortalecimento de sistemas e práticas agroflorestais, contribuir para com a conservação de espécies nativas ameaçadas de extinção através de seu uso. Assim, se tem um amplo projeto coletivo que compreende grande diversidade de atores sociais. Essa iniciativa tem servido ainda de base para planejamento dos agricultores e articulação estratégica do desenho de suas agroflorestas para o futuro.

## 5.1 ECOCAMPOS

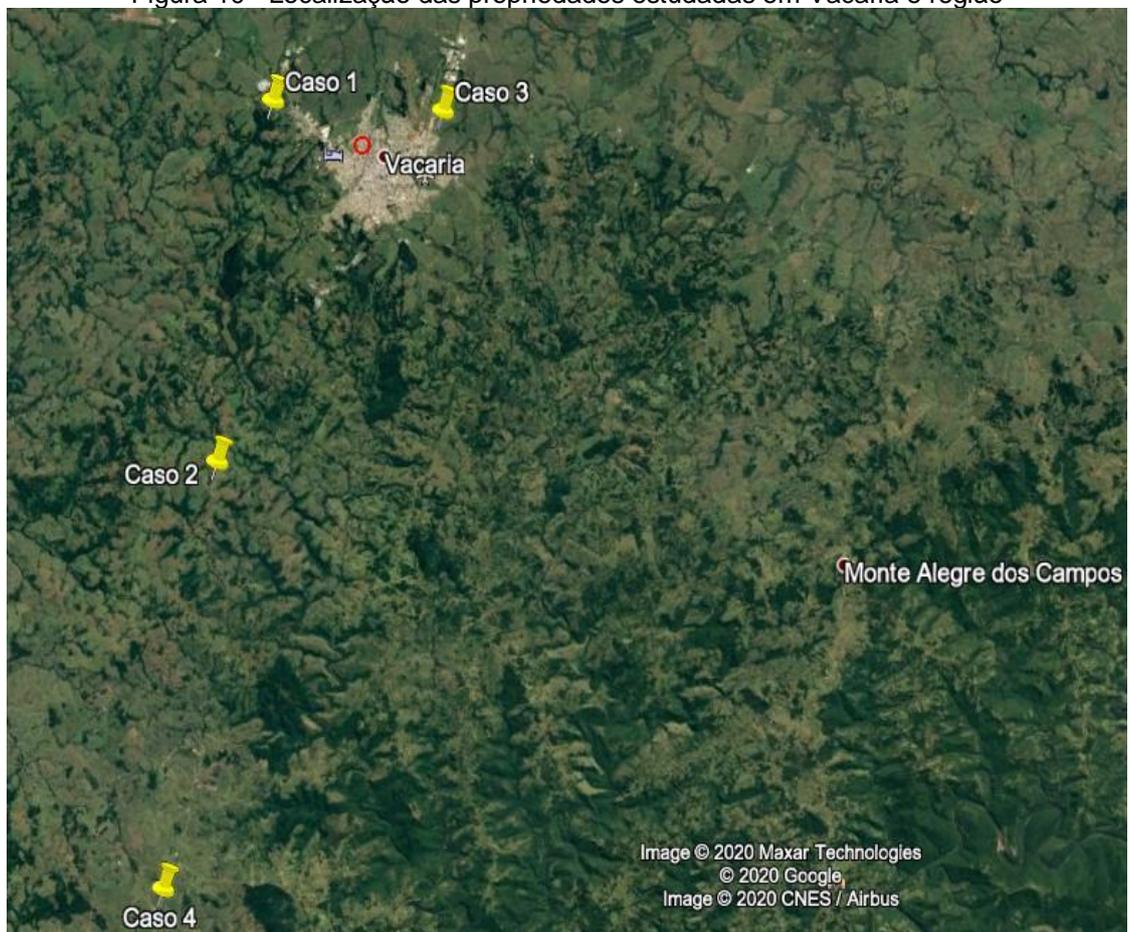
A EcoCampos é uma Associação informal de produtores rurais do município de Vacaria. De maneira geral, entende-se por Associação:

[...] qualquer iniciativa – formal ou informal- de reunião de pessoas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para seus associados. Essa união permite a construção de condições mais amplas e melhores de chances de produção e/ou oportunidades de renda do que os indivíduos teriam isoladamente para a concretização de seus objetivos e de seus interesses. [...] união por meio da qual a sociedade se organiza visando a ajuda mútua para resolver problemas diversos e superar toda forma de obstáculos relacionados a seu dia-a-dia (COTRIM, 2018, p. 56).

A Associação é composta por 9 membros oficiais, e um que se encontra momentaneamente afastado. Foi formada no ano de 2015 tendo como objetivo principal articular e organizar os agricultores do município no que tange à produção de produtos orgânicos e na construção da Agroecologia. É formada, do ponto de

vista organizativo e burocrático, por um coordenador com mandato de dois anos definido em reunião geral, um tesoureiro e um secretário (que tradicionalmente tem sido a mesma pessoa). O grupo se reúne idealmente a cada dois meses na casa ou propriedade de um dos agricultores. As produções são diversas, desde produtos de origem animal como o mel, ovos, queijos e doces até pequenas frutas (amora, framboesa, mirtilo, morango), passando por grãos (milho, soja), Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's), mudas, sementes, frutas nativas além de diversos outros. A figura 10 aponta a localização das propriedades dos agricultores da EcoCampos que compõe a presente pesquisa.

Figura 10 - Localização das propriedades estudadas em Vacaria e região



Fonte: Elaborado pelo autor com uso do Google Maps (2020).

Estipula-se uma contribuição anual de cada membro destinados a gastos operacionais e burocráticos necessários além de servir como caixa para eventuais despesas como representar o grupo em assembleias e reuniões da Rede Ecovida e

etc. Além desse valor, cada membro com certificação orgânica contribui anualmente com valores estipulados pela Rede.

O grupo teve origem em julho de 2015 quando o agricultor do Caso 4, que vinha produzindo amoras orgânicas, estava na busca por algum meio de certificar sua produção. Ele foi localizado pelo agricultor do Caso 2 que havia recebido seu contato através do Centro Ecológico de Ipê. Esse primeiro contato foi seguido do convite a outros agricultores, alguns deles permanecem até hoje e outros acabaram se retirando do grupo. Nesse momento de gênese, tem destaque na participação e na conformação do grupo e nas orientações gerais sobre os processos de certificação e de articulação com a Agroecologia na região, um membro da equipe técnica do Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) conforme mencionado. Foi ele quem redigiu a primeira ata da EcoCampos dando origem ao grupo e as devidas orientações sobre a inserção na Rede Ecovida. De maneira geral, os agricultores já o conheciam desde 2012 quando o CETAP coordenou um projeto de implementação de Sistemas Agroflorestais nos Campos de Cima da Serra. A avaliação do grupo é que, apesar do reconhecimento do Centro Ecológico, esse contato prévio com o técnico, aliado a um profundo sentimento de identificação do grupo com este, estreitou as relações entre todos, um processo que coincide com o estabelecimento de um escritório do CETAP no município de Vacaria, fundamental para o fortalecimento do grupo e da Agroecologia na região.

Ao compartilhar ideias, saberes, princípios e valores, essa relação entre o técnico e a Associação se amplia, abrindo um leque de possibilidades que, em outro cenário seriam difíceis. Nesse sentido pode-se partir da perspectiva de Almeida e Deponti (2008) para quem esse tipo de interação constitui uma forma de mediação social. Segundo estes autores:

O exercício da mediação é constituído pela difusão e construção de saberes, comportamentos, ideias e valores que serão transmitidos e irão propiciar a incorporação de novos comportamentos, identidades e visões de mundo. (ALMEIDA; DEPONTI, 2008, p. 3).

É nesse processo de incorporação de novas visões de mundo que a relação entre o mediador e o grupo é potencializada, algo explícito no discurso dos agricultores desta pesquisa.

A EcoCampos foi o principal espaço coletivo estudado na presente pesquisa. Foi possível a participação em cinco reuniões distintas entre os meses de maio de

2019 e fevereiro de 2020. Além da participação nas reuniões, foi possível participar de diversos outros eventos nos quais os atores representavam o grupo. Dentre a vasta riqueza que se pode observar, alguns elementos merecem destaque se o objetivo é compreender porque os agricultores sujeitos da investigação decidiram construir uma outra forma de se fazer agricultura na região e quais os produtos dessa decisão.

Em um primeiro momento, cabe destacar as transformações que os atores identificam em suas próprias práticas agrícolas, mas também em sua perspectiva de vida e sua forma de compreender a realidade. Assim, para entender como os sujeitos se transformam em interação, cabe explicar o processo de adesão de um novo membro na atuação e os requisitos tido como essenciais para o grupo.

Para que um novo agricultor, agricultora ou família passe a compor a EcoCampos, deve-se passar por um período mínimo de avaliação de um ano no qual o sujeito deve comparecer às reuniões, participar e ser visitado em vistorias à campo, irá interagir e se familiarizar com os membros do grupos. O processo foi descrito em uma reunião pelo técnico do CETAP:

É como se fosse um noivado, onde a gente vai se conhecer e ver se da certo. Muita gente acha que vai participar da Associação só pra se certificar, mas não é fácil assim, tem que ter um perfil, se dar bem com reuniões, tomadas de decisão coletivas, ações coletivas... (diário de campo, 2019).

É evidente que a participação nos encontros, reuniões e discussões é essencial, reforçando o caráter social e participativo do grupo do que é fazer *Agroecologia*, ao contrário de ser somente uma instituição facilitadora de se alcançar objetivos individuais. Requer assumir cargos, representar o grupo, compor encontros, cursos e palestras além de todas as outras exigências da Rede Ecovida à qual o grupo está ligado. O relato do agricultor do Caso 3 é emblemático como exemplo. Segundo ele, “*Queria entrar no grupo para certificar meus morangos orgânicos, depois que entrei no grupo minha cabeça mudou*” (diário de campo, 2019). Em outros espaços, o agricultor reafirma ter sido amplamente influenciado pelo grupo e pelo contato com os diversos espaços que passou a frequentar; passou a “enxergar a propriedade de uma maneira diferente”, alterar suas práticas de manejo, complexificar seus sistemas de produção e, eventualmente, optar pela implementação de arranjos de Sistemas Agroflorestais em sua propriedade. Ou seja, no contato dentro da Associação, o agricultor teve acesso a conhecimentos,

estratégias e formas de praticar a agricultura que divergem daquele seu objetivo inicial, no entanto, ele não apenas foi flexível e decidiu investir no sistema como teve uma mudança na percepção de sua prática agrícola como um todo. Esse é o perfil que a Associação defende e busca como membro, o que vai ao encontro com a perspectiva de Cotrim (2018) para quem:

A organização da associação pode constituir-se como caminho estratégico mais seguro para mudanças no âmbito de forma de produção, manejo e distribuição, de financiamento, ou mesmo de reorientação da cultura produtiva, pois as dificuldades e os sucessos são compartilhados. Operacionaliza-se o dito popular de que 'a união faz a força' (COTRIM, 2018, p. 57).

Além disso, a constituição de uma rede de relações sociais e de confiança torna-se um fator que potencializa a agência dos sujeitos, precisamente por somar-se às dos demais. É como afirma Long:

Agência [...] é composta por relações sociais e só pode se tornar efetiva através delas. [...] requer capacidades organizativas [...] repousa fundamentalmente na 'ação de uma corrente de agentes no qual cada um a "traduz" de acordo com seus próprios projetos (LONG, 2001, p. 23).

Outra questão bastante elucidativa discutida em um dos encontros diz respeito ao caso de um dos indivíduos que se encontrava no período de um ano que precede sua associação efetiva à EcoCampos. Trata-se de um agricultor que não se dedica exclusivamente à agricultura. Ele não podia comparecer às reuniões com a devida frequência e os presentes deveriam deliberar sobre sua continuidade ou não no processo de admissão. Os elementos discutidos foram importantes.

O discurso todo gerou em torno do caráter desse agricultor. Esse parece ser o principal elemento para compor o grupo. A palavra foi utilizada diversas vezes "*Tem que ser um cara que vale a pena, bem intencionado*"; "*a gente deu umas sementes de adubação verde, ele foi lá e plantou tudo*" (diário de campo, 2019). Assim, para além da prática, existem características éticas e mesmo subjetivas que são essenciais para o grupo. Precisamente por se tratar de uma estrutura de reciprocidade de compartilhamento, na qual um valor ético é produzido (SABOURIN, 2011), é fundamental que só se incluam nesse espaço indivíduos capazes de garantir que a relação retorne para o grupo, potencializando, cada vez mais, esse valor.

Esses elementos permitem compreender que a EcoCampos configura o que Norman Long (2001) chama de domínio, ou seja, espaços da vida social construídos a partir de um conjunto de elementos e compreensões em comum que demandam um compromisso coletivo significativo. Requer entendimentos e princípios compartilhados entre os membros do grupo e é formado e transformado a partir de um conjunto de experiências sociais compartilhadas como, por exemplo, a sensação de insatisfação ou descontentamento com a agricultura convencional. Evidentemente, os domínios permitem espaço de manobra para seus componentes que são mobilizados de acordo com os projetos individuais de cada um. No entanto é formado, sobretudo por um conjunto de valores compartilhados (LONG, 2001).

Em suma, tem-se que a EcoCampos é um espaço no qual os atores interagem frequentemente como forma de assegurar a idoneidade de suas produções orgânicas, mas também como forma de construir um coletivo, de construir um 'nós'. Ao longo de um ano de interação com o grupo, foi possível participar da elaboração de um logotipo da Associação, da fabricação de adesivos com o logo e também de camisetas, além de estar prevista a confecção de um banner para realização de feiras e promoção da Associação e da Agroecologia nos demais palcos que frequentam.

Em suas reuniões, além das questões organizativas quanto a vistorias, accertos das taxas e confraterznização, existe um intenso trabalho de troca de experiências, dicas e sugestões ao agricultor anfitrião. Esse formato de cooperação também para a construção do conhecimento, que também é replicado através de redes sociais, como se verá a seguir, dá ao grupo o caráter de ser também uma comunidade de práticas no sentido de que são coletivos de indivíduos que compartilham princípios, valores e também visões e que aprendem a alcançar seus objetivos de forma mais eficaz através de sua interação.<sup>36</sup>

Além disso, espaços outros como o grupo em um aplicativo de mensagens instantâneas da Associação se mostraram como um universo à parte de interação entre os membros no qual fui inserido por iniciativa do grupo. Esse novo campo abre um leque de possibilidades com grandes potenciais para as análises sociais. Ser membro observador do grupo permitiu constatar que, além das questões burocráticas e organizativas que uma Associação tem, discute-se questões sobre

---

<sup>36</sup> A noção de comunidades de práticas é melhor trabalhada em Wenger e Snyder (2000).

manejo, vídeos sobre reflexões de cunho filosófico e idealistas, curiosidades a respeito da agricultura ecológica, e o fortalecimento de um sentimento identitário ligado profundamente à ideia que o grupo tem do que significa fazer Agroecologia. E isto é de conhecimento do grupo quando seus membros comemoram explicitamente, após a elaboração do logotipo, por exemplo, que “*agora temos uma identidade visual*” (diário de campo, 2019).

No que diz respeito a esse conjunto de sentimentos, surge a noção de identidade social. Almeida (2009) a define como sendo “grupal, coletiva ou comunitária, real ou simbólica – como ‘forma de solidariedade’ e como uma ‘tentativa de construção de consciência social e cultural entre os atores’” (ALMEIDA, 2009, p. 133).

É a construção, o fortalecimento e a ampliação das relações sociais que se mostra fator basilar para a prática da Agroecologia, do contrário, ter-se-ia somente a união de indivíduos que buscam estratégias de organizar sistemas produtivos com o objetivo de obter vantagens comerciais em um contexto de aumento do consumo de alimentos orgânicos.

Este dilema entre compor nichos de mercados ou construir novas formas de relações humanas que se proponham a superar antigos desafios (que superam o universo da agricultura e dizem respeito mesmo a toda complexidade da organização social de maneira geral) continua a ser tema de disputa no caso presente, caracterizando o que Almeida (2009) entende como o maior desafio da Agroecologia:

[...] parece que a construção desse novo paradigma [...] enfrentará sérias dificuldades para se afirmar como um processo realmente revolucionário; poderá, no entanto, ser interiorizada no plano societal, não afetando fundamentalmente a estrutura da sociedade (ALMEIDA, 2009, p. 145-146).

A insistência, contudo, na busca por formas distintas de se viver a agricultura e as relações humanas como um todo parecem ser a aposta do grupo para superar tais dificuldades.

Nesse contexto, os Sistemas Agroflorestais são a materialização de uma forma prática de outra maneira de se relacionar com a agricultura e com os pares. Estes sistemas são motivos de empolgação e de promoção em praticamente todos os espaços que a EcoCampos frequenta. Os SAF's têm sido adotados por um número cada vez maior dos membros, precisamente porque passam a perceber

toda a prática agrícola como um espectro amplo de relações não somente intra ou interespecíficas dos sistemas mas também relações sociais. O fortalecimento das agroflorestas, além de estratégia agrônômica, é impulsionado pelo contato entre grupos e indivíduos que, a partir de um elemento de interesse em comum, tendem a ampliar suas redes de cooperação. Um exemplo disso é o Fundo das Agroflorestas, atualmente gestado pela EcoCampos.

## 5.2 O FUNDO DAS AGROFLORESTAS

O Fundo das Agroflorestas é uma conquista de alguns grupos organizados. Dentre as entidades que o podem acessar para desenvolver projetos de manejo, compra de mudas, insumos e etc. figuram a EcoCampos, a Ecoterra, um grupo de agricultores do município de Sananduva e o empreendimento de economia solidária Encontro de Sabores. Sua criação se dá a partir da compra de equipamentos com recurso destinado pela Secretaria Estadual do Meio ambiente (SEMA), através de um projeto promovido pelo CETAP e o processo se consolida no ano de 2018. A verba era destinada à compra de materiais para trabalho com Sistemas Agroflorestais. Foram adquiridas motopodas, trituradores de galhos, despoldadeiras e roçadeiras. Qualquer agricultor ou Associação que componha o grupo de acesso ao Fundo pode solicitar os equipamentos para realizar manejo ou beneficiar produtos de suas agroflorestas. Em reunião com as instituições citadas, estabeleceu-se que, ao invés de aceitar os equipamentos gratuitamente, os associados contribuiriam com 20% do valor integral da compra dos materiais e o recurso formaria um Fundo para investimento em pesquisa, manejos e etc. sempre e quando estivessem relacionados às agroflorestas.

O acesso ao Fundo é garantido mediante apresentação e aprovação de projetos de financiamento que são discutidos e votados em assembleia. Por enquanto, nenhum projeto surgiu. Os projetos só podem ser apresentados a cada seis meses e tem um teto de 50% do valor total do fundo devendo ser pagos em um período máximo de seis meses sob uma taxa de juros equivalente à inflação (6% a.a na data deliberada), além de uma taxa de 0,5% ao mês por quem o solicitar.

O que se discutia é que, idealmente, os projetos não deveriam ser voltados à necessidades individuais. No caso da EcoCampos, os agricultores presentes refletiam sobre a necessidade e como se poderia criar um projeto que beneficiasse

os membros da Associação. O Fundo pode ser acessado para qualquer tipo de atividades relacionadas às agroflorestas tais como compra de sementes, frete de produtos, insumos, equipamentos e etc. Essa característica ressalta a ideia de que, além das vantagens possibilitadas pelo acesso ao fundo tem-se a formação de valores éticos que “[...] não são culturalmente dados. São valores construídos e reproduzidos por relações humanas constituídas dentro de estruturas de reciprocidade” (SABOURIN, 2011, p. 126).

Dessa forma, o fundo pode ser compreendido a partir da lógica de que a união dos grupos e a participação direta nos processos de tomada de decisão são fatores de fortalecimento dos Sistemas Agroflorestais. Conseqüentemente, a Agroecologia na região também é fortalecida, servindo como mais um exemplo de que os atores tomam ciência do fato de que poderiam se beneficiar individualmente e de maneira isolada, adquirindo os equipamentos gratuitamente via projeto. No entanto, decidem orquestrar outros arranjos que possibilitem uma maior interação social e conformar sinergias que, sabidamente trarão mais benefícios aos participantes do que se agissem separadamente. Esses benefícios, no entanto não se restringem à materialidade do uso dos equipamentos ou do acesso ao crédito em si. Compreende-se que há outros produtos na interação e na cooperação que são os verdadeiros pilares da Agroecologia e que dão à prática o valor humano e ético, constituído no seio das relações de reciprocidade (SABOURIN, 2011, p. 47).

Tal forma de organização e mobilização de recursos através de parcerias estratégicas com instituições promotoras da Agroecologia, como o CETAP, se apresenta enquanto estratégia importante. Trata-se da construção de uma coesão com o objetivo de mobilizar recursos no contexto de uma estrutura técnica, econômica e social que não oferece suporte para tal tipo de iniciativa, nem desde o Estado nem desde o setor privado.

Em outras palavras, pode-se dizer que é um tipo de arranjo criado pelos próprios agricultores que, além de exigir criatividade frente a ausência de mecanismos institucionais que ofereçam suporte à tais iniciativas, servem para ilustrar que os atores não podem, segundo Long,

[...] ser vistos simplesmente como categorias sociais desmembradas [...] ou alvos passivos das intervenções, mas como participantes ativos que processam as informações e constroem estratégias em suas relações com atores locais e também instituições e pessoal externos (LONG, 2001, p. 21).

É, portanto, uma ilustração da capacidade que possuem os atores de incidir sobre suas próprias vidas na construção de estratégias que, se no presente caso se materializam em iniciativas como o Fundo, em outros lugares assume outras feições, reforçando que, apesar das estruturas sociais, os atores existem e a ressignificam não ficando a elas submetidos passivamente.

### 5.3 O NÚCLEO SERRA DA REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA E O CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO

A Rede de Agroecologia Ecovida é uma rede composta por um conjunto de agricultores organizados em cooperativas, associações ou grupos informais, além de consumidores e Organizações Não Governamentais que tem por objetivo fortalecer a Agroecologia com foco na região sul do Brasil, estabelecer estratégias coletivas para ação política e técnica a nível local, regional, nacional e internacional.

Sua estrutura é organizada em núcleos regionais os quais são compostos por associações, cooperativas ou outras formas de organizações de agricultores e consumidores dentro de determinada área geográfica. Atualmente a rede é composta de 27 núcleos regionais agrupando em torno de 352 municípios, envolvendo cerca de 340 grupos de agricultores além de 20 ONG's. Na área de abrangência da Rede Ecovida, encontram-se em torno de 120 feiras ecológicas além de outras formas e estruturas de comercialização e distribuição de produtos agroecológicos (REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA, 2019a).

Dentre os principais pontos definidos como missão da instituição estão a promoção do conhecimento técnico e cultural da Agroecologia, a organização de agricultores para a credibilidade das certificações orgânicas através dos sistemas participativos, a articulação por políticas públicas e a busca por uma organização horizontal e rotativa, além da luta pela segurança e soberania alimentar, contra os organismos transgênicos e contra a apropriação de sementes, da vida e dos bens comuns.

A EcoCampos faz parte, portanto, do Núcleo Serra da Rede Ecovida. É através dessa instituição e dos processos ali gerenciados que se obtém a certificação orgânica através do sistema participativo de garantia. O Núcleo Serra é atualmente composto por 36 grupos devidamente cadastrados, 3 grupos cuja introdução no núcleo estão em processo, totalizando 314 produtores aptos à

certificação orgânica, 39 agroindústrias igualmente aptas à operacionalização e 3 outras agroindústrias em vias de serem implementadas (REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA, 2019a).

É importante ressaltar que a Rede Ecovida conforma um sistema de credibilidade para que os grupos e agricultores possam se organizar no intuito de terem suas produções devidamente certificadas e reconhecidas com o selo dos produtos orgânicos de acordo com a Lei 10.831/03. Assim, a rede atua através do Sistema Participativo de Garantia (SPG) estabelecendo a credibilidade e idoneidade dos produtos e das famílias em uma escala hierárquica de legitimidade que tem início nas famílias agricultoras, depois nos núcleos e assim sucessivamente como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Estrutura de organização da Rede de Agroecologia Ecovida de Agroecologia



Fonte: Rede de Agroecologia Ecovida (2019b).

Em suma, é de interesse das associações compor a Rede Ecovida para a obtenção das certificações que, além de serem mais baratas do que as certificações por auditoria, possibilitam, além o selo, um espaço para interações, apoio técnico, luta por políticas públicas e articulações logísticas. Neste último caso em particular, a Rede tem desenvolvido e investido esforços na construção de um circuito de comercialização de produtos agroecológicos. A Rede Ecovida é, portanto, um espaço de resistência na medida em que, através da participação e da interação dos

atores sociais, é capaz de possibilitar estruturas organizativas que atendam às demandas de seus membros. Esse esforço procura reduzir as assimetrias de poder encontradas entre a agricultura industrial e a agricultura familiar de base ecológica.

O circuito tem como objetivo fomentar e facilitar a comercialização da produção das associações e famílias produtoras com entrepostos de distribuição nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, e São Paulo. Trata-se de um esforço em aproveitar a infraestrutura do grupo para potencializar as rotas otimizando a logística com um elemento de profunda importância e diferenciador. A organização e a gestão, bem como os transportes e armazenamentos em si, são realizados por membros do próprio grupo e, conseqüentemente, da própria Rede Ecológica. Não se trata, portanto, meramente de uma terceirização de uma empresa de fretes, mas de um esforço de grupo na discussão de preços, rotas e políticas de comercialização. Apesar da ideia de consenso e harmonia não se descartam as contradições internas, desacordos e perspectivas distintas dentre os diversos grupos e indivíduos que compõe o circuito, o que reforça a ideia de que as arenas são, de fato, espaços de disputa. Para além disso, a articulação permite aos membros identificar gargalos e projetar soluções e investimentos futuros. Essas soluções, buscam dar conta das produções atuais além de expandir as possibilidades através da produção e beneficiamento de outros produtos que atualmente ficam abaixo de seu potencial, ou submissos aos empreendimentos convencionais e suas políticas de definição de preço e condições.

Um exemplo disso foi constatado em uma das três reuniões da Rede das quais foi possível participar. Nesses espaços, foi possível observar que existe uma possibilidade para a produção e comercialização de farinhas (trigo e milho mais especificamente) com amplos potenciais e acesso a mercados consumidores importantes mesmo nos grandes centros urbanos como Porto Alegre, Curitiba ou São Paulo. O grupo, no entanto não dispõe de um moinho que apresente as características desejadas, nem oferece os preços para processar os produtos que os agricultores consideram justo. Nesse contexto, um dos agricultores de Vacaria tomou a iniciativa e atualmente está em vias de obter as documentações necessárias para a construção de um moinho próprio. A construção dessa estrutura dará suporte ao grupo e servirá como local de infraestrutura adaptada para o beneficiamento dos produtos do circuito. Outro fator abordado pelo grupo nas discussões, é a eventual construção de um banco próprio do circuito que possa

financiar projetos como o mencionado além de servir de apoio para os agricultores com taxas e juros mais acessíveis.

Uma vez identificada a estrutura geral da Rede Ecovida, cabe abordar as constatações que o processo de seguir os atores permitiu ao longo de um ano de acompanhamento. Existe um consenso dentro da EcoCampos de que a Rede passou por um processo importante de subversão de seus princípios iniciais, isso quer dizer que a análise do grupo aponta para um momento no qual, especificamente o Núcleo Serra, passou a adotar um caráter muito mais “certificador” do que agroecologista.

Há a percepção de que a coordenação do núcleo, bem como os principais protagonistas dos últimos dois anos, vinham direcionando as ações do grupo para uma expansão da produção de alimentos e produtos orgânicos diversos sem, necessariamente, abordar outras esferas da Agroecologia. Um exemplo é o caráter participativo do grupo, aqui entendido como um espaço que carece da atuação ativa e constante dos grupos e associações, bem como sua presença nos encontros, assembleias, oficinas e cursos ministrados dentro da rede. Outra questão importante foi a perspectiva manifestada na reunião do dia 12 de julho de 2019 quando o grupo realizou uma reflexão sobre o tema. A ideia central era de que muitos agricultores apenas estariam interessados em obter a certificação orgânica e que, por isso, passam a integrar associações. Assim, segundo esta reflexão, a formação de associações e o ingresso na Rede serviriam exclusivamente para a obtenção de uma certificação orgânica por controle participativo, que reduza os custos para obter os selos. Isso é questionado dentro da EcoCampos já que, de maneira geral, existe uma visão de que fazer Agroecologia não se trata exclusivamente de obter uma certificação orgânica, na verdade, o caráter de união dos agricultores é percebido como uma forma de construir uma base de relações sociais. Trata-se da percepção que tais atores possuem de que atuar conjuntamente produz resultados e benefícios que vão muito além da certificação. Existem resultados sociais, produtos subjetivos que são construídos no ínterim das relações sociais dentro do grupo, aspectos éticos que são o que diferenciam a Agroecologia. Precisamente como prevê a Teoria da Reciprocidade.

Ou seja, é possível interpretar que, um agricultor isolado, com certificação orgânica não está, necessariamente, segundo a perspectiva da EcoCampos, fazendo Agroecologia. No entanto, no momento em que se passa a compor um

grupo, se constroem relações entre os pares e se fortalece uma base, a dimensão social e organizativa da Agroecologia emerge, é uma percepção sobre o caráter relacional que tal conceito tem para o grupo.

Ao longo do trabalho de campo, contudo, algumas mudanças passaram a ter início. Dentre as principais delas está a eleição de um novo coordenador geral, e, conseqüentemente, a formação de um novo conselho administrativo do Núcleo Serra. Partindo da mesma percepção da EcoCampos, as eleições do núcleo foram marcadas pela disputa entre dois blocos, de um lado a perspectiva que procurava dar continuidade na agenda do núcleo da forma como se vinha trabalhando, e de outro uma oposição que procurava resgatar os princípios de Agroecologia. Este último buscando o fortalecimento da participação, da mobilização política e das discussões que transcendem o caráter certificador e produtivista. Em eleição definida por um voto, na qual a EcoCampos foi decisiva, um novo coordenador foi eleito na incumbência de reordenar os eixos prioritários do núcleo no segundo sentido acima mencionado. A assembleia seguinte seria, assim, marcada pela transição para este novo modelo.

Outro trabalho que se debruça sobre a Rede Ecovida especificamente, sua organização e a gestão de seus núcleos, teria uma contribuição importante ao prestar uma análise das relações sociais e da construção coletiva dos processos participativos. Um olhar focado na disputa pela formação de um conceito de Agroecologia e da afirmação de suas premissas na busca por um consenso em grupos de tamanha diversidade e complexidade, certamente seria frutífero. Este não é o foco do presente trabalho onde a atenção é dada apenas aos principais pontos observados durante assembleia.

Em primeiro lugar, destaca-se a retomada de princípios importantes que, segundo a EcoCampos, o núcleo carecia nos últimos anos. O primeiro deles é a retomada da mística<sup>37</sup> do núcleo enquanto parte central da construção subjetiva da Agroecologia. Ela se fez presente através de cantos e presentes simbólicos trazidos pelos grupos que compareceram à assembleia. O segundo ponto foi o repasse de duas agricultoras que compuseram o encontro de mulheres da Rede Ecovida. As

---

<sup>37</sup> Segundo Bogo (2012), “pode-se compreender que a mística, em suas manifestações subjetivas, ultrapassa o espectro do sagrado e introduz-se na vida social e na luta política, numa clara aproximação da consciência do fazer presente com a utopia do futuro [...] é mais do que o alimento do caminhante; é também a fome que não deixa parar nem dormir enquanto não se chega ao lugar desejado.” (BOGO, 2012, p. 473).

agricultoras reforçam que, na presente gestão, os debates em torno da questão de gênero serão trazidos com maior frequência para o Núcleo uma vez que, mesmo dentro do universo da Agroecologia, a violência de gênero é persistente e frequente. Todos os presentes foram convocados a repetir em voz alta um lema da Rede e agora do núcleo: “Sem feminismo não há Agroecologia”.

A avaliação dos membros da EcoCampos que se fizeram presentes foi positiva, segundo eles, tais princípios são indissociáveis do que o grupo entende como sendo o cerne da Agroecologia, as relações humanas, o diálogo, a constante busca pela superação de antigos entraves e a luta política que transcende o partidarismo, pois reside não na representatividade e sim na participação.

#### 5.4 CÂMARA TEMÁTICA DAS AGROFLORESTAS

A Câmara Temática das Agroflorestas (CTAF) tem como precedente histórico o trabalho de promoção e desenvolvimento dos Sistemas Agroflorestais e valorização das frutas nativas realizado pelo CETAP nos campos de cima da serra no ano de 2012 (dados da pesquisa, 2019). Como parte do protocolo de trabalho da instituição, era de central importância promover as ações e debates a partir de um contexto regional. Assim sendo, a cada dois ou três meses, promovia-se o encontro dos atores envolvidos como agricultores, membros de entidades públicas como a prefeitura de Vacaria, universidades, sindicato dos trabalhadores rurais, associações e outros como forma de avaliação, monitoramento e planejamento dos trabalhos realizados. Essa configuração de coletivo serviu de base para o que viria a ser a CTAF. A efetivação do processo se daria posteriormente no contexto da formação do território Campos de Cima da Serra como parte do Programa Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (PRONAT)<sup>38</sup>. No ano de 2015, através do Colegiado de Desenvolvimento Territorial (CODETER), entidade responsável pela governança dos territórios cuja assessoria era oferecida por instituições de ensino superior com destaque para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

<sup>38</sup> O PRONAT deve ser contextualizado enquanto iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) que configurou parte do extinto Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). O objetivo do projeto era fortalecer ações de desenvolvimento sustentável a partir de processos concebidos a partir da autogestão dos territórios no intuito de fortalecer e diversificar suas economias. A gênese do projeto, bem como uma análise rica de alguns desdobramentos, pode ser encontrada em COELHO-DE-SOUZA *et al.*, 2019.

(COELHO-DE-SOUZA *et al.*, 2019, p. 3), tem-se, assim, a criação de seis câmaras temáticas, dentre elas a Câmara Temática das Agroflorestas.

Segundo o técnico do CETAP que acompanhou esse processo, o objetivo da CTAF é construir um espaço a nível regional que possa promover discussões e ações no que se refere ao tema. Dentre as principais atividades observadas estão os mutirões das agroflorestas. A entrada a campo que deu origem à presente pesquisa ocorreu justamente em um primeiro reencontro da Câmara Temática numa tentativa de se reorganizar os projetos e atividades em face à extinção do MDA e da desarticulação dos Territórios. A partir daquele momento buscou-se estabelecer uma agenda de atividades que pudesse reanimar o grupo e fortalecer as relações ali constituídas. Dentre as principais necessidades enxergadas, estava uma maior atuação prática que pudesse conciliar a construção de conhecimento com ações concretas que apoiassem os agricultores. O manejo agroflorestal é sabidamente algo bastante intensivo no que diz respeito à mão de obra, de maneira que a prática dos mutirões é bastante comum onde se trabalha nessa perspectiva.

O primeiro mutirão realizado após tal encontro se deu no município de Caxias do Sul, na propriedade de uma agricultora já bastante experiente no manejo das agroflorestas. Embora as condições do tempo não tenham sido favoráveis (foi um dia de bastante chuvas) e o manejo propriamente dito não tenha ocorrido, foi realizado um momento de discussão entre os presentes sobre a importância do espaço, sobre os principais desafios enfrentados pelos agricultores bem como o compartilhamento de aflições, sonhos e ideias no que também pode ser entendido como uma forma de mística. Após tal momento, foi realizada uma visita às áreas da agricultora onde se discutiram as estratégias de manejo, compartilhou-se conhecimentos, fez-se perguntas e sugestões.

O momento seguinte é marcado pela apresentação da EcoCampos sobre o fundo das agroflorestas e a possibilidade de integrar os demais membros da CTAF neste ou de se criar um fundo separado a partir de outros recursos orquestrados pelo CETAP. Na sequência, a discussão se volta para a reflexão sobre a construção de um sistema de indicadores de monitoramento dos SAF's que é produto da participação da UFRGS no fortalecimento dos Sistemas Agroflorestais na região da floresta ombrófila mista através do projeto Panexus<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> O projeto Panexus é uma ação promovida através de edital do Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovações por diversos atores. Dentre eles, a UFRGS promove ações de pesquisa e extensão

Um segundo dia de atividades foi realizado alguns meses depois, já no município de Vacaria, na propriedade do agricultor do Caso 2. Nessa ocasião foi possível um dia de manejo intenso. Duas áreas distintas foram trabalhadas a partir do que o agricultor considerava importante, mas com a intervenção através de sugestões e recomendações de todo o grupo. Além de membros da CTAF estavam presentes o CETAP e os demais agricultores da EcoCampos que trabalham com as agroflorestas. À parte da troca de conhecimentos, concordâncias e discordâncias quanto às práticas técnicas de manejo, o encontro foi marcado por um intercâmbio de sementes e também pela distribuição de dezenas de mudas de espécies nativas obtidas através dos projetos do CETAP. O grupo então concluiu o encontro com o compromisso de organizar os próximos mutirões.

A CTAF, bem como a EcoCampos, e certamente todos os outros espaços aqui mencionados, têm uma plataforma de interação digital através do uso de um aplicativo de mensagens instantâneas de forma ativa. No grupo compartilham-se vídeos, textos, eventos, cursos, curiosidades, dúvidas e sugestões que tem como foco as agroflorestas, as frutas nativas e a Agroecologia de maneira geral. Embora não haja a formação de uma identidade tão forte como em outros casos, o contato serve como espaço de fortalecimento das agroflorestas e como rede de articulação de eventos que tenham como pano de fundo as temáticas acima mencionadas. É válido mencionar, contudo, que não são apenas temas encorajadores e positivos compartilhados no grupo. A preocupação pelas questões ambientais e o alarmante estado de degradação da natureza, principalmente pela agricultura química e industrial são frequentemente abordados no que parece ser, também a busca por uma afirmação dos princípios agroecológicos, pelo compartilhamento do sentimento de ação coletiva, busca por um espaço de apoio mútuo que transcenda a esfera técnica e se materialize também na emocional.

Apesar de considerar (desde um ponto de vista particular do pesquisador) os mutirões e o grupo de maneira geral, tendo como base de análise dos diálogos no aplicativo de mensagens instantâneas e as interações interpessoais, bastante bem sucedido, essa perspectiva não é confirmada por um dos principais atores da promoção das agroflorestas e da Agroecologia nos campos de cima da serra. Para o técnico do CETAP que acompanha o processo desde seu início, o espaço:

---

na temática da governança da sociobiodiversidade para a segurança hídrica, alimentar e energética no bioma Mata Atlântica.

É um coletivo muito frágil, se tu tirar o CETAP ele não existe [...] porque ninguém bota energia, nenhuma outra organização tem energia e prioridade pra esse foco de trabalho [...] então hoje, ele é bem frágil porque outras organizações ainda não assumem. (diário de campo, 2019).

Desde essa apresentação sobre a CTAF e dos contrapontos observados, cabe perceber as limitações e potenciais que o grupo tem e que, além do que é colocado pelo técnico, influenciam as atividades do grupo. Sendo formado majoritariamente por agricultores, a presença em eventos, bem como a tomada de iniciativa é bastante complexa, uma vez que isso requer abrir mão de dias de trabalho nas propriedades que muitas vezes são indispensáveis para o grupo ou família envolvida. No entanto, a CTAF é privilegiada pois tem em seu coletivo alguns atores que não vivem ou dependem exclusivamente da agricultura, o que, além de favorecer esse investimento de tempo e energia dentro do grupo, traz elementos de outra natureza para as interações ali observadas.

Um desses elementos é um cunho ético e filosófico por trás da prática que embora agregue muito ao grupo, não é sempre compartilhado entre todos os membros, além disso é também questionado ocasionalmente sobre sua viabilidade de replicação. Basicamente tem-se que algumas práticas ou princípios do manejo agroflorestal são tidos como utópicos ou dificilmente replicáveis no universo dos agricultores que dependem exclusivamente da agricultura para sobreviver.

De acordo com os agricultores, a maior parte desses princípios é pregado com fervor por aqueles e aquelas que dispõem de outras fontes de renda. Não se trata aqui de questionar a eficiência ou o valor filosófico de tais princípios<sup>40</sup> - mesmo porque para aqueles e aquelas que não dispõem dos meios para frequentar cursos de formação ou especialização em agroflorestas a CTAF é um espaço de contato com conhecimentos distintos - se não de contrapor perfis diferentes que conformam o grupo.

---

<sup>40</sup> Alguns desses princípios estão relacionados aos fundamentos da Agricultura Sintrópica conforme proposta por Ernst Gotsch. Essa escola é marcada por amplo sucesso técnico, no entanto, também requer condições de capital técnico e conhecimentos específicos de difícil acesso por parte de agricultores de baixa renda ou da agricultura familiar. A agricultura Sintrópica também tem recebido alguns entusiastas bastante ortodoxos no que diz respeito aos ensinamentos de seu criador podendo-se constatar, em diversos espaços, uma certa dificuldade em se flexibilizar os princípios para que se adequem às necessidades locais ou às condições dos agricultores, que tendem a ser bastante diversas.

Assim sendo, essa diversidade acaba sendo bastante ambígua. Se, por um lado favorece a interação, a troca de experiências e traz um mosaico de arranjos agroflorestais e agrícolas em geral bastante rico, por outro torna as ações difíceis criando, de fato, certa dependência de um ou outro ator que fica com o encargo de fazer girar a roda das agroflorestas, propor e fomentar os mutirões. Além disso, aumenta-se a dependência deste ator que ainda tem que se responsabilizar por questões importantes como a logística, o acesso a equipamentos para os mutirões ou insumos como algumas sementes e mudas.

Apesar, portanto, de suas dificuldades o grupo foi capaz de sobreviver à mudança drástica no contexto político que o originou e teve um ano movimentado de atividades e interações que são avaliadas positivamente por aqueles e aquelas que frequentam o coletivo. Estes elementos reforçam a ideia de Long (1992) ao enfatizar a capacidade dos atores de processar a experiência social (e seu contexto, mesmo que hostil), tecendo formas de lidar com a vida potencializadas pela mobilização de uma rede de relações sociais já mencionado.

## 5.5 CADEIA SOLIDÁRIA DAS FRUTAS NATIVAS

A Cadeia Solidária das Frutas Nativas (CSFN) é uma rede de atores composta por diversos segmentos da sociedade civil. Dentre seus membros, figuram pessoas físicas, empreendimentos individuais ou pequenas empresas, agricultores, associações e ONG's.

Seu principal objetivo é promover uma estrutura produtiva (cadeia) que possibilite o desenvolvimento e a comercialização de produtos oriundos da flora nativa. Esse esforço se dá a partir da percepção de que a conservação ambiental pode ser melhor alcançada através da geração de renda oriunda do aproveitamento de produtos de espécies ameaçadas de extinção através de práticas de extrativismo sustentável.

Assim, cada membro da CSFN possui uma função que pode se dar de distintas formas. Dentre elas pode-se destacar a técnica para o manejo dos Sistemas Agroflorestais, a extração dos produtos de maneira correta e sustentável, o

beneficiamento desses produtos e sua transformação em alimentos<sup>41</sup>. Ainda pode-se mencionar a responsabilidade e o esforço de alguns atores na comercialização dos produtos, construindo interfaces com consumidores que se tornam financiadores do trabalho a longo prazo.

Por ter como foco o aproveitamento de produtos florestais nativos (tais como frutos, fibras, cascas de árvores, etc.) a participação na CSFN torna-se uma estratégia de comercialização interessante para os agricultores que a compõe, como é o caso dos interlocutores desta pesquisa. A título de ilustração, no processo de desenho dos Sistemas Agroflorestais, o grupo procura debater, coletivamente, quais espécies podem ser introduzidas, desde um ponto de vista técnico mas, principalmente, desde uma perspectiva econômica.

Nesse sentido, todas as espécies nativas que os agricultores procuram introduzir são escolhidas tendo a CSFN como principal canal estratégico de comercialização, ou seja, a criação desse tipo de iniciativa torna, não apenas possível, como viável, economicamente, a ampliação de áreas de Sistemas Agroflorestais e a introdução de espécies nativas (diversas delas ameaçadas de extinção) contribuindo para a conservação ambiental e para a geração de renda.

Por ser uma organização de caráter solidário, a CSFN ainda preza por um conjunto de boas práticas no processo de extrativismo mas vai mais além, criando um conjunto de acordos entre seus membros que permitem construir, coletivamente, elementos importantes. O estabelecimento de preços dos produtos, quais empreendimentos assumirão cada função, quais produtores devem se concentrar na extração de cada produto, evitando a saturação de um produto e a falta de outro, são discutidos buscando uma gestão comum que fortaleça as potencialidades do trabalho com as frutas nativas, evitando a competição no setor e favorecendo a cooperação entre seus atores.

Assim, conforma-se, precisamente enquanto uma estrutura de construção de uma alternativa, caracterizando-se também como um exemplo das resistências de terceiro tipo. Trata-se, segundo Ploeg (2008) precisamente da construção de práticas heterogêneas, não apenas da agricultura mas do ordenamento de um

---

<sup>41</sup> O empreendimento que realiza o beneficiamento das frutas e a transformação destes em produtos finais é o Encontro de Sabores. Entidade de economia solidária criada no seio da CSFN e que realiza a gestão comercial de diversos produtos dentro da Cadeia.

sistema produtivo e comercial. Segundo esse autor, quando discorre sobre a resistência camponesa:

A resistência se encontra igualmente na criação de novas unidades de produção e de consumo em campos que deveriam manter-se improdutivo ou ser usados para a produção de culturas para exportação em grande escala. Em suma, a resistência do campesinato reside, acima de tudo, na multiplicidade de respostas continuadas e/ou criadas de uma nova forma para confrontar o Império [...] (PLOEG, 2008, p. 289).

A CSFN se propõe a ser uma dessas respostas com o desafio de, não apenas ser capaz de sustentar-se economicamente mas construir todo um aparato que faça frente a apropriação dos grandes capitais. Isto não apenas dos produtos das frutas nativas mas do processo social e organizativo, onde tem, historicamente agido incisivamente desarticulando-os e submetendo-os às relações mercantis.

O Império tende a desconstruir os conjuntos existentes pela eliminação, apropriação e/ou redefinição de ligações estrategicamente importantes. Os novos campesinatos lidam com essa desconstrução através de um espectro rico de técnicas de *reestruturação*. [...] os camponeses procuram e constroem ativamente novas ligações através de vendas diretas, de mercados de agricultores, da criação de novas cadeias agroalimentares alternativas e de esquemas públicos de abastecimento (PLOEG, 2008, p. 293).

Tal como os camponeses estudados por Ploeg, os agricultores que investem e se dedicam às agroflorestas e ao trabalho com as frutas nativas no âmbito da EcoCampos, procuram construir essas e outras formas de (re)existências.

No presente capítulo, buscou-se identificar e analisar os principais espaços de fortalecimento da Agroecologia e das agroflorestas frequentados pelos agricultores sujeitos do estudo. É possível, em resumo, constatar que, no caso da EcoCampos, o espaço adquire um sentido de identidade e também de intimidade. É onde os atores expõem suas questões mais particulares e se organizam diretamente com alguns objetivos materiais em comum, mas também como forma de construir relações que atribuem sentido às suas práticas e às suas vidas como agricultores. A Rede Ecovida e o Núcleo Serra passam, assim, a ser uma segunda instância frequentada pelo grupo onde as regras da certificação participativa trazem benefícios imediatos e pontuais. Dentre eles, pode-se citar os certificados de produção orgânica, e também o fato de servir como uma espécie de fórum de promoção, debate e articulação da Agroecologia, não somente nos aspectos

técnicos como também políticos e subjetivos. Através dela o circuito de comercialização se constitui enquanto potencializador da comercialização e beneficiamento de produtos orgânicos, tanto dos agricultores aqui estudados quanto dos demais. Esse impulso por parte do circuito possibilita, em alguns casos, a fé de alguns agricultores na cooperação, o que contribui para que direcionem esforços e investimentos no sistema de produção agroecológico – como se constatou no esforço de um dos agricultores em construir um moinho para o beneficiamento de milho e trigo orgânicos para o circuito.

Por fim, a Câmara Temática das Agroflorestas se constitui enquanto espaço de intercâmbio, mutirões e trocas que, apesar de suas limitações, tem sido capaz de manter vivo os debates acerca das agroflorestas e contribuído com um enriquecimento da temática, sobretudo através da diversidade da composição de seus membros. Em todos esses espaços, a atuação do CETAP é notável, sendo um de seus técnicos, possivelmente o principal ator individual na promoção das agroflorestas, das frutas nativas e da Agroecologia na região dos Campos de Cima da Serra. As visões e perspectivas dos agricultores, que são o foco do presente estudo, serão analisadas de maneira mais minuciosa nos capítulos a seguir.

## 6 COOPERAÇÃO E RECIPROCIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO E O FORTALECIMENTO DA AGROECOLOGIA NA ECOCAMPOS

O conceito de reciprocidade possui um histórico de usos e análises em um conjunto de cenários deveras diverso. Tradicionalmente aplicado a estudos de comunidades tradicionais, tais como polinésios e ameríndios nas investigações de Mauss e Malinowski respectivamente, ou em estudos camponeses como nos trabalhos de Sabourin, nessa perspectiva encontram-se elementos em comum que tem como objetivo central a busca por compreender a influência da solidariedade na constituição das sociedades humanas (RADOMSKY, 2006).

Na presente dissertação, há o desafio de realizar uma análise que possa levar em consideração as relações de reciprocidade em um grupo social bastante distinto dos acima mencionados. Não se trata aqui de abordar comunidades isoladas ou povos tradicionais. Ao mesmo tempo, o conceito de campesinato, apesar da rica discussão teórica acerca da multiplicidade de entendimentos e da aplicabilidade de tal termo a distintas realidades, não encontra respaldo empírico.

O presente capítulo se propõe a responder o objetivo específico de compreender as contribuições das relações de cooperação e reciprocidade na construção de uma outra forma de se praticar e viver a agricultura. Para tal, a presente seção parte de uma conceituação geral acerca da origem das discussões em torno do conceito de reciprocidade. Na sequência aborda-se alguns tipos de reciprocidade levando em consideração as relações sociais observadas no âmbito da EcoCampos buscando compreendê-las enquanto estratégias de articulação entre os atores sociais como forma de fortalecimento de sua trajetória no processo de transição agroecológica e da busca por dar sentido a seus projetos de vida. Nesse percurso é importante ressaltar a amplitude e a complexidade das diversas formas que a discussão sobre reciprocidade nas relações humanas pode ter, uma discussão profunda e conceitual, no entanto, não será explorada neste estudo.

Resumidamente pode-se afirmar que a teoria da reciprocidade possui, como precursora a obra *Ensaio sobre a dívida* de Marcel Mauss (1974). O argumento central daquele texto consiste em perceber a centralidade que as relações de solidariedade e de atos generosos assumem enquanto elementos que passam a ser constituintes fundamentais das sociedades estudadas (RADOMSKY, 2006). De

acordo com Mauss, no entanto, não são as trocas em si (de presentes, serviços, etc.) que dão origem ao sentimento de reciprocidade, na verdade trata-se da construção de um elemento subjetivo, um valor ético que surge e parece importar.

Dominique Temple dá sequência a tal raciocínio quando enfatiza a distinção entre o simples ato da troca e o estabelecimento de uma relação de reciprocidade.

Segundo o autor:

A troca é motivada pelo interesse que atribuímos às coisas por elas mesmas ou por seu valor simbólico. Ela é submetida à possessão senão à acumulação. Outra é a dádiva recíproca na qual o ato permanece prioritário sobre a coisa. [...] A reciprocidade implica preocupação pelo outro, quer dizer, valores afetivos, tais como a paz, a confiança, a amizade, a compreensão mútua (TEMPLE, 1997, p. 106).

Anteriormente neste estudo, no capítulo sobre o percurso teórico metodológico, também argumentou-se sobre a noção de *compartilhamento*, ou seja, uma estrutura de reciprocidade na qual existe o esforço comum da construção de um sentimento de participação e de confiança. Esses elementos ficam claros no presente trabalho quando a unidade de análise é a Associação criada pelos agricultores. Ao retomar a EcoCampos enquanto espaço de fortalecimento da Agroecologia e domínio dos agricultores, é mister lembrar das características consideradas como fundamentais para a adesão de novos membros. Palavras como 'confiança' e 'responsabilidade' surgem inúmeras vezes quando o tema é abordado.

A estrutura de reciprocidade conformada entre os participantes, no entanto, não deve ser vista exclusivamente como algo capaz de produzir benefícios para o grupo. O Sistema Participativo de Garantia para certificação orgânica do qual a Associação faz parte prevê que, na eventualidade de se registrar algum tipo de inconformidade técnica no âmbito do grupo, toda a associação seja penalizada (REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA, 2019a). Se o grupo não percebe e a falha é observada no âmbito da Rede Ecovida, todo o núcleo é advertido e assim sucessivamente de acordo com cada instância da rede. Ou seja, se não se constrói um sentimento de confiança entre os agricultores e se não se exercita tal relação, todo o trabalho participativo poder ser comprometido e submetido a penalidades que dificultem ou até impossibilitem o exercício da agricultura orgânica certificada.

Essa rede de interdependência, no entanto, não surge no discurso dos atores de maneira coercitiva ou sob a forma de pressão, ele aparece enquanto elemento

básico para a constituição de relações como em qualquer outra esfera da vida social. No entanto, o elemento diferencial para o trabalho dos agricultores da EcoCampos sujeitos do presente estudo, reside no fato de que é o sentimento, o valor humano oriundo das relações de cooperação e reciprocidade que conferem às suas produções orgânicas o valor e o sentido de se construir a Agroecologia.

A ideia sobre os valores humanos pode, à primeira vista parecer genérica, no entanto, Temple (1997) propõe uma síntese ao compreendê-los como valores:

Gerados e reproduzidos pela institucionalização das relações de reciprocidade e de redistribuição em estruturas, não apenas sociais, mas, também econômicas, qualificadas de estruturas de reciprocidade, as quais produzem valores de uso e também valores humanos como a amizade entre os próximos, a responsabilidade entre gerações e perante os recursos naturais, a justiça, a equidade e a confiança nos modos de redistribuição (SABOURIN, 2003, p. 10).

Nesse sentido e, enfatizando a importância das relações sociais na construção da Agroecologia, o próprio grupo acaba por identificar a distinção entre uma substituição de insumos como prática técnica e a construção de outros níveis de relações sociais tidos como condição para o avanço de seu caminhar para a transição agroecológica. Quando os agricultores se recusam a partir para iniciativas de certificação orgânica por auditoria e, ao fazê-lo enfatizam o desejo de participar de um grupo, estão afirmando identificar nos valores éticos, subjetivos, na relação de amizade e confiança, as bases da estrutura social que estão buscando conformar para viver seus projetos de vida tal como sonham.

Essa concepção, da busca por uma construção de um espaço social, perpassa também por outro elemento que diferencia a prática da Agroecologia de outros modelos de agricultura. Trata-se da construção de uma identidade sustentada a partir do valor humano construído no âmago do fortalecimento e da reprodução das relações de reciprocidade. Almeida (2009) discorre sobre tal espaço quando afirma que:

Esse espaço social comunitário, assim construído, deveria permitir, ao mesmo tempo, a preservação e a afirmação de uma identidade, o sentimento de segurança no contexto de uma participação coletiva e suficientemente autônoma para exercer suas próprias potencialidades; um sentimento de autonomia que, no fim das contas, possa permitir fundar um espaço em que se possa pensar, decidir e agir, de maneira individual ou coletiva (ALMEIDA, 2009, p. 138).

A construção e o fortalecimento, portanto, de uma identidade coletiva encontra-se profundamente ligado não tanto à produção de alimentos orgânicos em si, senão ao esforço pela construção da Agroecologia. É possível observar tal construção de diversas formas; quando confeccionam adesivos, camisetas, realizam confraternizações, viagens para encontros da Rede Ecovida, visitas técnicas, etc., os agricultores estão afirmando muito mais o valor do sentimento produzido através da ajuda mútua do que algum tipo de superioridade técnica produtiva como contraposição ao modelo hegemônico de agricultura.

É por isso que esses sentimentos mencionados pelos agricultores em tantas passagens como, por exemplo, na ideia de “ajudar os outros por um objetivo comum” ou “sempre acreditar na cooperação”, ou ainda “ajudar o próximo, ser amigo e fazer amigos” para mencionar alguns elementos apresentados pelos agricultores, se configuram enquanto uma forma de resistência e, por serem elementos relacionais, tais como a agência, potencializam-se mutuamente.

Embora a produção de alimentos orgânicos possa ser cooptada por grandes empreendimentos capitalistas, as questões técnicas de dificuldades produtivas possam ser sanadas através de consultorias privadas e a agricultura possa ser mais individualizada, nenhum desses movimentos é capaz de oferecer o sentimento que conformar uma estrutura de compartilhamento possui. Trata-se de fazer parte de um ciclo de distribuição de dádivas conformando sentido à vida social dos indivíduos. É o que afirma Eric Sabourin, para quem:

[...] além da prestação 'material' em trabalho humano, trata-se de uma relação humana visando também (e muitas vezes antes de tudo) a produção e a manutenção de laços sociais, sentimentais e simbólicos entre as famílias e as comunidades [...]. Na ajuda mútua recíproca, simétrica ou assimétrica, mede-se o quanto a relação social ou afetiva entre os sujeitos é mais importante que a natureza material da prestação de trabalho, mesmo se essa é necessária ou até indispensável às unidades de produção familiar (SABOURIN, 2011, p. 126).

O caminhar empírico permite constatar que a Agroecologia não se trata somente de uma outra agricultura do ponto de vista técnico e sim de uma outra forma de se relacionar e construir um conjunto de elementos subjetivos que atribuem um sentido particular à prática da agricultura dentro desses princípios. Sentido este bastante distinto dos que se observa na agricultura convencional.

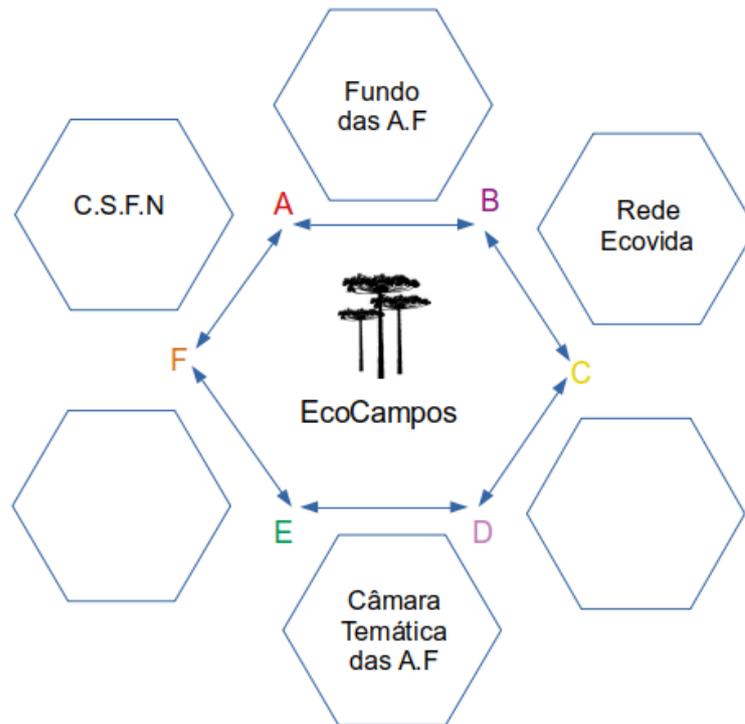
Em resumo, não se trata de cooperar para viabilizar tecnicamente a produção de orgânicos, isso acontece como transbordamento de algo muito mais profundo. Trata-se de conformar uma estrutura de reciprocidade na qual a dádiva entre os agricultores, tendo a associação enquanto intermediária, constrói um sentimento, ou um conjunto de sentimentos positivos, que conferem à prática dessa “outra” agricultura, ou agricultura ecológica, o sentido de ser Agroecologia.

Esses elementos têm profunda relação, por exemplo, com as características que a EcoCampos considera essenciais para a composição do grupo. Características estas ligadas à ideia de caráter, fundamental no que diz respeito à construção de um sentimento de amizade e contrária à visão utilitarista de associar-se meramente por objetivos materiais (como acesso a equipamentos, insumos ou à certificação orgânica). Logo, ao se fortalecer a associação, fortalecem-se os agricultores e, se reciprocidade é uma relação de um primeiro termo a um segundo, uma relação que retorna, pode-se dizer que a estrutura de reciprocidade se conforma entre esses atores tendo a associação como elo de conexão.

Nesse sentido, é possível inferir que não apenas os Sistemas Agroflorestais se configuram como estratégia para outra agricultura como também a cooperação passa a ser vista como uma forma de relação social que fortalece os agricultores em condições de desvantagem em relação à agricultura convencional, ao agronegócio e ao Mercado. Além disso, as reuniões, encontros, cursos e mutirões dos quais participam acabam criando espaços de fortalecimento dos princípios que levaram os agricultores a buscar outra relação com a agricultura, um novo modo de vida e, conseqüentemente, contribuem para o fortalecimento de sua autonomia.

Além disso, a construção desta unidade dá forma ao grupo possibilitando interações em espaços que retroalimentam suas práticas e princípios e os colocam em contato com distintos atores que podem somar-se ao processo. A figura 11 a seguir ilustra a estrutura da reciprocidade de compartilhamento como aglutinador de indivíduos na construção dessa unidade.

Figura 11 - Reciprocidade em sistema de compartilhamento e a construção de uma unidade em interação em torno da EcoCampos, Vacaria, RS



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Sabourin (2011, p. 56).

Nota: Cada letra representa um agricultor e as setas, sua interação em relações de reciprocidade em torno de um núcleo central.

Esse processo, no entanto, pode ser ainda mais complexo quando se olha atentamente para a Associação de uma maneira crítica. Ao longo do acompanhamento das reuniões dos agricultores um caso chamou a atenção e deve ser mencionado. Dentre os membros da EcoCampos existem níveis de participação e atividade distintos, isso se dá por um conjunto de fatores. Em primeiro lugar nem todos os membros da Associação são agricultores, existe o caso, por exemplo, de um apicultor, para quem a incidência nas atividades cujo foco era os Sistemas Agroflorestais era menor. Outros casos também possuem particularidades como o produtor de poejo que realiza vendas diretas para uma empresa sem depender da certificação do grupo via Rede Ecovida. Há também a situação de um agricultor que exercia a atividade em uma área que não era de sua propriedade e, eventualidades fizeram com que ele tivesse de se mudar e esteja, provisoriamente, impossibilitado de continuar com seus cultivos por não dispor de uma área adequada. Por fim, há o caso de um agricultor cuja participação nos eventos e encontros da associação são bastante oscilantes.

Este último agricultor, embora se dedique a outras atividades econômicas como principal fonte de renda, tem realizado movimentos pendulantes de investimento na agricultura de base ecológica. Chegou, inclusive, no final do ano de 2019 a implementar uma área de Sistema Agroflorestal. No entanto, a relação entre este agricultor e os outros quatro casos aqui analisados é bastante diferente. Um conjunto de dinâmicas próprias, profissionais e familiares faz com que não tenha sido observado o mesmo grau de participação no grupo como nos demais casos. Como consequência, os sentimentos construídos nas relações de reciprocidade entre ele e os demais se dão de forma diferenciada. Essa distância dos demais agricultores no grupo foi tardiamente observada. No processo de conhecer os atores que teve início nos trabalhos do projeto Nexus, esse agricultor não estava presente, nem nas primeiras reuniões das quais participei. Posteriormente, quando o conheci, não havia esse interesse claro ou demonstrado na implementação de uma área de SAF, assim, optou-se por não incluí-lo enquanto caso de análise. O agricultor também não foi visto nas demais atividades do grupo, como em assembleias do núcleo da Rede Ecovida, ou nos mutirões propostos pela Câmara Temática das Agroflorestas de maneira que a construção de um vínculo entre este agricultor e o pesquisador não surgiu naturalmente como nos demais casos. Foi possível notar que sua participação em uma série de eventos e espaços de construção da Agroecologia é escassa.

O agricultor encontra dificuldades organizativas ou ideológicas para fortalecer seu vínculo com os demais agricultores. Porém, esse quadro é complexo, pois o mesmo agricultor organizou uma reunião com os demais agricultores da EcoCampos em sua casa e tem se mantido ativo nas discussões do grupo através do aplicativo de mensagens instantâneas. O agricultor ainda realizou a doação de vasos para o cultivo de mudas de espécies nativas para o estabelecimento de um viveiro para implementação de agroflorestas. Assim, ele procura manter uma proximidade para não distanciar-se totalmente do grupo, buscando estar atento às discussões, ou seja, ainda que não tenha uma participação efetiva, também mantém certa relação com os demais agricultores não se afastando totalmente do grupo. Talvez haja um interesse dele em encontrar um contexto mais favorável para um comprometimento mais efetivo com a construção coletiva da Agroecologia que se encontra em processo.

O objetivo em se abordar este último caso em particular é contribuir na reflexão sobre a construção das relações de reciprocidade. Isso se dá a partir da demonstração de que se trata de um processo gradativo no qual a dádiva, ou a doação de um comprometimento para com o grupo é gradual. Ela deve, no processo de transição agroecológica, se dar com respeito às particularidades de cada agricultor. No caso deste último, as portas da Associação, do diálogo e o convite para uma maior participação nos espaços de fortalecimento das agroflorestas e da Agroecologia continuam abertas e o surgimento de relações mais fortalecidas entre este e os demais parece depender mais do tempo e da disponibilidade de comprometimento dele do que qualquer outro fator. Quanto maior for seu envolvimento e sua iniciativa em ocupar tais espaços, maior será a retribuição do grupo como potencializador de seu processo de transição, seja desde um ponto de vista técnico com visitas, compartilhamento de mudas ou de equipamentos, seja no processo de dar credibilidade, confiança e potencializar o sentimento de pertencimento, companheirismo e solidariedade que se observa nos demais casos.

Inicialmente argumentou-se que no caso da EcoCampos, a estrutura de reciprocidade que melhor se aplica é a do compartilhamento. Apresentou-se tal conceito como uma das diversas formas de reciprocidade simétricas e positivas que podem ser abordadas dentro do leque de relações compreendidas como relações recíprocas. Simétrica porque compreende que há entre os atores uma situação de equilíbrio, “Cada um dá para o outro, sem procurar submetê-lo e obrigá-lo” (SABOURIN, 2011, p. 51), e a percepção geral de uma horizontalidade dentro da associação e dentro do universo da Agroecologia – no sentido de que mesmo os cargos ocupados na associação se tratam meramente de questões burocráticas e administrativas. Positiva pois se dá pela união de um com o outro, e não pela oposição, algo também possível dentro dessa abordagem.

A partir de alguns momentos, ou símbolos, pode-se aprofundar a compreensão da ideia de compartilhamento. Segundo Chabal (2005), o compartilhamento é o caso em que:

[...] temos um forte sentimento de participação, participação no grupo. O compartilhamento procura produzir união. A palavra expressa isso por ‘nós’. O lema é ‘um por todos, todos por um’ É ideia de totalidade que domina. De modo geral, o compartilhamento produz o sentimento de estar dentro da comunidade (pelo melhor e o pior), um todo. [...] (CHABAL, 2005, p. 10).

Esse tipo de sentimento encontra respaldo no grupo quando surge, cada vez mais a ideia de fortalecer a identidade do coletivo, tanto interna quanto externamente. Isso quer dizer que tanto dentro da Associação, enquanto indivíduos, quanto fora dela, representando-a em espaços distintos, busca-se a articulação de uma agenda que favoreça os projetos de vida de seus membros. Esse sentimento também é observado quando se constata frases dos agricultores do tipo “*Sem a EcoCampos ia tá cada um no seu canto, isolado*” (diário de campo, 2019). É a sensação de pertencimento que é cada vez mais respaldada pelo investimento pessoal de cada agricultor na Associação. Não tanto na forma de investimentos financeiro mas investimento de confiança e de credibilidade no ato de cooperar naquele espaço.

Quanto às formas materiais que as relações de reciprocidade podem tomar, no presente estudo identificou-se alguns elementos de destaque. Dentre eles figuram:

- a) a *ajuda mútua*, exercitada através dos mutirões de manejo, da organização para compra de mudas e sementes;
- b) a construção de *estratégias de comercialização coletiva*, tanto para as frutas nativas quanto para os demais produtos da região;
- c) o *compartilhamento* de equipamentos como motopodas e trituradores;
- d) o *uso compartilhado* de uma estrutura de armazenamento e congelamento de produtos<sup>42</sup> e
- e) a *construção do conhecimento*<sup>43</sup> a partir dos debates, reflexões e visitas técnicas organizadas pela Associação (dados da pesquisa, 2020).

---

<sup>42</sup> No início do ano de 2020 a EcoCampos recebeu uma câmara fria através de um projeto de fortalecimento dos Sistemas Agroflorestais e das frutas nativas encaminhado pelo CETAP. Os protocolos de uso e as políticas de acesso e gestão do equipamento estavam, até o final da presente pesquisa, sendo construídas coletivamente pelos agricultores.

<sup>43</sup> A ideia em torno da construção de conhecimento ou Construção de Conhecimento Agroecológico também encontra respaldo empírico nas ações dos membros da EcoCampos. Embora não seja este o foco desta pesquisa, convém apresentar brevemente este conceito, entendido por Cotrim (2013) como “um processo relacional entre os atores dentro das arenas, tendo esses a capacidade de agencia para construir projetos diferenciais para suas vidas. [...] A totalidade do processo é voltada para o caminho de uma transição agroecológica construída coletivamente pelos atores e orientada a caminhos sustentáveis de desenvolvimento rural” (COTRIM, 2013, p. 224). Em muitos espaços esse tipo de dinâmica é observado, os grupos de aplicativos de mensagens instantâneas são um deles, em geral prático rápido e bastante utilizado no cotidiano dos agricultores. As reuniões do grupo, por outro lado, favorecem discussões mais profundas sobre intervenções de manejo e troca de experiências técnicas no exercício da agricultura.

Na última reunião da qual participei enquanto pesquisador, debateu-se profundamente o futuro dos Sistemas Agroflorestais da Associação. Destaque para o fato de que esse conjunto de projetos e discussões sobre o futuro é entendido como uma construção *da Associação*. A EcoCampos, mais especificamente no caso dos agricultores que compõe a presente pesquisa, está dedicada a construir modelos possíveis de Sistemas Agroflorestais coletivamente como forma de fortalecimento das estratégias de comercialização do grupo.

Significa assumir que, doravante, os agricultores não mais implementarão ou expandirão suas áreas de SAF's com base única e exclusivamente em seus desejos ou anseios pessoais, mas conformarão um coletivo que, levando em conta as particularidades, potencialidades e dificuldades da região, pensarão produtos e estratégias de beneficiamento que sejam capazes de fortalecer todo o grupo. Isso significa que, em certa medida, o grau de confiança nas potencialidades do grupo e nas relações construídas entre os atores desde o início da associação é alto. Assim, os agricultores estão dispostos a abrir mão de parte de sua autonomia enquanto projetores de SAF's para dar lugar à agência coletiva, entendida como uma força superior àquela dos atores individualmente e que, conseqüentemente, tem maior potencial de ser exitosa.

Isso é possível porque o valor humano da reciprocidade foi capaz de constituir um conjunto de sentimentos recíprocos que dão, além de credibilidade para tal empreendimento, *sentido* à prática. Assim, a coletividade não se daria apenas em função dos agricultores possuírem certificações orgânicas e insumos para tal ou por terem fundos gestados coletivamente. Sabourin (2011) sintetiza esse movimento ao notar que “Se a relação importar mais que o serviço prestado, é porque, além do aporte material, ela tem um valor humano incomparável”. A totalidade do processo é voltada para o caminho de uma transição agroecológica construída coletivamente pelos atores e orientada a caminhos sustentáveis de desenvolvimento rural (SABOURIN, 2011, p. 118).

As estruturas de reciprocidade fortalecidas por tais valores humanos “[...] garantem modos de regulação capazes de estabelecer justiça e contra poderes podendo limitar os excessos [...]” (SABOURIN, 2011, p. 57), ou seja, não se trata de um movimento irresponsável, muito menos às cegas e sim de algo sobre o que se tem controle e, sobretudo confiança.

Algumas considerações ainda cabem com o intuito de salientar o esforço dos atores em conformar um espaço que, a princípio parece ser um potencial catalisador das realizações de seus sonhos pessoais e projetos de vida. Deve-se lembrar que, a construção desse tipo de relação, do compartilhamento enquanto estrutura de reciprocidade é, como aqui se propõe, precisamente uma *construção*. Isso implica que, as relações de reciprocidade no presente caso não surgem de uma espontaneidade desinteressada, surgem da iniciativa e interesse em cooperar. A partir do movimento de cooperação e do investimento da participação e da construção de uma identidade coletiva surgem e se fortalecem as relações recíprocas, é como afirma Sabourin (2011, p. 57): “Na perspectiva da reciprocidade esses valores não preexistem entre os indivíduos, eles devem ser constituídos, precisamente por meio de relações estruturadas de reciprocidade simétrica” e reitera Temple:

A dimensão econômica da Dádiva não aparece de imediato, a princípio, é preciso instaurar a reciprocidade [...]. A dimensão econômica desse convite só se percebe depois: de fato a amizade, a justiça, a responsabilidade exigem, para nascerem, as melhores condições de existência para outrem (TEMPLE, 1997, p. 107).

Por fim, tem-se que, no presente caso, as relações recíprocas e os valores humanos por elas construídas a partir do desejo de se cooperar, de construir um coletivo e de insistir na busca de alternativas ao modelo de agricultura que impera no mundo, produzem mais do que meios para a viabilização técnica e econômica de sistemas produtivos diferenciados por selos ou apelo aos consumidores. Essas relações produzem uma identidade pautada na solidariedade e no desafio de enfrentar as adversidades, limitações e ameaças da agricultura capitalista e industrial através da busca pela construção de outras formas de se relacionar e de construir arranjos sociais e produtivos, caracterizando a Agroecologia assim praticada enquanto verdadeiro potencial de transformação social.

Feitas as considerações acima, a seção a seguir propõe a retomada dos objetivos iniciais da pesquisa apresentando as conclusões do trabalho e, na sequência, algumas reflexões finais sobre o processo de maneira geral.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho foram propostas questões que motivaram a pesquisa e foram, gradativamente, respondidas a partir da inserção no universo dos atores sociais, suas práticas, vivências e trajetórias. A presente seção tem o intuito de retomar os questionamentos iniciais e propor uma reflexão sobre as contribuições teóricas no processo de compreensão das inquietações inicialmente apresentadas.

Inicialmente, é importante destacar que as reflexões propostas na presente pesquisa são produto do contato com agricultores ao longo de um período de aproximadamente 17 meses. Esse contato, no entanto, não se deu de forma espontânea. Como colocado, minha participação nas atividades do projeto Panexus enquanto estudante do PGDR foi o que possibilitou conhecer meus interlocutores, os espaços por eles formados e gerar questionamentos que, em maior ou menor grau, se expressam neste trabalho. Dessa forma, é importante destacar o papel dos professores, orientadores e do Programa de Pós Graduação em oferecer um conjunto de oportunidades que tornaram este esforço possível. Esses elementos somados à abertura dos agricultores que me receberam em suas vidas e se abriram para nosso contato, dão um caráter de construção coletiva ao presente texto que não teria sido possível sem a cooperação dessas e outras pessoas que conheci ao longo do processo. Feitas essas breves mas importantes considerações, propõe-se uma retomada dos objetivos iniciais colocados na pesquisa seguidos de uma reflexão sobre a análise dos resultados.

Como explicitado nos capítulos introdutórios, a presente pesquisa teve como cerne responder a seguinte questão: qual a contribuição das relações sociais entre os atores envolvidos na prática agroflorestal para a manutenção deste sistema de produção e de que forma a agência destes atores contribui para a construção da Agroecologia na região? Para tal estabeleceu-se o objetivo geral de compreender como os processos de cooperação e reciprocidade entre agricultores envolvidos no sistema de produção agroflorestal se configuram como estratégia de fortalecimento da Agroecologia. A partir do estabelecimento deste objetivo, foi então possível avançar na investigação a partir de três objetivos específicos cumpridos e analisados a seguir.

Em um primeiro momento, para responder a pergunta de pesquisa inicialmente colocada, é salutar uma análise do contexto histórico da formação do

município de Vacaria para situar no espaço e no tempo os atores sociais e suas trajetórias. Diferentemente de outros contextos no estado do Rio Grande do Sul, a estrutura fundiária da região não foi marcada por uma agricultura familiar distribuída em pequenas propriedades. Ao contrário, observa-se a formação de grandes parcelas de terras concentradas em pequenos grupos sociais. Esse tipo de organização favorece, inicialmente, a atividade pecuária na região e cria um contexto de uma narrativa de produção econômica única. Quer dizer que o sistema produtivo que predomina nessas parcelas de terra tende a se tornar hegemônico no município, organizando a estrutura social, cultural, econômica e logística em torno de seus objetivos. As mudanças sociais e técnicas que ocorrem ao longo do tempo tendem a transformar o sistema de produção em si mas sem alterar suas bases e, a partir da década de 1970, vê surgir a substituição da pecuária extensiva pelos cultivos de grãos e pela pomicultura no município. Assim, existe apenas a troca de um modelo produtivo por outro mas a característica de ser um sistema predominante e ordenador das dinâmicas e dos fluxos produtivos no município é mantida.

Nesse sentido, e agora referenciado no momento atual, o que se observa é uma estruturação da atividade econômica no município em torno dessa proposta específica de produção agrícola. Isso favorece os interessados em participar desse modelo produtivo e cria um conjunto de dificuldades e constrangimentos para os que não se vêem representados por esse tipo de prática. É nesse contexto que os atores sociais com quem se dialogou ao longo desta pesquisa se inserem. Assim, é precisamente por haver uma forma de coerção que compele os agricultores a somar-se à forma de produção hegemônica, que é possível uma análise a partir da Perspectiva Orientada ao Ator e ganha sentido a noção de agência inicialmente apresentada.

Argumentou-se que a POA é uma abordagem teórico metodológica rica quando o objetivo é compreender por que pessoas em situações estruturalmente similares desenham estratégias e projetos de vida diferentes. Para verificar essa preposição, a reconstrução das trajetórias de vida dos quatro agricultores que compõem esta pesquisa é frutífera. Assim, esse percurso foi traçado buscando responder o primeiro objetivo específico, a saber, compreender as motivações dos agricultores para a implementação e manutenção de sistemas agroflorestais em suas propriedades.

Ao possibilitar uma reflexão sobre a história de suas práticas na agricultura, os atores sociais são capazes de apontar com clareza o momento (ou momentos) em que assumem sua capacidade de perceber o mundo à sua volta e agir de acordo com seus próprios princípios e desejos. É nesse momento que se identificam as motivações de cada um deles para investir nos SAF's como alternativas técnicas de produção e como prática agrícola importante em suas vidas. Nesse processo chama a atenção o fato de que, para cada agricultor, as causas para dar início a uma caminhada na direção da transição agroecológica são distintas. Assim, as motivações encontradas para a adoção dos Sistemas Agroflorestais nesta pesquisa foram desde elementos profundamente subjetivos, tais como a busca por uma essência individual (Caso 4), até elementos práticos e materiais como uma estratégia de superar uma dificuldade financeira e encontrar arranjos produtivos rentáveis e economicamente viáveis (Caso 2). Observou-se ainda preocupações com a preservação ambiental (Caso 1) e finalmente o cuidado familiar e pelo afeto (Caso 3).

Se essas motivações são distintas elas fortalecem a ideia inicial proposta pela POA de que os atores são dotados da capacidade de agência, eles podem agir e reagir a partir de seus projetos individuais. Por outro lado, a construção de uma estratégia de resistência em comum, os SAF's, ao paradigma agrícola predominante, reforça a ideia de que a agência é fortalecida a partir de uma rede de atores e não deve ser entendida como uma perspectiva individualista. No entanto, a mera existência de uma rede de atores não é suficiente para explicar o sucesso relativo dos agricultores em questão. Torna-se importante compreender as relações que ocorrem dentro dessa rede e mais ainda compreender a complexidade dessas relações.

Para entender esse processo, foram identificados alguns espaços centrais no processo de articulação das estratégias dos atores sociais. Essas são as arenas de construção e fortalecimento da Agroecologia. Esse processo foi importante para responder ao segundo objetivo específico, ou seja, identificar os espaços de fortalecimento da prática agroflorestal nos quais os agricultores estão inseridos, identificando os principais atores que conformam tais espaços. A EcoCampos, a Câmara Temática das Agroflorestas, a Rede Ecovida, a Cadeia Solidária das Frutas Nativas e o Fundo das Agroflorestas foram os espaços sociais identificados e o

CETAP, na pessoa de um técnico em atuação no município de Vacaria, um ator fundamental para mobilizar e catalisar os processos sociais.

Essas estratégias de articulação e inserção em espaços distintos, dizem respeito à organização dos projetos de vida dos agricultores em torno de um caminho em direção à Agroecologia. Assim, é possível perceber que a presença dos agricultores em certas arenas é compreendida como uma forma de angariar vantagens materiais que favoreçam seus planos (como a certificação orgânica, o acesso a equipamentos e assistência técnica, o acesso a dinâmicas de comercialização de certos produtos e outros). Essas vantagens obtidas nos espaços sociais estudados certamente contribuem para seus projetos de vida mas produzem elementos não quantificáveis que conferem sentidos às suas práticas.

Ao frequentar esses espaços os atores sociais se encontram não apenas no sentido geográfico, mas no campo das ideias e quando esse encontro se dá em um contexto hostil aos seus princípios, ele se torna elemento aglutinador que favorece a cooperação entre os agricultores e faz emergir e fortalecer cada vez mais as relações de reciprocidade.

No que diz respeito a esse conceito, os aportes de Sabourin, Temple e Chabal, dentre outros, contribuem ao abordar o elemento ético formado no íterim dessas relações. Ao trazer o valor humano de confiança, amizade e solidariedade oriundos das relações de reciprocidade, auxiliam a compreender que as vantagens materiais obtidas nos espaços e nas relações conformadas pelos agricultores são ganhos extras, estando o sentido de suas práticas mais relacionados a esse conjunto de elementos subjetivos do que às questões de ordem objetiva.

Assim, a prática da agricultura em Sistemas Agroflorestais como uma estratégia de superação da agricultura hegemônica em Vacaria através da Agroecologia é possível não somente através dos produtos materiais ou econômicos oriundos das relações de cooperação (e das trocas de insumos, equipamentos, etc), como também através das construções sociais imateriais acima mencionadas.

Tornou-se necessário, portanto, compreender as relações sociais construídas entre os atores. Movimento este que responde ao terceiro objetivo específico da pesquisa, qual seja, analisar os processos de cooperação e reciprocidade estabelecidos nesses espaços, buscando compreender como de fato eles se configuram como estratégia de construção e fortalecimento da Agroecologia.

Ao analisar a estrutura de compartilhamento observada no domínio dos agricultores – a EcoCampos – torna-se possível perceber uma construção de uma identidade em comum, da formação de um *nós*. Essa identidade aparece sustentada não apenas nos princípios ecológicos de produção agrícola defendidos pelo grupo mas, principalmente nas lógicas do trabalho coletivo, na cooperação e na ideia de que Agroecologia é algo que se constrói em conjunto. Esses elementos são reificados simbolicamente na confecção de uma logomarca do grupo, adesivos e camisetas e efetivados cotidianamente através do contato entre os membros em um grupo de aplicativo de mensagens instantâneas.

Esse caráter participativo e coletivo, a necessidade por reuniões, a construção de uma agenda comum, de desenhos de estratégias de comercialização coletivas e o processo de planejar e pensar as ações em torno da Agroecologia na região de maneira conjunta, são profundamente importantes. Não tanto porque os atores identificam debilidades individuais que não podem ser solucionadas sem a ajuda dos demais, mas porque é esse processo que confere à técnica agrícola o valor e o sentido de ser Agroecologia. Esse fato é notável quando, durante o convívio com os atores, se observa uma diferenciação entre estes e uma determinada família de produtores orgânicos do município de Monte Alegre dos Campos, próximo à Vacaria, por exemplo.

Em diversas situações foi possível observar, no discurso dos atores, uma avaliação de que tal família tem a inclinação a agir de maneira muito mais individualista e, apesar de serem produtores orgânicos reconhecidos, não estariam caminhando em direção à Agroecologia da mesma forma como os agricultores que trabalham coletivamente. Essa avaliação também é, em certo grau, compartilhada pelo técnico do CETAP que acompanhou a EcoCampos desde sua gênese.

Portanto, de maneira resumida o que se pode afirmar é que o valor humano oriundo das relações de reciprocidade de compartilhamento gestadas na EcoCampos nas interações de seus membros, constituem a dimensão social da Agroecologia que é apresentada pelos autores abordados (Gliessman, Sevilla Guzmán, Caporal, Costabeber, Altieri e outros). Isso não quer dizer que se trata de estar mais ou menos próximo da construção da Agroecologia neste caso em específico, mas quer dizer que essa dimensão social não é ignorada.

Em outros espaços, como no caso do Núcleo Serra da Rede Ecovida, pode-se perceber que essa preocupação não parece ser partilhada por todos. Outros

grupos parecem muito mais interessados em obter a certificação orgânica de forma mais simples, barata e rápida do que em construir uma nova forma de relação entre pares que possa também trazer para as discussões essa dimensão social que faz parte da Agroecologia. O convívio com os interlocutores desta pesquisa permite constatar que a transição agroecológica passa também por um esforço e um trabalho social tão importantes quanto a transição técnica dos sistemas produtivos.

No caso da EcoCampos, a temática dos Sistemas Agroflorestais apresenta algumas particularidades que favorecem essa dimensão social. Por se tratar de um modelo produtivo não tão conhecido como os demais (a produção de hortaliças em sistema orgânico é amplamente mais difundida do que os SAF's, por exemplo) a interação com esse tipo de prática tem muito a ganhar quando é feita coletivamente. Não apenas do ponto de vista da mão de obra, que é bastante intensiva no trabalho com as agroflorestas, mas também no processo de construção e compartilhamento do conhecimento.

Em relação às dificuldades de manejo por escassa mão de obra qualificada para o trabalho com agroflorestas, a resposta tem sido a cooperação entre os agricultores e o fortalecimento de espaços onde o tema está presente (como no caso da Câmara Temática das Agroflorestas e seus mutirões), favorecendo o aspecto relacional e social da prática e construindo e consolidando estruturas de reciprocidade que contribuem no fortalecimento da dimensão social da Agroecologia.

Essa iniciativa pelo trabalho conjunto e pela cooperação é maior em alguns dos casos aqui estudados do que em outros, mas é nesse ponto que a presença do CETAP com um histórico de promoção da Agroecologia através da cooperação entre grupos de agricultores se converte em um fator diferencial. O papel de mediação estabelecido entre o técnico, a EcoCampos e os demais espaços de fortalecimento da Agroecologia é fundamental, não apenas no sentido de favorecer o grupo em suas necessidades mas, principalmente, no sentido de provocar e instigar exercícios de atuação coletiva e cooperação. Esse é um fator diferencial dessa instituição que faz sentido com sua defesa da Agroecologia também como processo de construção de outras formas de relações sociais.

Almeida (2009) em reflexão sobre as potencialidades da Agroecologia traz alguns questionamentos importantes que acompanharam todo o processo da presente pesquisa. Pergunta o autor:

Pode a agroecologia responder à crise, simplesmente implementando alternativas de substituição ou de adaptação aos modelos técnico-produtivos que mostram seus limites e dão sinais de esgotamento, ou seja, desempenhar o papel de resistência à crise? Deve se contentar em propor diferentes modos de inserção das atividades agrícolas e rurais familiares no tecido econômico e social local? Não se poderia dela esperar outra coisa em vista das ideias que defende e dos desejos e aspirações dos atores? (ALMEIDA, 2009, p. 145).

Essas indagações provocam, em última instância, a reflexão sobre se a Agroecologia se apresenta de fato enquanto uma possibilidade de transformação da sociedade ou se trata apenas de um modo de fazer diferenciado e ajustado às demandas por produtos ecológicos perfeitamente compatível com um “Capitalismo sustentável”. Na sequência, o autor afirma que a Agroecologia não constituiria ainda:

O que se poderia chamar de movimento social *stricto sensu*, ou seja, uma ação social organizada contra o poder de adversários que têm as rédeas do modo de desenvolvimento agrícola. É, entretanto, portadora, em gestação, de tal movimento (ALMEIDA, 2009, p. 145).

Tais questionamentos são importantes e o caso empírico aqui estudado não é capaz de responder na íntegra todas essas indagações que, evidentemente, são muito mais amplas e complexas do que a abrangência deste estudo. No entanto, algumas pistas parecem surgir sobre essa aparente encruzilhada onde se encontra a Agroecologia.

Quando os atores têm a possibilidade de agir individualmente e obter ganhos que os favoreçam sem despendar o tempo e o esforço de participar de um grupo, reuniões, assembleias, seminários e etc., e ainda assim decidem fazê-lo, sinalizam que há elementos que transcendem as vantagens econômicas racionais da ação individual. Ao atribuir à cooperação e às relações entre si valores éticos, a amizade, a confiança e o sentimento de pertencimento, os atores constroem ativamente um nova forma de relação social que tem, em si mesma, um valor humano superior ao valor material que poderia ser atingido de outra forma. Dessa forma, o caso da EcoCampos caminha mais para um esforço pela construção de novos arranjos sociais, ligados a novos mercados e alicerçados em pressupostos éticos. Assim, trata-se muito mais de uma proposta de transformação social do que de um caso de oportunismo perante o aumento do consumo dos produtos orgânicos com valor diferenciado. Isso não quer dizer que os agricultores não estão interessados em oportunidades econômicas, quer dizer que em seu universo, o percurso para atingi-

las e a forma como se trilha esse percurso são talvez mais importantes do que o êxito em si.

Por outro lado, é importante lembrar do caráter transitório da Agroecologia. Ela é flexível, pendular, os atores sociais podem afastar-se ou aproximar-se desse caminhar dependendo das situações nas quais se encontram lembrando que esse processo é profundamente complexo e, muitas vezes, não depende do indivíduo exclusivamente. Questões de ordem financeira, familiares, de saúde além de outras fazem parte desse percurso não raramente limitando-o.

Assim, identificadas as motivações dos agricultores em trabalhar com SAF's, mapeados os espaços de fortalecimento da Agroecologia e os principais atores desses espaços e realizada uma análise sobre as relações de cooperação e reciprocidade entre os atores sociais conforme previsto nos objetivos iniciais da pesquisa, a seção a seguir tece as últimas reflexões do trabalho.

## 7.1 ÚLTIMAS REFLEXÕES

Proponho ao final deste trabalho refletir sobre o conjunto de teorias das quais dispus para realizar esta pesquisa. A POA, no que tange aos estudos sobre Desenvolvimento Rural apresenta contribuições importantes, sobretudo no que diz respeito a trazer visibilidade para os atores em seu universo mais íntimo, afirmando que eles importam e não são meramente produtos de uma estrutura social determinista. A noção de agência é bastante importante e deve ser levada em conta, pois pode auxiliar pesquisas que tenham como foco de fato os atores sociais. Por outro lado, por vezes tem-se certos questionamentos sobre essa noção. Se os atores têm os recursos, a agência e percebem determinados elementos, por que muitas vezes relutam em agir de acordo com seus projetos de vida e acabam reforçando ou contribuindo com sistemas que eles mesmo identificam como problemáticos? Apenas a ideia de que o ator é capaz de agir (*capability*) não parece dar conta de explicar, muitas vezes, sua não ação, principalmente no que diz respeito a situações complexas como relações entre familiares, por exemplo. Parece que a agência em si não é suficiente para mobilizar os atores em sua totalidade. Elementos externos (como, por exemplo uma estiagem, o aumento ou diminuição excessiva do preço do dólar) exercem influência forte sobre os indivíduos tanto para favorecer, no presente caso, a Agroecologia, quanto também para ir contra ela.

Dessa forma, parece que, quando se opta por adentrar o universo pessoal de cada ator, outras propostas teóricas, talvez até de outras disciplinas, teriam contribuições importantes a fazer para melhor entender por que os atores fazem o que fazem e poderiam ser complementares à noção de agência.

Sobre a ideia de resistência, diversos elementos são importantes e contribuíram na elaboração desta pesquisa. Embora a bibliografia da qual dispus para apreender o conceito fosse centrada em grupos sociais bastantes distintos (como no caso das interpretações de Ploeg, Monsma, Negri e Scott), ricas reflexões foram possíveis. Dentre elas merece destaque a percepção de que os exercícios de resistência aos processos de dominação podem tomar formas completamente distintas.

É possível ir além das ações diretas como bloqueios de estradas, manifestações e protestos abertos e perceber a resistência em âmbitos diversos. Deixar de exercer a agricultura industrial quando se dispõe de terras em abundância para tal e investir em sistemas de produção ecológicos é um exemplo disso. Criar seu próprio espaço no âmbito familiar construindo alternativas que contrariam as expectativas parentais nas relações íntimas familiares é uma outra forma de resistência. Comprar um sítio para cuidar da vida dos animais num contexto de alteração drástica da paisagem também é uma forma de resistência e, certamente, produzir alimentos substituindo insumos químicos, literalmente, por amor, talvez o mais forte deles.

No que diz respeito à Teoria da Reciprocidade observa-se um conjunto de possibilidades muito interessantes para distintas áreas de estudo. Ela é complexa contudo e merece um aprofundamento maior, que pela natureza desta pesquisa, não foi possível. De todos modos trazer para a discussão outros valores, éticos e humanos, é não apenas bem vindo, como necessário no contexto social, ambiental e político presente.

Quanto à abordagem etnográfica aqui proposta, me parece indispensável uma reflexão profunda sobre o processo de envolvimento com os interlocutores, e ter noção da responsabilidade do pesquisador para com o grupo estudado é algo que merece mais atenção. As marcas que deixamos e os impactos que levamos após um processo de interação longo e complexo não são simples, e o retorno ao grupo social da qual o pesquisador faz parte originalmente é um processo delicado, sobre o qual ainda não disponho de elementos suficientes para fazer uma reflexão

crítica. O que posso afirmar é que a pesquisa enquanto material científico não é capaz de traduzir a dimensão das relações humanas e, portanto, não deve se propor a tal feito. Além disso, o acesso a determinadas informações compartilhadas pelos atores implica em dilemas éticos que diferenciam a pesquisa com pessoas de investigações mais técnicas, comuns em outras áreas do conhecimento.

Por fim, e na expectativa de que uma outra linguagem possa traduzir um pouco esse nosso percurso (meu, dos orientadores e dos interlocutores), compartilho um poema que espero ilustrar, de outras maneiras, as marcas que levo adiante:

*Saudades de um tempo futuro  
deste chão vermelho, ver nascer luar no escuro.*

*De descobrir as invernadas,  
do fino véu das geadas,  
do crepúsculo cantante  
silenciando as madrugadas.*

*Tristeza e dor carreguei a prantos  
de ver morrer teus lindos campos  
sob ferro de duras máquinas  
e corpos de homens tantos*

*Dolorosa alucinação,  
ver o vermelho das macieiras  
ceifar vidas de famílias inteiras  
e a máquina do progresso  
triturando corpos por suas bandeiras*

*Mas diante de tanta negligência  
vi nascer gauderia insurgência  
pois a cada pinheiro tombado  
vi outros plantarem resistência*

*Que eu nunca me esqueça  
e que nessa terra minha raiz cresça  
pra que encontre sempre  
enquanto o céu for azul  
meus amigos queridos,  
campeiros filhos do sul*

*Que para sempre se ouça  
nesta terra de pinhais  
sapucaí de guerra  
de quem planta como os ancestrais*

*Que o dourado das lavouras não ofusque  
o mais belo ouro que há  
do reluzir amarelo e vivo  
das palmeiras de butiá.  
E que onde o corpo de meu irmão caia  
cresça pitanga, mate, araçá e uvaia.*

*Sonho que voltem a correr nos campos  
lebres, graxains e veados  
e que possa a natureza um dia  
matar a sede nos banhados*

*E que quando meu próprio corpo, vire terra preta  
na sombra das florestas de cafezais  
eu descanse ainda que longe, na presença de meus iguais*

*Que as histórias de minha vida sejam justas  
e jamais se esqueçam que um dia  
vivi feliz entre os gaúchos  
nas matas e campos da Vacaria.*

Guilherme Duarte Figueiredo de Souza

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. P. **A construção social de uma nova agricultura**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- ALMEIDA, J. P.; DEPONTI, C. M. Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica. *In*. CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais** [...]. Rio Branco, 2008.
- ALTIERI, M. **Agroecology: the science or sustainable agriculture**. London: It Publication; Westview, 1995.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular; As-pta, 2012.
- AMARO, P.; GODINHO, J. Pesticidas e abelhas. **Rev. de Ciências Agrárias**, Lisboa, v. 35, n. 2, p. 53-62, jul. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-018X2012000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-018X2012000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 mar. 2020.
- ARANHA, A.; ROCHA, L. “Coquetel” com 27 agrotóxicos foi achado na água de 1 em cada 4 municípios - consulte o seu. **Agência Pública**, São Paulo, 17 abr. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/04/coquetel-com-27-agrotoxicos-foi-achado-na-agua-de-1-em-cada-4-municipios-consulte-o-seu/>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- BOGO, A. Mística. *In*: CALDART, R. S. *et al.* (Org.). **Dicionário da educação no campo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 473-477.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. **Legislação para os sistemas orgânicos de produção animal e vegetal**. Brasília: Mapa/ACS, 2009.
- BULHÕES, F. M. **Conhecimento e inovação no manejo de sistemas agroflorestais por citricultores ecológicos no vale do Caí, RS**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/40245>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. *In*: NOVAES, H.; MAZIN, Â. D.; SANTOS, L. (Org.). **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: Outras Expressões, 2016. p. 263-283.
- CARDOSO, L. S. *et al.* Disponibilidades climáticas para macieira na região de Vacaria, RS. **Cienc. Rural**, Santa Maria, v. 42, n. 11, p. 1960-1967, nov. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84782012001100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782012001100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 maio 2020.

CARDOSO, M. A. **Agrofloresta como ferramenta de autonomia: a percepção do agricultor familiar de base ecológica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/109276>. Acesso em: 05 maio 2020.

CENTRO ECOLÓGICO. **Histórico**. Ipê, 2020. Disponível em: <http://m.centroecologico.org.br/historico>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CHABAL, M. **Les structures élémentaire de réciprocité**. Cauris, 2005. Disponível em: <http://afrique.cauris.free.fr/mireille.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

CHABAL, M.; TEMPLE, D. Troca e reciprocidade. *In*: SABOURIN, E. **Sociedades e organizações camponesas: uma leitura através da reciprocidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CHRISTOFFOLI, P. I. Cooperação agrícola. *In*: CALDART, R. S. *et al.* (Org.) **Dicionário da educação no campo**. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

CITE. **Breve histórico da Federacite**. Esteio, 2020. Disponível em: <https://federacite.com.br/historia/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

CLIFFORD, J. **Itinerarios transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999.

COELHO-DE-SOUZA G. *et al.* Governança da política de desenvolvimento territorial no Rio Grande do Sul: dinâmicas no contexto socioambiental dos territórios rurais litoral e campos de cima da serra. **Margens: revista interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI)**, Abaetuba, v. 13, n. 20, p. 40-58, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/9347/6468>. Acesso em: 15 maio 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ORIENTAÇÃO. Localização do município de Vacaria na Mesorregião Nordeste do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo**, Vacaria, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.cbo.org.br/assets/gerenciador/CBO/Eventos/Regionais%202018/Boletim%203%20final.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2020.

COSTABEBER, J. A. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Agroecología, Campesinado e Historia) - Curso de Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, Universidad de Córdoba, Córdoba, 1998.

COTRIM, D. **O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico**. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/79129>. Acesso em: 24 mar. 2020.

COTRIM, D. Organização social e associativismo rural. *In*: GEHLEN, I.; MOCELIN, D. G. (Org.). **Organização social e movimentos rurais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p. 55-63.

DRINKWATER, M. Visible actors and visible researchers: critical hermeneutics in actor-orientad perspective. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 4, p.367-388, Nov. 1992.

EHLERS, E. **Agricultura sustentável: origens e perspectivas de um novo paradigma**. São Paulo: Livros da Terra, 1996.

FEDRIZZI, T. **Vacaria entre trechos: dinâmicas e trajetórias entre os trabalhadores sazonais na colheita da maçã**. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/213061>. Acesso em: 14 out. 2020.

FERREIRA, L. R. **As agroflorestas como expressão do desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul: uma análise a partir da produção de novidades**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/109257>. Acesso em: 14 out. 2020.

FERREIRA, L. R.; DAL SOGLIO, F. K. Instituições e concepções de sistemas agroflorestais no Rio Grande do Sul. *In*: SIDDIQUE, I.; DIONÍSIO, A. C.; SIMÕES-RAMOS, G. A. (Org.). **Construindo conhecimentos sobre agroflorestas em rede**. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 49-58.

FRIEDMANN, H. Household production and the national economy: concepts for the analysis of agrarian formations. *Journal of peasant studies*, v.7, p. 158-184, 1980. *In*: PLOEG, J. V. D. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GEILFUS, F. **80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación**. San Salvador: IICA, 1997.

GIDDENS, A. **The constitution of society: an outline of the theory of structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecología: procesos ecologicos em agricultura sostenible**. Turrialba: CATIE, 2002.

GOODMAN, D.; SORJ, B.; WILKINSON, J. **Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/goodman-9788599662298.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

GONZÁLEZ, S. R.; PEREIRA, V. C.; DAL SOGLIO, F. K. A perspectiva orientada ao ator em estudos sobre desenvolvimento rural. **Perspectiva Rurales**, San José, v. 13, n. 25, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/perspectivasrurales/article/view/6386/6535>. Acesso em: 20 maio 2020.

GOTSCH, E. **O renascer da agricultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: As-Pta, 1996.

HOLLOWAY, J. **Cambiar el mundo sin tomar el poder: el significado de la revolución hoy**. Madrid: El Viejo Topo, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo agropecuário 2017: resultados definitivos. *In*: IBGE. **IBGE cidades: Brasil/Rio Grande do Sul/Vacaria**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vacaria/pesquisa/24/76693>. Acesso em: 14 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro, 2012. (Manuais técnicos em geociências, 1).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LONDRES, F. **Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2011.

LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London: Routledge, 2001.

LONG, N. **Sociologia del desarrollo: una perspectiva centrada en el ator**. San Luis Potosí: Ciesas; El Colegio de San Luís, 2007. 5

LONG, N.; LIU, J. The centrality of actors and interfaces in the understanding of new ruralities: a Chinese case study. **Journal of Current Chinese Affairs**, Hamburg, v. 38, n. 4, p. 63-84, 2009.

LUNDGREN, B. O.; RAINTREE, J. B. Sustained agroforestry. *In*: NESTEL, B. (Ed.). **Agricultural research for development: potentials and challenges in Asia**. Hague: ISNAR, 1983. p. 37-49. Report of a Conference 1982.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. **Dialética da agroecologia**. Florianópolis: Expressão Popular, 2014.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

MARQUES, L. **Capitalismo e colapso ambiental**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. (Sociologia e antropologia).

MELLO, U. P. **Construção do conhecimento agroecológico em sistemas agroflorestais de erva mate e de frutíferas: conhecimento local e produção de novidades**. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/183314>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MICCOLIS, A. *et al.* (Org.) **Restauração ecológica com sistemas agroflorestais: como conciliar conservação com produção**. Brasília: ISPN/ICRAF, 2016. (Opções para cerrado e caatinga).

MILLER, R. P. Construindo a complexidade: o encontro de paradigmas agroflorestais. *In*: PORRO, R. (Ed.) **Alternativa agroflorestal na Amazônia em transformação**. Brasília: Embrapa Informação e Tecnologia, 2009. p. 537 – 557.

MONSMA, K. James C. Scott e a resistência cotidiana no campo: uma avaliação crítica. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 49, p. 95-122, 1º semestre 2000.

MOONEY, P. R. **O escândalo das sementes: o domínio na produção de alimentos**. São Paulo: Nobel, 1947.

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Agricultura São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 37-56, jul. 2004.

MORSE, R. A.; CALDERONE, N. W. **The value of honeybees as pollinators of U.S crops in 2000**. [S.l.], 2003. Disponível em: [https://www.panna.org/sites/default/files/EconValue\\_US%20Pollination\\_Morse&Calderone\\_0.pdf](https://www.panna.org/sites/default/files/EconValue_US%20Pollination_Morse&Calderone_0.pdf). Acesso em: 20 maio 2020.

MUJICA, F. P. **A alternativa de desenvolvimento rural sustentável em Vacaria/RS**. 2001. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81829>. Acesso em: 20 maio 2020.

NEGRI, A. **Movimenti nell'Impero, passagi e paesaggi**. Milano: Raffaello Cortina, 2006.

NORGAARD, R. B.; SIKOR, T. O. The methodology and practice of agroecology. *In*: ALTIERI, M. **Agroecology: the science of sustainable agriculture**. 2nd ed. Colorado: Westminster, 1995.

OTTMANN, G.; SEVILLA GUZMÁN, E. Las dimensiones de la agroecología. *In*: UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos. **Manual de olivicultura ecológica**. Córdoba, 2004. p. 11-26. (Proyecto Equal-Adaptagro). Disponível em: [http://www.historiambiental.org/wp-content/uploads/2004\\_Guzman\\_LaSustentabilidad.pdf](http://www.historiambiental.org/wp-content/uploads/2004_Guzman_LaSustentabilidad.pdf). Acesso em: 14 jun. 2020.

PAIM, W. Canção pra vacaria. *In*: PAIM, Wilson. **Wilson Paim interpreta Salvador Lamberty**. [Porto Alegre]: Nova Trilha/ Kives, 1992. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4.

PEREIRA, M. C. B. Revolução verde. *In*: CALDART, R. S *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 685-691.

PETERSEN, P. Agriculturas alternativas. *In*: CALDART, R. S. *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PILLAR, V. P. *et al.* **Campos sulinos**. Brasília: MMA, 2009.

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, J. D. V. **The virtual farmer**. Assen: Van Gorgum, 2003.

POR TRÁS DO ALIMENTO. **Você bebe agrotóxicos?**: descubra se a água da sua torneira foi contaminada, de acordo com dados do Sisagua. [S.l.]: Agência Pública; Repórter Brasil. 2018. Disponível em: <https://portrasdoalimento.info/agrotoxico-na-agua/#>. Acesso em: 06 maio 2020.

PRIMAVESI, A. **Manual do solo vivo**: solo sadio, planta sadia. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

RADOMSKY, G. F. W. **Redes sociais de reciprocidade e de trabalho**: as bases histórico-sociais do desenvolvimento na serra gaúcha. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA. **Histórico da rede**. Três Cachoeiras, 2019a. Disponível em: <http://ecovida.org.br/sobre/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

REDE DE AGROECOLOGIA ECOVIDA. **Certificação participativa**. Três Cachoeiras, 2019b. Disponível em: <http://ecovida.org.br/sobre/>. Acesso em: 12 out. 2019.

REIJNTJES, C.; HAVERKORT, B.; WATERS-BAYER, A. **Farming for the future**: an introduction to low-external-input and sustainable agriculture. Leusden: Macmillan; Ilea, 1992.

RODRIGUES, A. S.; FERREIRA, A. D. D. As estratégias de reprodução familiar dos agricultores familiares da cooperafloresta: um estudo de caso sobre processos de

reciprocidade e solidariedade. *In*: STEENBOCK, W. *et al.* **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013. p. 125-154.

SABOURIN, E. **La gestion des communs au Nordeste du Brésil et la multifonctionnalité de l'agriculture Rapport de recherche du project: la multifonctionnalité de l'agriculture comme relation entre fonctions marchades er non marchandes**. Montpellier: Cirad, 2003.

SABOURIN, E. Produção camponesa e seguridade alimentar no Brasil: uma análise pela teoria da reciprocidade. **Revista Latinoamericana de Estudios Rurales**, Argentina, v. 2, n. 3, p. 1-21, 2017.

SABOURIN, E. **Sociedades e organizações camponesas: uma leitura através da reciprocidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SCHNEIDER, S.; NIEDERLE, P. A. Resistance strategies and diversification of rural livelihoods: the construction of autonomy among Brazilian family farmers. **Journal of Peasant Studies**, [s.l.], v. 37, n. 2, p. 379-405, 2010.

SCOTT, J. C. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven: Yale University, 1985. Disponível em: <http://abahlali.org/files/Scotts-Weapons.pdf>. Acesso em: 23 maio 2019.

SEVILLA GUZMÁN, E. Agroecología y agricultura ecológica: hacia una “re” construcción de la soberanía alimentaria. **Agroecología**, Murcia, v. 1, p. 7-18, 2006. Disponível em: <https://revistas.um.es/agroecologia/article/view/13>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SEVILLA GUZMÁN, E. As bases sociológicas da agroecologia. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL, 1., 2001, Botucatu. **Anais [...]**. Botucatu, 2001. 1 CD-ROM.

SHIVA, V. **Seeds of suicide: the economic and human costs of seed monopolies and globalisation of agriculture**. New Dehli: Navdanya, 2006.

SIMONI, J. C. **Situações de interface e construção do conhecimento: grupos de agroecologia, agricultores e universidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132949>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SOUZA, J. M. de. **Percepção ambiental dos citricultores ecológicos da cooperativa ecocitrus - Vale do Caí, RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18322>. Acesso em: 27 jul. 2020.

STEENBOCK, W. *et al.* **Agrofloresta, ecologia e sociedade**. Curitiba: Kairós, 2013.

STEENBOCK, W.; VEZZANI, F. M. **Agrofloresta**: aprendendo a produzir com a natureza. Curitiba: Fabiane Machado Vezzani, 2013.

TEMPLE, D.; CHABAL, M. L'économie humaine. La revue du Mauss, n. 10, (1), p.103-109, 1997. *In*: SABOURIN, E. **Sociedades e organizações camponesas**: uma leitura através da reciprocidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

TEMPLE, D.; CHABAL, M. Les origines anthropologiques de la réciprocité. **Education Permanente**, Paris, v. 144, n. 3, Réciprocité et réseaux en formation, 2000.

TEMPLE, D.; CHABAL, M. **La réciprocité et la naissance des valeurs humaines**. Paris, L'Harmattan, 1995.

TEMPLE, D.; CHABAL, M. **Théorie de la réciprocité**. [S.l.], 1999. Disponível em: [http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocite&id\\_rubrique=5](http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocite&id_rubrique=5). Acesso em: 22 nov. 2020.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 300, n. 11, p.11-13, 1 dez. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/300>. Acesso em: 31 jan. 2020.

VACARIA. Prefeitura Municipal. **Brasão do município**. Vacaria, 2020. Disponível em: <https://vacaria.rs.gov.br/img/Brasao-Vacaria.png>. Acesso em: 14 mar. 2020.

VACARIA. Prefeitura Municipal. **Vacaria - RS - Brasil**. 7 fev. 2012. (9min25s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ZnkK5cDpl\\_c&width=540&height=406](https://www.youtube.com/watch?v=ZnkK5cDpl_c&width=540&height=406). Acesso em: 14 mar. 2020.

WENGER, E.; SNYDER, W. Communities of practice: the organizational frontier. **Harvard Business Review**, Cambridge, p. 139-145, Jan./Feb. 2000. Disponível em: <https://hbr.org/2000/01/communities-of-practice-the-organizational-frontier>. Acesso em: 31 jan. 2020.

WEZEL, A. *et al.* Agroecology as a science, a movement and a practice: a review. **Agronomy for Sustainable Development**, [s.l.], n. 29, p. 503–515, 2009.

YANA, W.; WEINERT, H. **Técnicas de sistemas agroforestales multiestrato**: manual práctico. Sapecho: Piaf - El Ceibo, 2001.

## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES

### Roteiro de observação:

#### **Histórico:**

Histórico da família e da propriedade (linha do tempo)

Histórico da propriedade focando nos usos e no tempo. Diferenciação dos sistemas produtivos e mudança para tal.

#### **Percepção:**

1. Quando conheceu o tema das agroflorestas pela primeira vez?
2. Como foi essa experiência?
3. Por quê decidiu trabalhar com o tema das agroflorestas?
4. Em sua opinião, o que diferencia a agricultura com sistemas agroflorestais da agricultura convencional?
5. O que representa para você a importância de fazer, produzir e viver as agroflorestas?
6. Desde que se envolveu com Sistemas Agroflorestais, diria que sua vida mudou? Como?
7. Quais dificuldades você visualiza para manutenção dos sistemas agroflorestais?
8. De maneira geral, como você adquire informações ou conhecimentos sobre a condução, o manejo e a produção em sistemas agroflorestais?
9. Você recebe algum apoio técnico de alguma organização para o manejo do SAF?
10. Como conheceu essa organização?

#### **Manejo:**

11. Qual a área (hectares) manejada em SAF?
12. Quais são as espécies manejadas no SAF?
13. Quantas pessoas trabalham com você na sua agrofloresta? Por quê?
14. Gostaria de aumentar a área de saf no futuro?

#### **Comercialização:**

15. Quais os destinos dos alimentos e outros produtos que você retira do SAF?
16. Comercializa a produção?
17. Gostaria de comercializar os produtos do SAF?
18. Quais as dificuldades para comercialização dos produtos do SAF?

#### **Cooperação e reciprocidade:**

19. Desde que se envolveu com os SAF's passou a participar de algum grupo organizado?
20. Quais os benefícios de compor esses espaços em que os agrofloresteiros se organizam?
21. Existe algum aspecto negativo, ou que não lhe agrade de participar dessas iniciativas?
22. Você gosta ou gostaria de visitar outras propriedades; sistemas agroflorestais? Por quê?

23. Alguma vez já participou de mutirões em sistemas agroflorestais? Como foi a experiência?

24. Gostaria de participar de outros mutirões?

25. Gostaria de realizar mutirões na sua propriedade? Por quê?

26. Quais as vantagens em fazer mutirões agroflorestais?

27. Quais as desvantagens em fazer mutirões agroflorestais?

**Contexto:**

28. De maneira geral como você avalia a agricultura em Vacaria?

29. Há algum tipo de agricultura predominante? Qual?

30. Alguns agricultores no município investem na produção de grãos e maçãs , você gostaria de trabalhar com algum destes produtos? Por quê?

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados,

Vocês estão sendo convidados para participar da pesquisa intitulada “A construção de uma outra agricultura: Sistemas agroflorestais, cooperação e reciprocidade no município de Vacaria, RS”. O presente documento contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa. A participação da associação é fundamental, no entanto, a decisão de participar deve ser tomada pelo grupo. Caso não haja o interesse em participar, isso não traz nenhum prejuízo a nível individual ou de grupo. Caso exista algum tipo de dúvida, ela pode ser sanada pelo pesquisador responsável.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade, todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais.

Assim sendo, eu, Guilherme Duarte Figueiredo de Souza, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em respeito aos direitos legais e à dignidade humana das pessoas voluntárias desta pesquisa, peço respeitosamente autorização para que as informações prestadas através de fotografias, gravações e ou filmagens possam ser utilizadas para análises posteriores e confecção de futuros resultados de pesquisa científica (dissertação de mestrado e artigos científicos).

Desta forma, explico abaixo as informações necessárias a respeito da pesquisa e sobre sua participação:

1. O objetivo deste trabalho consiste em pesquisar sobre o processo de construção de uma agricultura alicerçada em sistemas agroflorestais em Vacaria, bem como em analisar as contribuições das relações sociais na construção desta forma de estratégia.

2. A identidade de todos(as) participantes serão preservadas, sendo que a identidade das pessoas citadas pelo(as) entrevistados(as) serão transcritas apenas pelo primeiro nome. Havendo concordância do(a) participante, seu nome verdadeiro

poderá constar apenas nos agradecimentos da dissertação, junto a todos(as) outros(as) participantes, sem identificá-lo com os relatos e análises da Tese.

3. A contribuição dos indivíduos consiste na participação em entrevistas e conversas com o pesquisador, além da participação conjunta em atividades cotidianas como, por exemplo, a presente reunião;

4. Em qualquer momento do processo de pesquisa os/as participantes poderão ter acesso às gravações, transcrições (caso haja) e comentários das entrevistas relacionadas à sua pessoa, podendo solicitar supressão de trechos, revisão ou mudança de opiniões ou até mesmo o cancelamento de sua participação na pesquisa.

5. Toda e qualquer forma de registro, seja através de imagens, filmagens ou gravações será realizado exclusivamente mediante a permissão e a ciência do grupo.

6. Para qualquer dúvida relativa ao andamento do processo de investigação disponibilizaremos os dados do responsável: Guilherme Duarte Figueiredo de Souza, telefone (51) 98687 2917 e-mail: [guilherme.souza.rl@protonmail.com](mailto:guilherme.souza.rl@protonmail.com), endereço profissional: Faculdade de Ciências Econômicas, Av. João Pessoa 31 1o andar, Bairro Centro Histórico, Campus Centro, Porto Alegre/RS. Disponibilizamos também o nome da instituição a qual o pesquisador está vinculado: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) que compõe a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do sul localizado no mesmo endereço com o telefone (51) 3308 3281 e e-mail [pgdrint@ufrgs.br](mailto:pgdrint@ufrgs.br)

De acordo os presentes:

Data: